

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MÁRCIA VALÉRIA ALVES GOMES

DO FATO À NOTÍCIA E AO FILME: O ASSALTO
AO TREM PAGADOR

BAURU

2010

MÁRCIA VALÉRIA ALVES GOMES

**DO FATO À NOTÍCIA E AO FILME: O ASSALTO
AO TREM PAGADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Nelyse Aparecida Melro Salzedas.

BAURU

2010

Gomes, Márcia Valéria Alves.

Do fato à notícia e ao filme: O Assalto ao Trem
Pagador / Márcia Valéria Alves Gomes, 2010.

144 f. : il.

Orientador: Nelyse Aparecida Melro Salzedas

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2010

1. Linguagens midiáticas. 2. Mídia impressa. 3.
Mídia audiovisual. 4. Discurso I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MÁRCIA VALÉRIA ALVES GOMES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICACAO DE BAURU.

Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2010, às 14:00 horas, no(a) Sala dos Órgãos Colegiados da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. NELYSE APPARECIDA M SALZEDAS do(a) Departamento de Artes / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. ADENIL ALFEU DOMINGOS do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. HELOISA HELOU DOCA do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação / Universidade de Marília, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MÁRCIA VALÉRIA ALVES GOMES, intitulada "Do fato à notícia ao filme: o assalto ao trem pagador". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovado _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. NELYSE APPARECIDA M SALZEDAS

Prof. Dr. ADENIL ALFEU DOMINGOS

Profa. Dra. HELOISA HELOU DOCA

MÁRCIA VALÉRIA ALVES GOMES

**DO FATO À NOTÍCIA E AO FILME: O ASSALTO AO
TREM PAGADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Data da Aprovação: 30/08/10

Banca Examinadora:

Presidente: Prof.^a Dra. **Nelyse** Aparecida Melro **Salzedas**

Instituição: PPG/FAAC/Unesp – Bauru

Titular: Prof. Dr. **Adenil** Alfeu **Domingos**

Instituição: PPG/FAAC/Unesp – Bauru

Titular: Prof.^a Dra. **Heloisa** Helou **Doca**

Instituição: Universidade de Marília – Unimar

A todos aqueles que ousam na conquista de seus sonhos e que são capazes de persistir independentemente da situação e das circunstâncias que a vida lhes impõe. Aos que conseguem reunir forças, mesmo quando as adversidades cotidianas nos instigam a parar em meio à jornada. Também, a todos, que seguem sem olhar para as tempestades passadas, mas sim, com a certeza de que, a cada amanhecer, novos caminhos devem ser trilhados em busca de alcançar cada um de nossos sonhos e ideais, hoje e sempre, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar comigo em todos os momentos da minha vida, e por ter me guiado, sempre, em todos os lugares por onde o Mestrado me fez passar, visitar, conhecer, enfim, estar, durante esses últimos cinco anos, quando me aventurei nessa longa e árdua jornada.

À minha família pelo apoio e pela dedicação constantes.

Ao meu pequenino filho Matheus Augusto Alves Ferreira, por saber entender minhas ausências, e me compreender em todos os momentos da realização deste trabalho.

À minha orientadora Professora Doutora Nelyse Aparecida Melro Salzedas por ter me dado a oportunidade de ser aluna especial de suas disciplinas, pelo apoio nas diferentes etapas desta pesquisa, pela paciência, pela dedicação e pelos sábios conselhos, sem os quais não seria possível a concretização desta caminhada acadêmica.

Ao Professor Doutor Mauro Pedro Perez, da Faculdade de Engenharia (Unesp – Campus de Guaratinguetá) pelo estímulo primeiro.

À minha querida família adotiva bauruense: Rosana Utida Papassoni Salvador, Milton e Mariana, pela alegre acolhida, sempre, pelo apoio em todos os sentidos, pelas conversas, pelos e-mails, pelos favores, enfim, por tudo...Milhões de palavras não expressariam minha gratidão.

Aos meus inesquecíveis amigos, os quais tive o privilégio de conhecer durante o Mestrado: Audrey do Nascimento Sabattini Martins, Cláudia Regina Franzão, Rodrigo Daniel Levoti Portari, Natália Caroline Rodrigues, Ana Flávia Sípóli Cól, Noemi Correa Bueno e Juliana dos Santos Padilha, amigos em todos os sentidos, com os quais compartilhei vários momentos da realização deste trabalho. Amigos que, mesmo distantes, nunca mediram esforços para me ajudarem naquilo que foi necessário.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, Sílvia Carlos Decimone e Helder Gelonezi pela atenção a mim dispensada, em todos os momentos, desde 2006, quando ingressei como aluna especial do Programa. Agradeço-os pelos e-mails, pelo esclarecimento de tantas dúvidas e pelas conversas, sempre enriquecedoras, que tivemos em muitos momentos da realização deste curso.

Às funcionárias da Biblioteca da Unesp, Campus de Bauru, por estarem sempre presentes nos meus e-mails, sanando minhas eventuais dúvidas, e, sobretudo, pela brevidade nas respostas às minhas questões. Agradeço por toda a assistência irrestrita prestada em meio às inúmeras dúvidas acadêmicas.

Ao Mestre e amigo de todas as horas, Jefferson José Ribeiro de Moura, do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (Unitau), por sempre ter me estimulado na concretização dos meus ideais de pesquisa, desde a graduação, e por me ensinar que sempre há um novo caminho para ser trilhado. Exemplo de persistência, dedicação e, sobretudo, de amor ao próximo.

Ao Gilcimar Reis Mendonça por estar sempre do meu lado e, ainda, por compreender minhas ausências durante a elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos do Departamento de Odontologia da Universidade de Taubaté (Unitau), Solange José de Moura e Benedito Lourival Ramos pela compreensão, pelo apoio e, sobretudo, pelas ajudas no decorrer do curso de Mestrado.

À Maria José Fonseca Morotti Lemes, do Núcleo de Educação à Distância (NEAD-Unitau), à Maria Laura Antunes, da Biblioteca do Departamento de Pedagogia, Ciências Sociais e Letras da Unitau, e à Maria Teresa Buono Vieira Osório, Bibliotecária do Centro de Pesquisa Bibliográfica (CPB) da Universidade de Taubaté, pela amizade, e, às duas últimas, sobretudo, pela amizade e, ainda, pela indicação de tantos livros e artigos científicos, necessários para a concretização deste trabalho.

Ao Gedalias Silva que embarcou nessa viagem pelo trem pagador há poucos dias, mas a quem considero velho conhecido neste percurso. Muito obrigada pelas conversas e dicas acadêmicas.

As minhas vizinhas Lucinete e Irene, de Taubaté; a primeira por ter acolhido, sempre, meu filho, com tanto carinho, enquanto eu estava em Bauru; e à última, pelo cuidado com as minhas correspondências.

Ao funcionário Cícero, do Centro Técnico do Audiovisual, do Rio de Janeiro, pela atenção a mim dispensada quando da minha visita ao CTAv. cedendo material de pesquisa para a elaboração deste trabalho.

Ao José Eduardo dos Santos, filho do pagador do trem assaltado em 1960, Cícero de Carvalho Filho (in memoriam), por ceder as fotografias de seu pai, que serviram para ilustrar este trabalho.

“O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo”.

O discurso das mídias
Patrick Charaudeau

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar criticamente a transposição de um relato de um fato real — o assalto ao trem pagador, ocorrido em 1960, no Rio de Janeiro e publicado pelo jornal *O Globo* — para o meio audiovisual, por meio da reprodução desse mesmo fato no discurso fílmico do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, de 1962, obra cinematográfica que apresenta uma releitura do factual com o objetivo de atingir o espectador do meio audiovisual. Tal objetivo foi estabelecido, porque percebemos que o discurso fílmico tomou como fonte de informação o discurso jornalístico e constituiu outra versão do factual, que ora se aproxima e ora se afasta desse discurso. Tal versão foi adaptada às suas linguagens como meio audiovisual. Por meio da investigação das ocorrências das similaridades e das disparidades entre os discursos midiáticos e da produção de sentido no público-alvo de cada um desses meios, analisamos as estratégias discursivas que foram utilizadas pelos meios midiáticos para recriar um contexto verossímil com o fato real. Como acreditamos que o discurso jornalístico serviu como fonte de informação para a elaboração do discurso fílmico, escolhemos um método que nos possibilitasse definir as semelhanças e diferenças entre esses discursos, portanto, optamos pelo método de análise comparativa. Concluímos, com essa análise, que cada meio utiliza a melhor estratégia discursiva na produção do conteúdo de seus produtos midiáticos, visando conquistar o interesse do seu público-alvo.

PALAVRAS-CHAVES: Linguagens midiáticas. Mídia impressa. Mídia audiovisual. Discurso. Fato real.

ABSTRACT

The aim of this work was to examine the implementation of a report about a fact critically: the robbery to a great payer train, which occurred in Rio de Janeiro (BR) in 1960 and whose news was published by *O Globo*, a Brazilian newspaper. We researched how the factual was narrated by audiovisual media, through the reproduction of that fact itself into a film discourse. We have found out that *O Assalto ao Trem Pagador* presents a new reading of the facts in order to reach the expectator's audiovisual medium. Our goal was set as soon as it has been realized that the film discourse took the media discourse as a source of information to change the real facts into another version of the events, which now approaches and departs from media discourse. Such version had its newspaper language adapted to the audiovisual media. Through the investigation of occurrences, similarities and differences between both media discourse and the meaning generation to the target audience of each means, newspaper and cinema, we have analyzed the discursive strategies that were used by the media means to recreate a believable context with the resemblance to the real fact. As we believe the journalistic discourse has served as a source of information for elaborating the film discourse, we chose a method that would allow us to define the similarities and differences between these discourses, thus we have opted for a comparative analytical methodology. We have concluded from this analysis that each medium tries to use the best communicative strategy, or strategies, in the production of a discursive content for their media products so that the product can capture the interest of their target audience.

KEYWORDS: Language media. Print media. Audiovisual media. Speech. True fact.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - O FATO : O ASSALTO AO TREM PAGADOR	21
1.1. O FACTUAL	21
1.1.1. O fato segundo <i>O Globo</i> e o <i>Jornal da Tarde</i>	22
1.1.2. O fato em si como objeto dinâmico do mundo exterior	25
1.1.3. Os Gêneros Textuais: Informativo, Opinativo, Argumentativo	30
1.1.4. A Linguagem Jornalística	34
1.1.5. Jornalismo Policial	37
1.1.6. A ficcionalização do fato real baseada na descrição jornalística	39
1.2. ANÁLISE CRÍTICA DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS	44
SOBRE O ASSALTO AO TREM PAGADOR PUBLICADAS EM <i>O GLOBO</i>, DE 14 A 21 DE JUNHO DE 1960	
1.2.1. “Assalto a um Trem Pagador da Central!”	45
1.2.2. “Bandidos de máscara e luvas matam um ferroviário, ferem 4 e fogem com 27 milhões”	51
1.2.3. “Espera a Polícia prender os assaltantes em 48 horas”	62
1.2.4. “Croqui do local encontrado com um suspeito!”	68
1.2.5. “Nenhum progresso nas investigações do assalto”	73
1.2.6. “Perde-se a Polícia em um emaranhado de pistas no assalto ao trem”	77
1.2.7 “Identificados e na mira da polícia dois dos assaltantes do trem”	80
CAPÍTULO 2 - O FILME “O ASSALTO AO TREM PAGADOR”	84
2.1. PRODUÇÃO DE SENTIDO NO MEIO AUDIOVISUAL	84
2.2. O DISCURSO JORNALÍSTICO COMO FONTE DE	91
INFORMAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO FÍLMICO	
2.3. ANÁLISE CRÍTICA DAS CENAS INICIAIS DO FILME ATÉ OS 12min15s	92

2.4. ANÁLISE CRÍTICA DAS CENAS COMPREENDIDAS ENTRE OS 12min33s E OS 13min05s DO FILME	99
2.5. ANÁLISE CRÍTICA DAS CENAS COMPREENDIDAS ENTRE OS 22min43s E OS 23min10s DO FILME	102
3. AS LINGUAGENS MUSICAIS DO FILME “O ASSALTO AO TREM PAGADOR”	105
4. ANTROPOFAGIA E SINCRETISMOS NO DISCURSO FÍLMICO	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	122
FONTES ELETRÔNICAS	123
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	124
ANEXOS	126

INTRODUÇÃO

Com o intuito de informar e conquistar cada vez mais a credibilidade de seu público-alvo, uma mídia baseia-se na informação veiculada em outros meios midiáticos, para construir um discurso acessível ao interesse do destinatário da informação. Desta maneira, a abordagem de um fato real pela mídia impressa pode servir como fonte de informação para a produção de outro discurso, sobre o mesmo fato, na mídia audiovisual, como o cinema.

Analisando o contexto, verificamos que há similaridades e disparidades na descrição de um mesmo fato real, veiculado por meios midiáticos distintos, as quais originam outro discurso, caracterizado por ser recriado, interpretado e adaptado aos interesses dos meios. O discurso midiático busca atingir maior audiência com o público-alvo dos meios, produzindo determinado sentido nos leitores/espectadores. Sentido este, constituído pelas linguagens midiáticas, que são específicas e peculiares em cada um dos diferentes meios de comunicação. Como os meios midiáticos contam com diferentes suportes na propagação das informações, utilizam, também, diferentes linguagens.

Na reprodução do factual pelas diferentes linguagens midiáticas, percebemos que há, nos discursos dos meios, supostas características do fato real, que originou a reprodução de determinada informação, bem como a visão, “o recorte”, daquele profissional de comunicação que o reproduziu, conforme o seu ponto de vista. Essa intencionalidade mostra-se subentendida tanto no texto impresso quanto na captação e na composição das imagens constituintes das cenas cinematográficas. São anseios de quem reportou determinado contexto, de acordo com sua visão de mundo, e daquele profissional que considerou algo relevante para si e teve a intenção de apresentá-lo aos leitores/espectadores, como nos afirma Charaudeau¹:

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade, através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos... (CHARAUDEAU, 2006, p.19).

¹ CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

A linguagem, que no jornal impresso é transposta no texto jornalístico, busca reconstituir para o leitor o fato real, e procurará, baseada nos acontecimentos reais, mostrar ao público um retrato mais próximo da autenticidade do contexto social. Para que esse efeito de autenticidade conquiste a atenção do leitor, o texto jornalístico precisa: apresentar clareza, concisão, objetividade; além disso, deve ser direto na divulgação da informação, de modo que, simultaneamente, o informe e permita ao mesmo formar uma opinião sobre o conteúdo a que foi exposto, veiculado por esta mídia. Como o texto jornalístico caracteriza-se por se basear em acontecimentos reais como fontes de informação, outros meios buscam, no jornal impresso, atrativos que os inspiram a produzir o tema de seus produtos midiáticos. Desse modo, os acontecimentos reais, que na maioria das vezes são reconstituídos, tornam-se num produto de ficção.

Propomo-nos, portanto, a analisar como que um fato real — o assalto ao trem pagador, ocorrido em 14 de junho de 1960, no Rio de Janeiro —, e a veiculação das notícias sobre este fato, pelo jornal *O Globo*, serviram como fonte de informação para a (re)apresentação do acontecimento pelo meio audiovisual, o filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, uma produção cinematográfica dirigida por Roberto Farias que estreou no cinema, em 1962. Focalizamos nossa análise nas marcas discursivas transpostas nas linguagens midiáticas, as quais originaram o discurso dos dois meios, acerca do factual, e que serviram para produzir sentido aos leitores/espectadores desses meios.

Para tanto, tomamos como *corpus* de análise desta pesquisa as notícias veiculadas pelo jornal *O Globo* no período de 14 a 21 de junho de 1960 e 03 cenas do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”. Nossa escolha por este jornal justifica-se pelo fato de este veículo ter sido naquela época “um volumoso e variado vespertino, e parte integrante de uma empresa que editava inúmeros periódicos”, segundo os autores Marcello de Ipanema e Cybelle de Ipanema, no livro *História da Comunicação*² (1967, p. 332). Apoiamo-nos, também, na característica de este jornal ter abrangência nacional e internacional quanto à veiculação de notícias; e na localização da sede da publicação, que foi o Rio de Janeiro, local do acontecimento real. Sendo assim, supomos que haveria maior incidência de notícias acerca do assalto ao trem pagador nesse veículo de comunicação.

² IPANEMA, Marcelo de; CYBELLE de. **História da Comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1967.

O processo de escolha desse objeto de pesquisa teve origem na elaboração de um trabalho de conclusão de curso de 1998, desenvolvido para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo pela Universidade de Taubaté — o livro-reportagem intitulado “Morro da Providência: fim de Canudos, começo de tudo” —, quando foi pesquisada a história do Morro da Providência, a primeira favela do Rio de Janeiro. O que chamou a atenção foi o fato de que esse mesmo morro foi cenário de algumas das cenas da produção cinematográfica “*O Assalto ao Trem Pagador*”, e assim, surgiu a necessidade de aprofundamento desse aspecto. Com isso, retomamos o assunto, voltando nossa atenção para o fato de o discurso da mídia impressa ter servido como fonte de informação para a construção do discurso do meio audiovisual. O intuito foi mostrar, por meio de uma leitura crítica, que o discurso de um meio encontra-se subentendido no discurso de outra mídia, bem como enfatizar a produção de sentido que esses meios procuraram transmitir aos destinatários da informação, através das diferentes linguagens midiáticas.

A escolha por esse período de publicação justifica-se por considerarmos que houve maior incidência de notícias naqueles dias, já que se trata do dia do acontecimento e da semana subsequente ao mesmo. Além disso, uma análise preliminar aponta que as notícias veiculadas nesses dias tiveram maior relação com o discurso elaborado pelas linguagens audiovisuais. No período de análise excetua-se o dia 19 de junho de 1960 que, segundo informações do Centro Infográfico de *O Globo*, não houve publicação do jornal naquela data, por se tratar de um domingo, dia em que não havia circulação do jornal vespertino naquela época.

A pesquisa consiste de duas partes. A *primeira* parte descreve o fato real e analisa o texto jornalístico produzido sobre este fato, de acordo com as características de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade, próprias deste meio midiático. Porém, enfatizamos principalmente a inteligibilidade, por ser de acordo com Charaudeau: “a exigência de inteligibilidade, embora ligada às anteriores, aplica-se principalmente ao comentário do acontecimento. Essa, também está direcionada para o entendimento, mas aqui trata-se de esclarecer o porquê e o como das notícias” (2006, p. 233).

Ater-nos-emos mais no aspecto de inteligibilidade, porque apesar da importância dos demais aspectos acima citados, nossa intenção não foi fazer uma análise linguística englobando todos os aspectos constituintes do texto jornalístico, e, sim, fazer uma interpretação crítica das notícias sobre o fato, no que se refere à

produção de sentido ao leitor. Após essa interpretação, demonstramos como este discurso jornalístico serviu de fonte de informação para a reconstituição do fato pelo meio audiovisual. Sendo assim, demos ênfase para o discurso jornalístico como uma fonte de informação, considerando principalmente o grau de verossimilhança existente entre este, o fato real e a construção do discurso fílmico, que consistiu da segunda parte da dissertação. Esta característica, segundo Charaudeau, caracteriza-se pelo fato de:

Dizer o que aconteceu significa que não há coincidência temporal entre o dito e o fato e que o relato que se instaura entre os dois só pode ser de reconstituição. Assim, o problema que se coloca é o da veracidade da reconstituição, de seu grau de verossimilhança que pode ir do mais provável ao improvável, e mesmo ao inventado. Tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou. (CHARAUDEAU, 2006, p. 89).

Formulamos, para esta pesquisa, as seguintes perguntas: Houve similaridades e/ou disparidades entre os discursos midiáticos? Como foi produzido o sentido no público-alvo destes meios? Como os discursos midiáticos recriaram um contexto verossímil com o fato real? Na busca pelas repostas a essas perguntas, tomamos por base teórica a Análise de Discurso, enfatizando o discurso midiático, abordado por Charaudeau (2006). A partir do ponto-de-vista teórico de Charaudeau, a leitura abrangeu as condições de produção do texto jornalístico e do discurso fílmico. Sendo assim, na elaboração desta dissertação, direcionamos a atenção às condições de construção do discurso impresso, e do discurso cinematográfico, por meio das diferentes linguagens, e ao sentido visado ao público-alvo por estes discursos. Pretendemos mostrar que a produção cinematográfica buscou, no discurso impresso do jornal *O Globo*, subsídios e informações acerca do fato real, que, posteriormente, foram transpostos e reconstituídos pelas linguagens do audiovisual — como a visual, a musical, a não-verbal e a sonora — e intencionou produzir no espectador um sentido similar ao que foi veiculado no jornal.

Quanto à análise das linguagens cinematográficas, tomamos por base Walter Benjamin (1996), *Magia e Técnica, Arte e Política*, e Canevacci (1996), *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*; além de Godoy [200-?], *Paradigma para Fundamentação de uma Teoria Realista do Documentário*; de Abdala Júnior [200-?], *O cinema: outra forma de ver a história*; Baitello Júnior (2002), *As Quatro Devorações*, e

Sodré (2009), *A narração do fato*, pois acreditamos que as obras desses autores têm relação com a produção da linguagem cinematográfica, a qual se baseia em outros meios midiáticos e artísticos para constituir a linguagem do movimento. Outras referências complementares à pesquisa, como livros que versam sobre a linguagem jornalística e a linguagem cinematográfica, foram utilizados no decorrer da elaboração desta dissertação.

Como acreditamos que o discurso jornalístico serviu como fonte de informação para a elaboração do discurso fílmico, escolhemos um método que nos possibilitasse definir as semelhanças e diferenças entre esses discursos, portanto, optamos pelo método de análise comparativa. Para apontar as semelhanças entre os discursos dos dois meios midiáticos, apoiamo-nos, principalmente em relação ao discurso cinematográfico, nos conceitos de antropofagia na comunicação, sincretismos e hibridismos de linguagens, respectivamente, dos autores Norval Baitello Júnior e Massimo Canevacci, por acreditarmos que esses conceitos encontram-se implícitos na construção das linguagens cinematográficas, as quais originaram o discurso deste meio. Uma de nossas análises críticas nos mostrou que esta similaridade entre os dois discursos foi transposta para o meio audiovisual nas cenas que descreveremos nesta pesquisa, correspondentes às imagens compreendidas nos intervalos: do início do filme até os 12min15s, aos 12min33s e aos 22min43s. Elas assemelham-se com o texto jornalístico, das notícias veiculadas no jornal *O Globo* nos dias 15 e 18 de junho de 1960.

A pesquisa foi constituída de dois capítulos: no primeiro analisamos, criticamente, o discurso jornalístico acerca do factual veiculado na mídia impressa; no segundo, consideramos o discurso presente em 03 trechos fílmicos da obra cinematográfica, cujo enredo tratou do fato real, e a relação entre o discurso fílmico e o discurso jornalístico de *O Globo*. O corpus de análise desta pesquisa constituiu-se das notícias veiculadas no jornal *O Globo*, no período de 15 a 21 de junho de 1960, sobre o assalto, e 03 cenas do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”.

As notícias publicadas em 15 de junho de 1960 descreveram, para o leitor, detalhes de como ocorreu o assalto, com uma divulgação que abrangeu toda a página 6 do jornal. Logo na primeira página, o leitor daquela época deparou-se com um título atrativo, em fonte caixa alta, que foi destaque no lado superior direito da página e que informava:

“BANDIDOS DE MÁSCARA E LUVAS MATAM UM
FERROVIÁRIO, FEREM 04 E FOGEM COM 27 MILHÕES³”.

Ao analisar esse título, indagamo-nos acerca dos motivos que levaram aquele profissional da informação a fazer uso de fonte caixa alta. Se considerarmos as primeiras páginas dos jornais de hoje, tal recurso é comum. Todavia, naquela época, percebemos que não havia um planejamento gráfico uniforme. Certas notícias eram enunciadas em fonte caixa alta; outras, em fonte caixa baixa, de modo que havia uma variedade de formatos para cada notícia. Em nossa análise, percebemos que essa estratégia persuasiva servia como um atrativo para destacar apenas os títulos de matérias com conteúdos relevantes, que prendiam a atenção do leitor logo no primeiro momento. Se voltarmos, porém, nossa atenção para as primeiras páginas do jornal *O Globo*, em 1960, notamos que não há um padrão de diagramação específico daquele jornal, mas há uma infinidade de uso de fontes e de estilos de fonte. Isso nos leva a concluir que a escolha da fonte, caixa alta ou baixa, variava de acordo com a relevância da notícia, segundo a opinião de quem a produziu. Quanto mais importância o fato tivesse, mais se utilizava a fonte caixa alta como uma maneira de destacar determinadas notícias em detrimento de outras. Ainda em relação à reportagem publicada em 15 de junho de 1960, o título da matéria mostrou ao leitor um resumo do fato, respondendo duas questões básicas características do *lide* jornalístico: *O quê?* e *Quem?*

Em toda a página 6, o acontecimento envolvendo o trem foi descrito, minuciosamente, para o público-alvo do jornal. Um resumo introdutório, uma espécie de *lide*, colocado antes do relato dos fatos, permitiu ao leitor inteirar-se do assunto antes de consumir a abrangente matéria jornalística. Comparando essa reportagem sobre o assalto com intervalo entre o início do filme e os 8min45s, observamos que, sem o recurso do texto jornalístico e apenas com o auxílio das linguagens audiovisuais também obteríamos informações sobre o assalto. Isso é percebido quando assistimos ao intervalo entre os 27s e os 4min20s, momentos em que apenas a trilha sonora, junto às imagens, introduz o espectador no contexto do acontecimento, tudo com a ausência da linguagem verbal, que desaparece por completo. Podemos notar, então, que o discurso jornalístico está implícito no discurso do audiovisual, pois esses momentos iniciais do

³ Bandidos de máscara e luvas matam um ferroviário, ferem 4 e fogem com 27 milhões. O GLOBO, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jun. 1960.

filme introduzem o espectador ao assunto, por meio de um fundo musical. Ao mostrar os protagonistas do roubo de máscaras e luvas, simultaneamente com uma faixa musical, que climatiza uma ação e um suspense, o filme transmite, ao espectador, a ideia de que algo inesperado está para acontecer com o trem.

Em apenas 8min45s todo o acontecimento, baseado nas informações jornalísticas, chega ao espectador, que ao ler a mescla das linguagens do audiovisual tem uma reconstituição do fato verídico. É como se o texto jornalístico estivesse embutido no roteiro da produção fílmica, que se destacou ao recriar um contexto próximo do fato real, já que o filme, por ser em preto-e-branco, não teve o auxílio das cores para dramatizar nas telas com mais autenticidade o que ocorreu na realidade.

Na mesma matéria jornalística publicada em 15 de junho de 1960, a mídia impressa descreveu o local do assalto como “um cenário deserto e romântico para o desenrolar do espetáculo sangrento” (*O Globo*, 15/06/60, p. 6), discurso observável do início do filme até os 8min45s, quando a produção fílmica procurou mostrar uma área rural, deserta e desabitada para a desenvoltura das cenas iniciais.

Após quatro dias do acontecimento, a atenção da mídia impressa se preocupou em dar uma continuação do fato ao leitor, porém com menos relevância. As notícias sobre o assalto passaram a ocupar posições secundárias nas primeiras páginas. O conteúdo versava sobre o andamento das investigações acerca do assalto. Em 18 de junho de 1960, na mesma página 6 de *O Globo*, o leitor teve acesso às informações sobre o trabalho pericial, que pouco avançou desde o dia do acontecimento; e uma das informações dessa matéria jornalística fora conteúdo dos 12min33s do filme, nos quais foram mostradas cenas que tratam das investigações com a presença de um jornalista, que acompanha todas as ações do delegado, responsável pela cobertura do caso. Na busca incessante por informações, o repórter, na versão de *O Globo*, acabou atrapalhando as ações periciais, e retardando a descoberta de suspeitos, pois deixou suas digitais no megafone e na garrafa de uísque, objetos utilizados no assalto, conforme informações de *O Globo*, de 18 de junho de 1960, no intertítulo denominado “trabalho pericial”. Outro aspecto relevante no filme é mostrado aos 23min13s e retomado aos 43min34s, quando alguns dos protagonistas acompanharam as investigações sobre o assalto por meio do jornal. Notamos que a mídia impressa serviu, mais uma vez, como fonte de informação para a construção do discurso do meio audiovisual.

A ficção imitou a realidade. O fato foi verídico e aconteceu quando um dos integrantes do bando que assaltou o trem pagador, Geraldo da Silva Ribeiro (o “Manacéia”) descobriu, pelo jornal, que estava sendo acusado e procurado como um dos executores do roubo, segundo informações do *Jornal da Tarde*⁴, publicadas em 1973. Uma das cenas do filme mostrou o personagem, interpretado pelo ator Reginaldo Farias (“Grilo Peru”), no centro do Rio de Janeiro, observando um jornal, no ponto de venda, que traz informações acerca do assalto. Voltemos nossa atenção para o que foi divulgado pela mídia impressa, em 18 de junho de 1960, sobre o croqui encontrado com um dos suspeitos (Jaime Laureano de Freitas). Percebemos que o perfil do personagem interpretado pelo ator Reginaldo Farias, no filme, é parecido com o perfil físico do suspeito acima, conforme a descrição do jornal. O perfil, traçado pelo jornal *O Globo*, é de “um indivíduo de péssimos antecedentes”, que estava “sempre envolvido em assaltos espetaculares e furtos de grande vulto. Forte, de cor branca e boa aparência, também em seu aspecto físico parece identificar-se com um dos assaltantes descritos pelas testemunhas.” (*O Globo*, 17/06/60, p. 3).

No relato do factual pelo ficcional, ele é mostrado como um dos integrantes do grupo que assaltou o trem pagador e é, também, a principal testemunha, que mantém importante ligação com o “engenheiro”, que seria o mentor intelectual do famoso assalto. Tal engenheiro da ficção é um personagem imaginário de cuja verdadeira identidade nunca se conheceu. Além disso, as dúvidas perduram até hoje, pois há muitas incertezas quanto à hipótese de ele ter realmente planejado o assalto.

Analisando as cenas fílmicas e os textos jornalísticos do *corpus* desta pesquisa, percebemos que a mensagem midiática molda-se conforme a intencionalidade daquele que a produz e do destinatário que irá recebê-la, o público-alvo de cada meio. Como nos afirma Charaudeau (2006, p. 28, aspas do autor), “[...] o texto produzido é portador de ‘efeitos de sentido possíveis’, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. Com isso, toda análise de texto nada mais é do que a análise dos ‘possíveis interpretativos’”. Sendo assim, propomo-nos a analisar, criticamente, o assunto como pesquisadores de comunicação e interpretadores desses discursos midiáticos. Não pretendemos esgotar o tema, mas contribuir, como pesquisadores dessa área, com uma nova possibilidade de relacionar o

⁴ Memórias do assalto ao trem pagador. Por um assaltante. JORNAL DA TARDE, São Paulo, 28 nov. 1973.

fato real e as linguagens midiáticas como constituintes dos discursos, direcionados aos consumidores da informação dos diferentes meios. Consideramos que a mídia, por não ter uma identidade própria, em relação à linguagem de seus produtos midiáticos, se apodera de outras para constituir o seu discurso.

CAPÍTULO 1 - O FATO: O ASSALTO AO TREM PAGADOR

“[...] somos levados a encontrar um outro termo para a representação social do fato, em especial para a informação jornalística caracterizada na notícia. Esse termo – news, para os norte-americanos; événement, para os franceses; suceso para os espanhóis – bem pode ser o acontecimento. Na prática, pode ser tomado como sinônimo de fato sócio-histórico. Mas enquanto o acontecimento se pauta pela atualidade, isto por uma experiência singular na temporalidade do aqui e agora, o fato, mesmo inscrito na história, é uma elaboração intelectual.”

(SODRÉ, 2009, p. 33)

1.1. O FACTUAL

O assalto ao trem pagador da Central aconteceu numa terça-feira, em 14 de junho de 1960, às 8h30min, no km 71 da linha férrea auxiliar, da Central do Brasil. O ocorrido foi próximo à Estação de Japeri, de onde partira o trem, e a três quilômetros entre esta estação e a Parada de Botais, num local conhecido, na época, como “Garganta do Diabo”, situado entre os municípios de Miguel Pereira e Japeri, subúrbios do Rio de Janeiro.

José Eduardo dos Santos

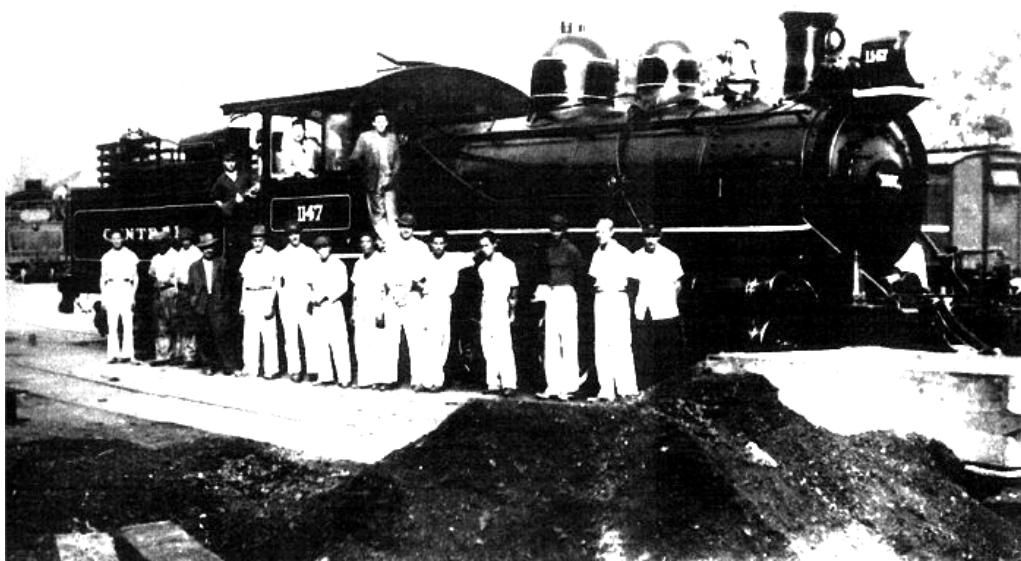


Figura 01: Funcionários da Estação de Ferro Central do Brasil e a locomotiva do trem pagador assaltado em 1960.

1.1.1. O fato segundo *O Globo* e o *Jornal da Tarde*

Esse assalto, denominado pela mídia impressa à época de seu acontecimento como o assalto ao trem pagador, foi considerado, pela polícia, como um dos mais audaciosos e bem elaborados em 1960, devido à habilidade e à perspicácia com que agiram seus executores.

Naquela terça-feira, o trem de prefixo SAP-21 partiu, às 8h30min, de Japeri, com uma carga de 27 milhões e 600 mil cruzeiros, que estavam armazenados em caixas de madeira. Segundo o IPC-Fipe⁵ (Índice de Preços ao Consumidor, medido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), esse valor equivaleria atualmente a R\$ 1.075.682,40 e se destinava ao pagamento de funcionários da Rede Ferroviária Federal.

De acordo com o jornal *O Globo*, de 15 de junho de 1960, os passageiros do trem eram o maquinista Venceslau José de Castro, o foguista Pedro José da Silva, o guarda-freio Antônio Veloso Filho, o pagador Cícero de Carvalho Filho (tesoureiro CC-5), o ajudante Júlio José Teixeira e o contínuo⁶ Sebastião Alvarenga.

Além desses, estavam no trem alguns funcionários da Rede Ferroviária, que desempenhavam atividades na região: Leonel Esteves, José Albino (mestre de linhas), Jair Cruz, Eusébio Galvão, Círio Antônio da Silva, José Laureano Braga, Valdemar Januzzi, Nilo Braga Barbosa, Sebastião Sales e Francelino Paulo Correia.

Os assaltantes, após colocarem três cargas de dinamite nos trilhos, segundo informações do *Jornal da Tarde*, de 28 de novembro de 1973⁷, com o intuito de provocar explosões e descarrilar a locomotiva e os vagões, renderam os passageiros e iniciaram o saque às caixas de dinheiro.

Liderados por Sebastião de Souza (o “Tião Medonho”), o grupo era composto por Anastácio (funcionário público), Zeferino de Souza (funcionário da Rede Ferroviária) — os dois eram irmãos de Tião Medonho —, Nilo Magno de Melo (o “Nilo Peru”), Mário Nortista (motorista de táxi), e outro integrante conhecido como “Zezé

⁵ O valor referente ao dinheiro que foi roubado no trem pagador, em 1960, foi convertido, em reais, tendo como base a atualização do valor roubado, naquela época, pela variação de um índice financeiro entre duas datas. Nesse cálculo foi utilizado o IPC-Fipe (Índice de Preços ao Consumidor, medido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Disponível em: <http://calculoexato.com.br/adel/indices/atualizacao/cal.asp>. Acesso em 27 jul. 10, às 16:46.

⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 464. De acordo com o autor, “contínuo é um funcionário que leva e traz papéis e transmite recados.”

⁷ Ibid., JORNAL DA TARDE, 28 nov. 1973.

Gigolô”. Todos utilizaram máscaras e luvas, além de um *Buick* e uma caminhonete, o que facilitou na fuga do grupo e no transporte da carga roubada. Após renderem os passageiros do trem, em aproximadamente 10 minutos, levaram todo o dinheiro.

De acordo com *O Globo*, de 02 de julho de 1972⁸, o resultado do assalto foi um saldo de três feridos — Círio Antonio da Silva, Leonel Esteves e Eusébio Galvão — e um morto — Francelino Paulo Correia —, além da perda dos 27 milhões e 600 mil cruzeiros. Segundo informações do jornal, durante o assalto, a tripulação não revidou, pois estavam expostos a uma situação inesperada e se viam frágeis diante das armas de que dispunham. Após o saque, os bandidos fugiram sem deixar pistas.

Pelo planejamento minucioso e pela audácia de seus participantes, o fato desafiou a polícia, que buscou, primeiro, descobrir como os assaltantes obtiveram informações sobre a carga do trem e, segundo, como eles souberam o percurso que esse trem faria até a estação de parada. Inúmeros suspeitos estavam na mira da polícia como possíveis informantes dos assaltantes, incluindo os funcionários da Rede Ferroviária Federal.

As primeiras investigações policiais constataram que uma trilha foi aberta em uma área rural, próxima ao local do assalto, o que facilitou o acesso ao trem. A tarefa foi desempenhada por outro integrante do grupo, Manuel Gordinho, que anos depois, tornar-se-ia fonte principal para as investigações policiais. Toda a ação do grupo, antes e durante o assalto, foi vigiada por Geraldo José da Silva Ribeiro, o “Manacéia”, que era o “olheiro” do bando.

A polícia ao encontrar objetos, como um maço de cigarro, uma garrafa de uísque e um talão de cheques de viagem, nas proximidades do local do assalto, suspeitou logo que os assaltantes pernoitaram no local. Esses vestígios também levantaram a suspeita de que o assalto poderia ter sido praticado por uma quadrilha internacional, mas o depoimento de “Manacéia” para o *Jornal da Tarde*, de 28 de novembro de 1973⁹, esclareceu que tudo não passou de uma estratégia do grupo para confundir a polícia, isto é, levá-la a crer que o assalto fora planejado por uma quadrilha internacional, quando, na verdade, os assaltantes eram brasileiros, pertencentes à classe baixa, e moradores de favela.

⁸ Último capítulo do “trem pagador” é a luta dos irmãos de Tião pela liberdade. O GLOBO. Rio de Janeiro, p. 45, 02 jul. 1972.

⁹ Ibid., JORNAL DA TARDE, 28 nov. 1973.

O delegado Amil Nei Rechaid era quem comandava as investigações acerca do espetacular assalto quando o mistério foi esclarecido. Depois de várias prisões de suspeitos, que não levaram à apreensão dos verdadeiros assaltantes, o fato deixou de ser destaque na mídia impressa. No final de 1960, um profissional, renomado no meio policial da época, torna-se um novo membro da equipe que investigava o assalto ao trem pagador. Trata-se do detetive Perpétuo Freitas da Silva, lotado no município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Auxiliando o delegado Amil Nei Rechaid, foi este detetive quem ampliou, para vários estados brasileiros, a investigação sobre o fato e, também, foi quem descobriu a informação principal, que culminaria com a prisão dos assaltantes. Segundo reportagem do jornal *O Globo*, de 02 de julho de 1972, “E foi o acaso completado pelo fato de serem os assaltantes conhecidos no Morro da Mangueira, que levou os policiais à primeira pista meses após.” (O GLOBO, 02/07/72, p. 45).

Manuel Gordinho mostrou-se suspeito, no Morro da Mangueira, ao afirmar que poderia comprar o barraco de todo o mundo. Com isso, a polícia fez uma investigação de sua vida, o que levou à testemunha-chave que, por sua vez, levaria ao restante dos integrantes do bando: o mesmo Manuel Gordinho, que era amigo de Sebastião de Souza, o “Tião Medonho”, líder do grupo que assaltou o trem pagador.

Ironia ou não, na noite de 30 de maio de 1961, quando a 15 dias o assalto completaria um ano de acontecimento sem solução concreta sobre o caso, Manuel Gordinho foi preso. A partir dessa prisão, os outros integrantes do grupo foram descobertos. Foi ele quem delatara à polícia seus cúmplices no assalto. Também faziam parte do grupo: Valter de Souza, o “Valter Cachaça” e Edvar Gomes, e, por meio de Gordinho, que marcou um encontro com seus amigos na Ponte de Coelho Neto, a polícia chegou até eles.

Quanto a Tião Medonho, após uma troca de tiros com a polícia, ele fugiu gravemente ferido, e antes de falecer:

[...] apontou Nilo Peru como chefe do grupo e o comerciante João Jacob Issa Milieme como mentor intelectual do golpe. Explicou a morte do lanterneiro Rubem de Almeida, que fora convidado para participar e se recusara. Tião disse ainda que pretendia matar Dolores Maia de Barros e Hilda de Sousa,

amantes de Nilo, além do próprio Jacob que o enganara na partilha. (O Globo, 02/07/72, p. 45) ¹⁰.

Apesar da repercussão do fato na época, dos integrantes que assaltaram o trem pagador, apenas três foram presos e cumpriram penas: Anastácio, Zeferino e Geraldo José da Silva Ribeiro, o “Manacéia”. Os outros, Mário Nortista e Zezé Gigolô, nunca foram presos nem condenados, conforme o depoimento de “Manacéia”, no *O Jornal*, em 28 de novembro de 1973¹¹. Manuel Gordinho foi absolvido e os dois primeiros, Anastácio e Zeferino, morreram em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, sendo que antes de falecer conseguiram liberdade condicional. Quanto a Nilo Peru, na época, esse foi considerado morto, e o destino dado ao dinheiro do assalto é um mistério que perdura até hoje, pois jamais fora encontrada a quantia exata ou aproximada do que foi roubado em 1960. O fato perdeu-se no tempo e o dinheiro, também. Dois anos depois de seu acontecimento, o famoso assalto foi recriado nas telas do cinema, com a produção cinematográfica “*O Assalto ao Trem Pagador*”, dirigida por Roberto Farias.

1.1.2. O fato em si como objeto dinâmico do mundo exterior

As informações que compõem as matérias jornalísticas, veiculadas na mídia, são constituídas por fatos considerados relevantes para o público-alvo dos meios midiáticos. A escolha desses fatos e a maneira como são reproduzidos pela mídia são definidas segundo o critério de importância do jornalista, que elabora os conteúdos midiáticos e segue a ideologia dos meios. Tais fatos, que chegam ao conhecimento do leitor, podem ser fatos passados ou estarem iminentes a ocorrer no âmbito social. Devido ao interesse que irão despertar nos destinatários da informação, e pela sua importância, formarão o conteúdo jornalístico que é transmitido aos leitores e/ou espectadores.

¹⁰ Ibid., O GLOBO, 02 jul. 1972. Foi mantida a ortografia original em todas as citações diretas e indiretas, em respeito à autoria dos textos originais.

¹¹ Manacéia, do assalto ao trem pagador, já está livre. É o último. O JORNAL, Rio de Janeiro, 28 nov. 1973.

Sodré (2009, p. 29), em *A narração do fato*¹², define “fato” como:

[...] uma ocorrência da vida real que reclama do sujeito uma interpretação é um *casus facti* (caso de fato), em oposição a qualquer caso suposto ou imaginário (*ficti*). Definir mundo como ‘tudo que é caso’ não implica dizer que mundo é tudo que simplesmente acontece, pois o caso requer que o acontecido realmente se disponha como objeto para a consciência. (SODRÉ, 2009, p. 29, aspas e parênteses do autor).

Relacionando a definição acima com o tema dessa pesquisa, podemos afirmar que a representação do fato pelo meio impresso constituiu um “caso de fato”, enquanto que, a veiculação do assalto ao trem pagador, pelo cinema, formou um “caso de ficção”. Isso ocorreu devido às diferenças de tratamento de uma mesma informação, por diferentes meios, que fizeram com que o factual ganhasse novos sentidos e novas versões, devido às características e linguagens específicas desses meios midiáticos bem como o discurso reproduzido por cada um dos meios em relação ao factual.

Enquanto o jornal buscou em seu discurso aproximar, fielmente, o leitor do factual, sendo mais objetivo e verossímil na reprodução da realidade, o cinema com sua linguagem característica (re)apresentou o conteúdo jornalístico sobre o assunto, divulgado na época do acontecimento, reunindo no discurso fílmico traços do factual e do jornalístico. Assim, o cinema possibilitou ao espectador novas leituras em relação ao ocorrido, pois mostrou o factual, de maneira ficcional, baseando-se na descrição jornalística e na adaptação à linguagem fílmica.

Sobre essa reprodução do factual por meio das linguagens dos diferentes meios midiáticos, Sodré (2009) afirma que:

A ocorrência, o acontecimento, implica uma passagem, uma transformação no estado de uma coisa ou de uma pessoa. De repente, um ocorrido está aí diante de nós e pode manifestar-se sob diferentes formas de ser conforme a diversidade de plantas, pedras, fenômenos naturais, animais, homens. (SODRÉ, 2009, p. 29).

Essa diversidade é percebida na construção da notícia, pois nesse estudo de caso, tanto a reprodução do factual, como origem do discurso jornalístico, quanto o discurso ficcional, característico do meio audiovisual e readaptado do discurso

¹² SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

jornalístico mostraram, em seus conteúdos midiáticos, traços que ora se aproximam, ora se desviam do factual por meio das marcas discursivas que trouxeram o fato ao leitor e ao espectador.

São essas marcas discursivas que geram a aproximação ou o distanciamento do real e do ficcional em relação ao factual. Por um lado, o discurso jornalístico se baseia nas opiniões das diferentes fontes de informação, para construir o conteúdo das matérias que atingem o leitor, além da intencionalidade jornalística. Por outro, a construção do discurso ficcional depende, em maior grau, da intencionalidade do produtor da informação, do seu nível de abstração. Na criação dos produtos fílmicos, os produtores têm mais liberdade de criação no enredo de seus produtos midiáticos, além de contar com tempo maior de elaboração, pois o relato ficcional não está tão preso a exatidão jornalística como acontece com o relato noticioso. Assim, as produções fílmicas demandam maior tempo de captação e de edição, em comparação com o tempo disponível para a elaboração, edição e impressão das notícias jornalísticas que estampam as páginas dos jornais diários.

Sobre a construção da notícia, Sodré (2009, p. 62, parênteses do autor) afirma que “A matéria-prima jornalística dessa singularização é o fato bruto ou a ocorrência (ponto de partida do acontecimento), sensorialmente perceptível e real, totalidade do que é dado à intuição empírica.” Essa intuição que se origina do produtor da informação e é transposta na descrição do factual, consequentemente gera o sentido da informação midiática, cabendo a este aproximar mais ou menos o receptor da ocorrência factual.

Para o Professor José Marques de Melo¹³

O real sempre existe em relação a um sujeito relacional, referencial, isto é, existe para ser conhecido em função do conhecimento, de um sujeito cognoscente. O jornalista é um sujeito cognoscente. Por isso o jornalista que realiza uma atividade informativa necessita estar consciente de que, em cada matéria que produz, entra em contato com o real, modificando-o mais ou menos, dependendo do grau de sua interferência. (MELO, 1992, p. 17).

Assim, a atividade jornalística toma o factual como ponto de partida dos seus produtos midiáticos, englobando, na descrição de um acontecimento, aspectos até então

¹³ MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

desconhecidos do leitor. Isso faz com que esse profissional seja responsável pelo desvelamento daquilo que está imperceptível, subentendido, no fato, no primeiro contato do leitor com a informação. Cabe a esse profissional fornecer subsídios ao destinatário da informação midiática para que este possa formar o seu ponto de vista acerca de um determinado acontecimento do âmbito social. Portanto, a intencionalidade jornalística daquele profissional, que transpôs no relato do factual a sua opinião, influenciará o ponto de vista do leitor.

Nesse contexto, a atividade jornalística se caracteriza por tomar os fatos brutos diariamente e lapidá-los conforme a ideologia de cada meio midiático, com o intuito de conquistar o interesse do leitor e gerar credibilidade do veículo junto ao público-alvo dos meios. Até a informação midiática ser consumida pelos receptores, ela precisa percorrer um longo caminho que a transforma em produto final. Esse processo de transformação do acontecimento é descrita por Sodré da seguinte maneira:

Parte-se do ‘fato em bruto’ (ou ‘fato bruto’) isto é, das qualidades ainda indiferenciadas de uma ocorrência, para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidades de acesso argumentativo ao ‘fato social’. (SODRÉ, 2009, p. 71, aspas e parênteses do autor).

Para definir essa transformação pela qual passa a notícia, o autor se vale do conceito de semiose, que o teórico Charles Sanders Peirce usou para exemplificar o processo de comunicação. De acordo com Santaella (1995 apud SODRÉ, 2009, p. 71-72):

Peirce parte de três categorias fenomenológicas – primeiridade, secundidade e terceiridade – para descrever ‘tudo o que aparece à mente, seja real ou não’, mas que certamente constitui um signo ou ‘meio de comunicação’. Na primeiridade, o fenômeno é simples possibilidade, um objeto, ainda vago ou indiferenciado; na secundidade, essas qualidades primeiras se particularizam ou se atualizam por meio de um signo mediador, também chamado representamen (sic), que cria por sua vez um novo signo ou interpretante, responsável pela representação do objeto. (SODRÉ, 2009, p. 71-72, aspas do autor).

Ao relacionarmos as categorias fenomenológicas, que foram definidas por Peirce, com o assalto ao trem pagador, podemos afirmar que o factual constituiu a Primeiridade, pois era algo real que necessitava ser descoberto, explicado, analisado

pelo profissional de comunicação e interessava ao leitor. Era a possibilidade de um relato jornalístico, de apurar uma ocorrência, que poderia originar uma notícia ou uma reportagem dependendo do grau de aprofundamento ou da complexidade do relato jornalístico. Já a transposição, o relato, a reprodução desse factual pelo jornal *O Globo* com as matérias veiculadas por essa mídia sobre o assalto originaram a Secundidade, pois consistiram na representação do factual. Em relação à Terceiridade, podemos afirmar que foram as diferentes interpretações dos leitores em relação ao factual, tomando como ponto de partida o relato jornalístico. A Terceiridade foi, também, a (re)apresentação desse factual pela mídia audiovisual, que (re)interpretou, na produção do discurso fílmico, o factual segundo o discurso jornalístico.

Deste modo, conforme Sodré (2009, p. 72), “[...] o objeto determina o signo, que determina o interpretante, que representa parcialmente, por sua vez, o objeto que originalmente o determinou. É um processo de desdobramento como se infere”. O mesmo autor acrescenta:

Analogamente, na semiose jornalística, o fato em bruto (‘o objeto atual’) determina o acontecimento, desdobra-se por meio de uma interpretação em notícia, que é uma estratégia ou um gênero discursivo suscetível de representar a ocorrência factual primeira e, eventualmente, desdobrar-se em novas interpretações. (SODRÉ, 2009, p. 72, aspas e parênteses do autor).

Essa apresentação da ocorrência factual primeira, precisa ser feita de maneira emotiva para despertar o interesse do leitor, em relação ao conteúdo noticiado, e atingir vários destinatários da informação, de modo que o veículo midiático possa aumentar a sua audiência junto ao seu público-alvo. Nesse processo de semiose, o jornalista é o mediador e o público-alvo o mediatório, de maneira que, dependendo do grau de elaboração da informação pelo mediador, há uma maior ou menor aproximação do factual e do consequente desdobramento de uma notícia pelos mediatórios. Logo, pode ocorrer a construção de outros discursos, por meio de releituras de um mesmo factual, por outros meios midiáticos, como no caso de pesquisa em questão.

Comparando a construção da notícia acerca do factual bem como a (re)apresentação do assalto ao trem pagador pela linguagem fílmica, tendo como fonte de informação a descrição jornalística sobre esse assalto, podemos afirmar que a maneira como o jornal impresso e o cinema relataram o fato, segundo a intencionalidade

dos profissionais, responsáveis pela elaboração da mensagem midiática em cada um dos meios, constituíram o *ground* do objeto dinâmico, sendo, neste caso, o assalto em questão. Peirce (1897 apud Paul Thibaud, 1983, p. 7, grifo do autor) define *ground* como “a forma como o objeto é visto, o perfil segundo o qual ele é atraído na representação. O ground dilacera o objeto; é o ângulo pelo qual se apreende o objeto.” Thibaud (1983, p. 10) comenta ainda que: “O objeto dinâmico é apenas uma possibilidade concreta, que só adquire realidade pelo processo de interpretação por meio de interpretantes, que vão explicar, com novos signos, aquilo que o representamen (sic) escolhe do objeto dinâmico em função do ground.”¹⁴ Assim, se considerarmos o enfoque utilizado por cada um dos meios midiáticos, em relação ao factual, objetivando conquistar o interesse dos leitores e dos espectadores, podemos afirmar que as estratégias discursivas de cada mídia formam o *ground* do factual, o qual tem na sua origem, neste caso, tanto a intencionalidade do redator quanto a do produtor da obra cinematográfica, permitindo ao público-alvo de cada meio formar sua própria opinião acerca das mensagens midiáticas. Como cada um dos profissionais envolvidos na elaboração da informação tem pontos de vista diferentes, em relação aos fatos sociais, cada meio apresentou *grounds* distintos acerca do objeto dinâmico, gerando, assim, outra versão do mesmo fato.

1.1.3. Os Gêneros Textuais: Informativo, Opinativo, Argumentativo

Melo classifica os gêneros jornalísticos em duas categorias, que são definidas segundo

[...] a intencionalidade determinante dos relatos e identifica duas vertentes – reproduzir o real e ler o real; depois busca identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis. Aqui distingue duas categorias: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. (MELO, 1992, p. 17).

Para o autor, “as duas categorias de jornalismo – informativo e opinativo – estão relacionadas com as duas maneiras de relação com o real – reprodução e leitura” (1992, p. 18). A notícia está incluída na categoria de jornalismo informativo, bem como outros textos jornalísticos comuns na mídia impressa como a nota, a reportagem e a

¹⁴ THIBAUD, Paul. A noção de interpretante de Peirce. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao15.html>>. Acesso em 08 set. 2010, às 14:00.

entrevista. Esse tipo de jornalismo caracteriza-se por relatar de maneira objetiva os acontecimentos ao leitor, por meio desses textos jornalísticos, presentes na mídia.

Na análise das matérias jornalísticas veiculadas no jornal *O Globo* sobre o assalto ao trem pagador, no período de 14 a 21 de junho de 1960, percebemos o aparecimento, com maior frequência, de notícias, reportagens e entrevistas sobre o assunto. Além da nota jornalística que apareceu com menos frequência: apenas em 14 de junho de 1960.

Esses três tipos de textos jornalísticos, segundo Melo (1985)¹⁵, são definidos da seguinte maneira:

A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e, por isso, é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade. (1985 apud MEDINA, 1992, p. 101).

O segundo gênero, definido por Melo, é o jornalismo opinativo. Pertencem a esse gênero, segundo esse autor (1992, p. 18), o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Entre as características desse gênero está a finalidade de comentar um fato, uma situação ou uma decisão, expondo a opinião do articulista da própria empresa jornalística. O jornalismo opinativo compreende os textos veiculados, na mídia, cujo conteúdo demonstra a opinião do profissional de comunicação acerca de determinado tema considerado relevante ao leitor. O relato dos assuntos é feito segundo o ponto de vista dos articulistas da empresa jornalística. No caso da carta, a opinião do leitor.

O gênero informativo, também definido por Melo, abrangeria textos jornalísticos, cuja função é transmitir ao leitor os fatos correntes no âmbito social, ou seja, essas matérias jornalísticas desempenham a função essencial de informar ao público-alvo dos meios as ocorrências sociais.

¹⁵ MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. A autora Cremilda Medina faz referência a este livro publicado em 1985, que derivou da Tese de Livre Docência deste autor.

Beltrão (1980 apud Lailton Alves da Costa, 2008, p. 2-3) também classifica os textos jornalísticos em três gêneros, a saber, o jornalismo informativo, o jornalismo interpretativo e o jornalismo opinativo¹⁶. Primeiro temos o jornalismo informativo que informa o leitor acerca de um fato importante, condizente com seus interesses sociais. Entre os textos pertencentes a esse gênero, segundo o autor estão a notícia, a reportagem, as histórias de interesse humano e a informação pela imagem. Em seguida, o jornalismo interpretativo é definido como aquele que mostra ao leitor aspectos até então não explorados na cobertura de um fato transposto em notícia. Esse gênero permite que o leitor tenha conhecimento de traços não descritos na notícia, que por sua complexidade e extensão, originam uma reportagem. Esse autor identifica como texto jornalístico pertencente a esse gênero a “reportagem em profundidade”. E, finalmente, temos o jornalismo opinativo que, considerado por Beltrão (1980), é aquele que se caracteriza pela emissão de opiniões sobre determinado assunto e incita o leitor a compartilhar daquela opinião. Esse gênero objetiva convencer o leitor sobre o ponto de vista do autor da interpretação. Fazem parte do gênero opinativo: o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor.

Considerando as definições dos dois autores acerca dos gêneros jornalísticos e relacionando tais definições com o assalto ao trem pagador, com a veiculação do factual pelo jornal *O Globo* e, ainda, com a (re)apresentação cinematográfica, podemos afirmar que a veiculação do fato, pela mídia impressa, com a publicação dos diferentes textos jornalísticos enfatizou o jornalismo informativo, devido às características peculiares a esse gênero jornalístico, as quais foram observadas nos textos jornalísticos, divulgados à época do acontecimento, pois foi frequente a publicação de notas, notícias e reportagens acerca do assunto.

Em relação à (re)apresentação do factual pelo cinema, podemos observar que essa veiculação mesclou aspectos do gênero interpretativo e do gênero opinativo, pois constituiu uma reportagem em profundidade que também relatou o factual de acordo com a interpretação do produtor da obra cinematográfica. Tais aspectos são justificados se considerarmos as características da obra cinematográfica que engloba diversas etapas de elaboração. Uma dessas etapas constitui-se na pesquisa aprofundada do assunto a ser representado no meio audiovisual.

¹⁶ COSTA, Lailton Alves da. Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/imagens/1/10/GT4-_17> . Acesso em: 27 jul. 2010, 09:07.

A presença do gênero opinativo pode ser constatada ainda na versão do factual que atingiu o espectador, já que essa versão apresentou traços da interpretação do produtor e do seu ponto de vista, que, de maneira subentendida, procurou convencer o espectador do filme sobre a versão do acontecimento que foi mostrada no cinema. A descrição cinematográfica levou em conta, também, a intencionalidade do autor da obra audiovisual, que mesmo baseada no acontecimento real, mesclou características subjetivas do produtor.

Quanto à presença desses gêneros jornalísticos, na elaboração das matérias sobre o assalto ao trem pagador, observamos que a composição do texto jornalístico englobou características dos três gêneros especificados, a saber: informativo, opinativo e argumentativo, pois na nota publicada em 14 de junho de 1960 e nas notícias divulgadas, posteriormente, predominou o primeiro gênero; já em relação às reportagens, principalmente na abrangente matéria jornalística publicada em 15 de junho de 1960, verificamos os dois últimos gêneros, devido à presença da subjetividade do redator expressa no texto, demonstrando sua opinião acerca do assalto em diferentes intertítulos; além de embasar a sua argumentação com os depoimentos das fontes de informação. O gênero opinativo apareceu, em determinadas matérias jornalísticas, indiretamente como pôde ser verificado na diagramação de algumas reportagens, quando a disposição dos elementos visuais, na página, deixou claro o objetivo do redator em destacar certos trechos em detrimento de outros.

Ainda sobre a relação entre esses gêneros e a linguagem fílmica, também verificamos que houve a integração dos gêneros opinativo e argumentativo, tendo em vista que, a construção do enredo fílmico conta com a interferência de diferentes profissionais envolvidos na produção do contexto fílmico, como: o diretor, os produtores, o roteirista, os cinegrafistas, entre outros, os quais, com seus pontos de vista, contribuirão para a formação do enredo final que atingirá os espectadores. Além disso, cada um desses profissionais interfere na composição do contexto fílmico, conforme a sua função na elaboração da obra cinematográfica. Para exemplificar isso, podemos citar as seguintes situações: o roteirista pode emitir, de maneira indireta, a sua opinião nas ações de um personagem do filme, nos diálogos dos atores; já os produtores, na composição dos cenários, podem exprimir seu ponto de vista com a disposição de certos objetos na gravação das cenas fílmicas, gerando determinado sentido aos espectadores, enquanto que, o cinegrafista, ao direcionar os movimentos de

câmera para os detalhes das cenas, pode deixar implícita sua opinião ao espectador em certos trechos do filme interferindo, assim, na elaboração do discurso fílmico.

1.1.4. A Linguagem Jornalística

A linguagem jornalística tem características específicas que a distingue das demais linguagens. Isso se justifica pelo fato de essa linguagem servir para relatar diferentes fatos sociais, âmbito da cobertura jornalística, e por isso atinge vários idiomas e diversos meios midiáticos. Por isso, ela precisa ser adaptada à linha editorial e à ideologia desses meios e, assim, ao relatar os fatos, busca tornar a informação jornalística acessível ao maior número de destinatários possíveis, com o objetivo de conquistar a credibilidade do veículo de comunicação junto ao seu público-alvo.

Entre as diferentes características dessa linguagem, destacam-se dois aspectos relevantes: ela é metalinguística e produz um metadiscorso, pois o discurso jornalístico diz respeito aos fatores sociais. O profissional que relata esses fatos sociais tem, também, um discurso próprio, o qual é reportado pelos diferentes meios midiáticos, entre eles, a mídia impressa. Além disso, na elaboração das matérias jornalísticas há o predomínio da função referencial da linguagem, pois, na construção do discurso jornalístico, o profissional de comunicação enfoca-se no referente como uma maneira de validar o seu testemunho acerca dos fatos sociais, de modo que o relato jornalístico se torne o mais verossímil possível à ocorrência factual, gerando um efeito de realidade aos destinatários das informações midiáticas.

A função da metalinguagem, presente na linguagem jornalística, justifica-se pelas diferentes explicações que o texto jornalístico deve fornecer ao leitor, pois tal texto precisa esclarecer sobre os diferentes assuntos veiculados pela mídia impressa de maneira informativa, buscando facilitar o entendimento dos diferentes leitores. Na elaboração do texto jornalístico, o profissional de comunicação se depara entre dois desafios: usar os vocabulários específicos de cada ramo do conhecimento e, ao mesmo tempo, informar ao leitor de maneira clara e objetiva; é por isso que esse profissional necessita sempre explicar sobre aquilo que está discorrendo, procurando a maneira mais adequada de descrever determinado fato, buscando dirimir as possíveis dúvidas dos leitores. Segundo Laje¹⁷ (1997, p.7), a informação é um bem simbólico que se distribui

¹⁷ LAGE, Nilson. **A linguagem jornalística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

em vários níveis no jornal; é composta pelo projeto gráfico, pelos sistemas analógicos e pelo sistema linguístico. Esses aspectos constituem-se na característica denominada de metalinguagem.

Interessa-nos, aqui, na análise dos conceitos de visibilidade, legibilidade e inteligibilidade, que constituem as três exigências da mídia impressa, segundo Charaudeau, primeiramente, a linguagem verbal, constituinte do sistema linguístico, composto por manchetes, títulos, textos e legendas. E, após, o sistema analógico, constituído, também, por legendas e fotos, que em nosso entender formam a linguagem não-verbal presente na mídia impressa.

Ressaltamos, porém, que o projeto gráfico tem importância relevante na constituição do discurso jornalístico, ainda que alguns aspectos importantes desse projeto sejam analisados, quando, em nossa opinião, os mesmos complementaram o texto jornalístico, e, conseqüentemente, contribuíram para a produção de sentido do discurso midiático ao público-alvo desse meio. Porém, isso não consiste no objeto principal de análise desta pesquisa.

Laje comenta que

[...] o texto impresso só ganha sentido quando lido, isto é, quando o leitor o traduz em sons. A situação emocional da leitura é incontrolável e, em princípio, neutra. O texto terá de formalizar-se, enriquecer sua sintaxe, para suprir elementos analógicos que existem na conversa, desde a expressão do rosto de quem fala até a entonação e as pausas. (LAJE, 1997, p. 7).

Essa situação, que é sentida pelo jornalista, na cobertura de um fato social, precisa chegar até o leitor, de maneira verossímil, de modo que esse leitor sinta-se inserido na história e possa, por meio do texto impresso, imaginar como ocorreu aquele fato. Assim, será formada uma opinião própria, por parte do leitor, a respeito dos acontecimentos sociais que lhe foram relatados pela mídia impressa. Desse modo, ao apurar os fatos, o repórter, responsável pela cobertura jornalística, adquire o papel de narrador-testemunha. Nessa busca pela veracidade da informação, e por meio da linguagem impressa, o autor do texto jornalístico utiliza estratégias persuasivas que levam o receptor a se sentir inserido na cobertura de um fato social, que foi a experiência vivida por este profissional. Para isso, a mídia impressa busca conquistar o interesse desse destinatário da informação com atrativos que, por meio da linguagem

jornalística, despertem a atenção do leitor, e, ao gerar um discurso, essas informações produzem, conseqüentemente, determinado sentido o qual se encontra ora explícito ora implícito no texto escrito.

Esses atrativos do texto jornalístico direcionado aos leitores devem transmitir muito além da situação factual, na busca de conquistar o seu interesse pelo conteúdo do fato relatado. Cabe ao jornalista, na elaboração de seu texto, diferenciar a maneira de abordar a informação jornalística do meio em que trabalha em relação a outro. Tais atrativos servem, também, para reunir artifícios de sedução, de persuasão e de conquista, buscando atrair uma parcela significativa de leitores, além de dar credibilidade aos veículos midiáticos junto aos destinatários da informação. Concluimos que as linguagens verbais e não-verbais do jornal impresso são determinantes na produção de sentido das informações que chegam aos leitores. Concluimos também que o texto escrito adquire uma função que vai muito além de informar, isto é, a função de personificar e criar uma ideia acerca dos fatos sociais no imaginário do leitor. Por isso, as palavras induzem a um “olhar ilusório”, fazendo com que cada leitor forme uma imagem acerca do conteúdo midiático a que teve contato. A formação dessa imagem depende de cada destinatário e varia conforme a interpretação dele, gerando diferentes opiniões sobre um mesmo fato social emanadas de diferentes leitores.

Segundo Charaudeau (2006, p. 63), “[...] o discurso de informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com conseqüências diversas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização.” Esses efeitos são buscados constantemente pelos jornalistas, pois esse profissional precisa passar ao leitor um “valor de verdade” daquilo que presenciou, por meio do texto escrito e de maneira informativa e objetiva. Para Charaudeau esse valor

[...] não é de ordem empírica. Ele se realiza através de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica que se quer exterior ao homem (mesmo que seja ele quem a tenha construído), objetivante e objetivada, que pode definir-se como um conjunto de técnicas de saber dizer, de saber comentar o mundo. A utilização dessa instrumentação permite um ‘ser verdadeiro’ que se prende a um saber erudito produzido por textos fundadores. (CHARAUDEAU, 2006, p. 49, aspas e parênteses do autor).

Essa instrumentação científica e esse valor de verdade, descritos pelo autor, vão muito além da objetividade do texto jornalístico. Ela engloba aspectos da

subjetividade do emissor e das situações que esse autor vivenciou, aliados às estratégias discursivas que transpôs no texto escrito, para causar veracidade em relação ao conteúdo que é transmitido ao leitor.

Percebemos, no *corpus* de análise dessa pesquisa, essa veracidade ao fazermos a análise das notícias e das reportagens sobre o assalto ao trem pagador, veiculadas no jornal *O Globo*. Isso foi possível devido à utilização de aspectos constituintes do texto escrito, que buscaram transmitir esse “valor de verdade” aos leitores, dando a estes a impressão de que eles estiveram presentes no local e no momento de ocorrência do fato. Analisamos cada notícia e/ou reportagem, enfocando essas estratégias discursivas, existentes nas linguagens características da mídia impressa, tanto a verbal quanto a não-verbal, que para nós, serviram como produtoras de sentido ao leitor, daquela época, da ideologia que o jornal quis transmitir ao seu público-alvo sobre o fato. Também, acreditamos que a cobertura do acontecimento, por ser um fato policial, apresentou características específicas do noticiário policial, que fizeram parte do discurso e da estrutura do texto jornalístico. A seguir, faremos uma breve descrição das características desse tipo de noticiário integrante de uma das especificações do jornalismo, o denominado policial.

1.1.5. Jornalismo Policial

O jornalismo policial é uma das particularidades da profissão jornalística que tem como objetivo relatar os fatos policiais, como assaltos, furtos, sequestros e outros constantes do âmbito de cobertura e investigações das autoridades criminais e judiciais, entre elas a Polícia.

A veiculação desses fatos em maior ou menor intensidade depende da característica do veículo midiático ser classificado como culto ou popular, sendo comum a veiculação desse tipo de informação, com maior frequência, nos jornais populares, direcionados às camadas sociais baixas.

Erbolato¹⁸ (1981, p. 54) comenta que “Difícilmente um crime deixa de ser noticiado. Boa parte da imprensa brasileira admite o fato policial como um atrativo para

¹⁸ ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

o público leitor.” Este autor apresenta uma citação de [197-?] que aponta para as características dos jornais populares, como as seguintes:

Os jornais direcionados às camadas populares da sociedade abrangem dois assuntos fundamentais importantes para que os mesmos tenham a aceitabilidade do público a que se direcionam: ‘Polícia e mulher’ é, portanto, o binômio indispensável para se fazer um jornal aceito nessa camada. Depois de um crime noticiado ficamos a semana inteira explorando o assunto, quando o caso assim o exigir. Mas há a imperiosa necessidade de oferecer, a cada dia, um aspecto novo. (DINES, [197-?], apud ERBOLATO, 1981, p. 54, aspas do autor)¹⁹.

Na análise da primeira parte do *corpus* desta pesquisa, percebemos que, nas diferentes edições de *O Globo*, o assunto foi explorado de maneira distinta a partir da ocorrência do fato, segundo a intencionalidade do jornalista que reportou as informações ao leitor. Erbolato (1981) apresenta, porém, uma definição da estrutura do noticiário policial, utilizada na maioria das matérias jornalísticas que constituíram este *corpus* e apresentada por Stanley Johnson e Julian Harris [197-?]:

O noticiário policial – com ligeira alteração de acordo com a particularidade de cada fato – deve informar sobre os autores, as vítimas e os danos, além de descrever o ato, falar no que foi salvo e mostrar a ação legal, adotando-se o esquema seguinte: vítimas, danos, descrição do ato, salvados, e ação legal. (STANLEY & HARRIS, [197-?], apud ERBOLATO, 1981, p. 60).

Essa estrutura de relato de um fato classificado como policial foi observada na elaboração do discurso jornalístico das matérias, referentes ao assalto ao trem pagador, pois esse discurso apresentou um vocabulário constituído, em sua maioria, de termos policiais e gírias, entre eles os termos e as expressões “cercar”, “bandidos”, “sangue frio”, “brutalidade imbecil da malta de bandidos”, “sangrento”, “indivíduo”, “detido”, “alta periculosidade”, “elemento”, entre outros que serviram para dar maior verossimilhança ao fato relatado, além de demonstrar a intencionalidade do redator na divulgação da informação e, conseqüentemente, produzir sentido ao leitor. Contudo, observamos também que, de acordo com a intencionalidade do jornalista, em cada edição do jornal, a divulgação das informações referentes ao assalto, apresentou outros

¹⁹ ERBOLATO, Mário. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

termos e expressões, presentes na linguagem impressa, que, por sua vez, denunciavam o estado de espírito desse profissional no momento da cobertura do assunto. Além disso, percebemos, nitidamente, o enfoque que ele gostaria de dar ao leitor em relação àquilo que estava divulgando.

Quando o redator se sentiu comovido com o fato, usou no texto palavras e expressões que tocaram a afetividade do destinatário da informação, procurando demonstrar, para este, a sua opinião. Já nos momentos em que se sentiu realizado com o trabalho policial, enfatizou o uso de termos pertencentes ao vocabulário policial, os quais demonstravam a maneira como os suspeitos eram tratados no âmbito policial, tais como: “indivíduo de péssimos antecedentes criminais”, “escroque”, “assaltante”, “ladrão”, “detento”, sendo comum o uso de apelidos e gírias para se referir aos suspeitos.

Outro aspecto observado foi a menção, no relato do depoimento das vítimas e dos suspeitos, de dados pessoais como nomes completos e endereços das pessoas. Isso demonstra que o jornal colaborava com as investigações policiais, dando informações ao leitor, que podia então identificar e localizar facilmente a vítima ou o suspeito e, ao mesmo tempo, o jornal expunha estes à sociedade. A divulgação de informações pessoais, principalmente o nome completo e o endereço, foi um aspecto muito utilizado na transcrição do depoimento dos envolvidos no assalto ao trem pagador, tanto dos suspeitos quanto das vítimas. Observa-se que o discurso jornalístico passou ao leitor a ideia de uma situação similar a um registro de boletim de ocorrência, onde se lê o depoimento ou a queixa de alguém, nas delegacias de polícia. Percebe-se que o assunto inicial de alguns parágrafos foi composto por informações referentes aos dados citados acima, texto comum na rotina de uma delegacia de polícia.

1.1.6. A ficcionalização do fato real baseada na descrição jornalística

Em 1962, dois anos após o assalto, houve uma releitura do fato real pela linguagem cinematográfica. O lançamento do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, um filme brasileiro, de gênero policial, foi roteirizado e dirigido por Roberto Farias, com a colaboração de Luiz Carlos Barreto na elaboração do *script*. O filme, na cor preto-e-branco, tem 102 minutos de duração.

Dos atores que compõem o elenco da produção cinematográfica destacam-se²⁰: Eliezer Gomes (“Tião Medonho”), Grande Otelo (“Cachaça”), Reginaldo Farias (“Grilo Peru”), Jorge Dória (“Delegado”), Ruth de Souza (“Judith”), Luiza Maranhão (“Zulmira”), Dirce Migliácio (esposa de “Edgar”), Átila Iório (“Tonho”), Miguel Rosenberg (“Edgar”), Clementino Kelé (“Lino”) e Gracinda Freire (esposa de “Miguel”).

O enredo do filme trata de todo o desenvolvimento do assalto, desde a rendição do trem pagador até a morte de Tião Medonho, o líder do grupo, culminando com a descoberta, pela polícia, de uma parte do dinheiro roubado, no espelho de um guarda-roupa, na casa de Tião Medonho, no Morro da Mangueira.

A trilha sonora do filme, de autoria de Remo Usai, é composta pelas seguintes faixas musicais: “O Trem Pagador”, “Morre uma criança na favela”, “Assaltantes em fuga”, “Tentação” e “O fim”. A produção cinematográfica foi financiada com recursos emprestados pelo Banco Nacional de Minas Gerais, por meio de um acordo de co-produção com a Produtora Herbert Richers.

Dentre alguns dos prêmios conquistados pela direção do filme, destacam-se: *Prêmio Saci* (1962), de Melhor ator coadjuvante (Jorge Dória), Melhor atriz coadjuvante (Dirce Magalhães) e Melhor roteiro (Roberto Farias); *Prêmio Governador do Estado de São Paulo* (1962), de Melhor Roteiro (Roberto Farias); *V Festival de Cinema de Curitiba* (1962), de Melhor atriz coadjuvante (Luiza Maranhão) e de Revelação (Eliezer Gomes); *Festival de Cinema da Bahia* (1962), de Melhor Filme, de Melhor Ator (Eliezer Gomes), Melhor Atriz Coadjuvante (Luiza Maranhão) e de Melhor Roteiro (Roberto Farias). Também obteve premiações em festivais internacionais de cinema: no *Festival de Lisboa* (1963), quando conquistou o *Prêmio Caravela de Prata*; no *Festival de Arte Negra*, que aconteceu no Senegal, em 1963, ocasião em que ganhou o *Prêmio Especial do Júri*. E, ainda, no ano de lançamento do filme, 1962, representou o Brasil no *Festival de Veneza*.

Para o autor Layo Fernando Barros de Carvalho²¹, (2003, p. 1, parênteses do autor) “O cinema é uma arte antropofágica. Devorando os meios que o cercam (teatro, literatura, pintura, fotografia...), ele criou sua própria linguagem e se firmou como a arte

²⁰ Os nomes entre parênteses referem-se aos personagens.

²¹ CARVALHO, Layo Fernando Barros de. Estética publicitária e linguagem cinematográfica: uma análise imagética e pós-moderna de Cidade de Deus. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/layos1.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2010, 13:37.

do século XX – a arte do homem moderno.” Nesse processo antropofágico, consequentemente, esse meio devora também a linguagem de outros meios midiáticos e readapta à linguagem cinematográfica, que é constituída por um conjunto de outras linguagens, que visam produzir sentido ao espectador. São elas: a linguagem visual, a linguagem sonora e a linguagem verbal. A primeira engloba as imagens e a montagem das cenas, a segunda é constituída pelos efeitos sonoros, que são as músicas e os ruídos, e a terceira é formada pelos textos falados e escritos.

No início do filme *“O Assalto ao Trem Pagador”*, o diretor Roberto Farias procurou, de maneira implícita, atrair a curiosidade do espectador, com as diversas linguagens do meio audiovisual, que causaram determinado sentido no público-alvo daquele meio. Isso pode ser notado principalmente com as primeiras imagens que são auxiliadas pelo som e atraem a atenção, daquele que assiste ao filme, logo nas primeiras cenas. Roberto Farias afirmou, em uma versão comentada do *“O Assalto ao Trem Pagador”*²², que a ideia do filme era ganhar a atenção do espectador logo nas primeiras cenas. Por isso, já no terceiro plano, somente com o uso de imagens e música, o espectador já foi atraído à mensagem fílmica, ao ver os trilhos, alterados, por onde o trem passaria e as cargas de dinamite colocadas por debaixo deles. Foi uma estratégia, de acordo com Roberto Farias²³, de “frustrar o espectador, mostrando aquilo que estava por vir, preparando-o para uma coisa empolgante, interessante” que viria a seguir. Farias acrescentou ainda que, no início do filme, “as pessoas são misteriosas, elas não mostram o rosto. Todos os bandidos estão mascarados, de modo que você não sabe quem vai assaltar aquele trem. Ninguém vê nada, somente os detalhes da preparação do assalto”²⁴, os quais instigam o espectador a continuar assistindo o filme. A maneira encontrada pelo diretor para prender a atenção do espectador foi começando o filme com o assalto acontecendo, e, a partir disso, já se presume que o enredo do filme versará sobre o desfecho daquele assalto.

Percebemos assim que, quando houve a transposição da linguagem jornalística para a linguagem fílmica, houve similaridades e disparidades entre o discurso dos dois meios midiáticos, pois, se compararmos esses discursos, podemos perceber trechos que se assemelham e outros que se diferem do factual. Para exemplificar isso, citamos as

²² O ASSALTO ao Trem Pagador. Produção de Roberto Farias. Coordenação do Centro Técnico do Audiovisual. Rio de Janeiro: HERBERT RICHERS, 2008. 1 DVD.

²³ Id., FARIAS, 2008.

²⁴ Ibid., FARIAS, 2008.

primeiras cenas até os 12min15s iniciais do filme, que mostram em seu discurso algumas similaridades com o discurso jornalístico da edição do dia 15 de junho de 1960, de *O Globo*. Tanto o título da matéria quanto as demais informações enfocaram que os bandidos usaram máscaras e luvas no assalto.

Percebemos que, em outro trecho do filme, quando um dos integrantes disse “não atira nesse não, que ele está com a gente”, aos 5min17s, é feita uma referência ao funcionário da Estação Ferroviária que fugiu ao ver o trem sendo rendido. Esse diálogo assemelha-se das informações publicadas nas edições dos dias 15 e 16 de junho de 1960, de *O Globo*. Nessas edições foi focado que a polícia suspeitava da participação de ferroviários no assalto, devido ao conhecimento que possuíam acerca do trem pagador, por exemplo, a hora de partida da estação de Japeri e o percurso que faria até chegar ao destino final. O diálogo sobre o funcionário, no filme, foi uma estratégia de comprometê-lo, mostrando que ele sabia de tudo, e que, por isso, fugiu sem prestar assistência aos demais companheiros do trem.

A linguagem gestual de alguns personagens da ficção também contribuiu para produzir sentido no espectador e é similar à intenção jornalística das notícias de *O Globo* sobre o assalto ao trem pagador. Para exemplificar isso, percebemos que, aos 44min33s do filme, somente os gestos do personagem “Grilo Peru” (interpretado pelo ator Reginaldo Farias), que ao ler um texto do jornal com notícias de suspeita de ferroviários envolvidos no assalto, fez um gesto de zombaria e de ironia, já demonstraram aquilo que a imprensa da época noticiara. A relação entre os discursos dos dois meios midiáticos também ocorreu aos 23min13s e aos 43min34s, quando alguns dos personagens do filme se informaram sobre as investigações do assalto, pelos jornais, reafirmando mais uma vez que o discurso jornalístico influenciou a reconstituição que a produção cinematográfica fez do fato real.

Segundo o diretor Roberto Farias, muitas cenas foram gravadas nos mesmos locais em que, segundo a imprensa da época noticiou, ocorreram situações relacionadas ao fato real, como as cenas da residência de Tião Medonho, que foram filmadas na mesma casa, onde Tião Medonho morou, e que foi adquirida com o dinheiro do assalto; e, também, o encontro armado por Manuel Gordinho com Tião Medonho, na ponte do bairro Coelho Neto, o mesmo local onde os policiais tentaram prendê-lo na realidade.

Em relação às disparidades entre os dois discursos, podemos citar as informações veiculadas, também, em 15 de junho de 1960, em *O Globo*,

especificamente no intertítulo “O saque”, que trata de uma resistência dos ferroviários no momento da rendição do trem. No filme, aos 4min45s, é mostrada apenas a entrega passiva dos tripulantes ao bando de mascarados, sem nenhum indício de resistência.

A mídia impressa expôs ao leitor (Intertítulo “Não me mate pelo amor de Deus”) o depoimento de Nilo Braga Barbosa, o qual afirmou que suplicou ao chefe da quadrilha, para que não matasse nenhum dos ferroviários. No filme, aos 4min48s, por vontade própria e sem fazer nenhum apelo aos assaltantes, um dos ferroviários apenas disse “Eu vou me entregar porque eu tenho filhos, e não quero morrer”.

Em outro trecho do filme, aos 28min, quando o personagem Grilo Peru (Reginaldo Farias) se interessa por comprar um automóvel com o dinheiro do assalto, o discurso fílmico difere-se daquilo que foi noticiado no jornal. Segundo as informações veiculadas em 20 de junho de 1960, em *O Globo*, o suposto carro foi roubado antes do assalto, e, no filme, o carro é comprado após o assalto. Tal atitude do assaltante rompe o pacto feito entre o personagem Grilo Peru e os outros integrantes do bando, de que só poderiam gastar dez por cento de cada parte do dinheiro adquirido no assalto, para não levantar suspeitas.

Comparando as linguagens dos dois meios, quanto à produção de sentido ao leitor ou ao espectador, percebemos uma característica comum aos dois meios: a presença da imagem, que contribuiu para tocar a afetividade do destinatário da informação, pois na mídia impressa, ela é construída mentalmente pelo leitor, por meio das estratégias discursivas presentes nos textos jornalísticos, que se inteira sobre o assalto. E no meio audiovisual, a imagem, como parte da linguagem visual, serviu para demonstrar ao espectador os sentidos visados pelo diretor do filme em relação à sensação que aquele assalto representou para ele. Charaudeau define os efeitos da imagem da seguinte maneira:

[...] a imagem é suscetível de produzir três tipos de efeitos: um efeito de *realidade*, quando presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; um efeito de *ficção*, quando tende a representar de maneira analógica um acontecimento que já passou (reconstituição); um efeito de *verdade*, quando torna visível o que não era a olho nu (mapas, gráficos, macro e micro tomadas de imagem em *close-up*, que, ao mesmo tempo, desrealizam e fazem penetrar o universo oculto dos seres e dos objetos). (CHARAUDEAU, 2006, p. 110, grifos e parênteses do autor).

Dessa maneira, percebemos que na mídia impressa as imagens produzem um efeito de realidade, pois o leitor não presencia o fato no momento do acontecimento, e é por meio das imagens tanto explícitas no texto, como as fotografias, quanto as implícitas e subentendidas, que surgem no seu imaginário ao tomar contato com o texto, que possibilitarão ao leitor entender a informação midiática e formar sua opinião sobre a mesma. Já no meio audiovisual, as imagens produzem o efeito de ficção e de verdade porque, por meio delas, é possível ao espectador reconstituir um acontecimento ao ter contato com as mesmas, como afirmou Charaudeau (2006).

Do produtor da informação depende a interpretação, ou ponto de vista de cada espectador. Assim, a imagem que produz diferentes sentidos, dependendo do meio em que é veiculada, pode, também, reforçar a intencionalidade do produtor.

1.2. ANÁLISE CRÍTICA DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O ASSALTO AO TREM PAGADOR PUBLICADAS EM *O GLOBO*, DE 14 A 21 DE JUNHO DE 1960

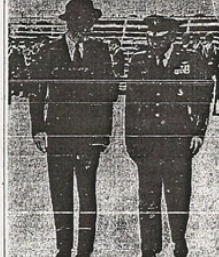
A primeira parte do *corpus* de análise dessa pesquisa compreendeu as notícias divulgadas, pelo jornal *O Globo*, entre os dias 14 e 21 de junho de 1960, com exceção do dia 19 de junho de 1960, data essa em que não houve publicação do jornal. Essas notícias estão relacionadas ao discurso jornalístico veiculado pelo jornal *O Globo* sobre o assalto ao trem pagador. A seguir, fizemos uma análise crítica das matérias jornalísticas, divulgadas pelo jornal, considerando os aspectos de legibilidade, inteligibilidade e visibilidade, que são aspectos característicos da mídia impressa.

1.2.1. 14/06/60 – Título: “Assalto a um Trem Pagador da Central!”

Clima Menos Tenso em Tóquio Para a Visita do Presidente Eisenhower

P.S.D. E P.T.B. NOVAMENTE À PROCURA DE UM CANDIDATO COMUM

Acertada Nova Crítica Para a Indicação do Nome Das Fôrças Situacionistas — Preferência do Marechal Teixeira Lott Pela Marechal Furica Dutra — Augusto do Amaral Peixoto Desencabeça Advertência de Sotomayor Milhões Sobre a Candidatura do Sr. Carlos Lacerda — Conversa Com o Ministro da Justiça — P.S.P. Expulsa os Deputados Euzébio de Almeida e Mello Lello — O Marechal Dutra Não Vai ao Conselho da Marechal Lott (6.ª PÁG.)



VIAGEM CORAJOSA

Não há dúvida de que, ao longo da viagem, o presidente Eisenhower terá de enfrentar a oposição de muitos brasileiros que não gostam de ver o Brasil sob o domínio estrangeiro. Mas, apesar disso, o presidente norte-americano não hesita em fazer a viagem, pois acredita que isso ajudará a melhorar as relações entre os dois países. A viagem será realizada em um trem, e o presidente estará acompanhado por sua esposa e por alguns membros de sua comitiva.

Quem dá Mais?

Esta é uma pergunta que está sendo feita em muitas partes do Brasil. A resposta é: depende de quem você está falando. Para alguns, a resposta é: o Brasil. Para outros, a resposta é: os Estados Unidos. A verdade é que ambos os países estão fazendo muito para melhorar as relações entre eles. O Brasil está investindo em educação e saúde, enquanto os Estados Unidos estão investindo em tecnologia e ciência. Ambos os países estão trabalhando para tornar o mundo um lugar melhor.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

Um assalto a um trem pagador da Central do Brasil ocorreu na noite de ontem. O trem estava viajando entre São Paulo e Rio de Janeiro quando foi atacado por um grupo de homens armados. Os atacantes roubaram dinheiro e documentos do trem. A polícia está procurando pelos responsáveis pelo crime. O trem estava cheio de passageiros, e muitos ficaram assustados com o ocorrido. A Central do Brasil está tomando medidas para evitar que isso aconteça novamente.

Frondizi Não se Opõe a um Encontro Com Ben-Gurion

Declaração do Posador Por Recife — Raina Paz na Argentina — Apelo à Oposição Pan-Americana (TEXTO NA DECIMA-QUINTA PAGINA)

ANO XXXVI — Rio de Janeiro, terça-feira, 14 de Junho de 1960 — Nº 10.468

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO
Direitor-Redator: ROBERTO MARINHO
Diretor-Administrativo: HERBERT MOSES
Diretor-Editorial: ROGERIO MARINHO

IDEOLOGIAS DIVIDEM O MUNDO; NÃO AS QUESTÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS

Homemagem Com o Título de Doutor “Honoris Causa” na Universidade Católica, o Periférico de Milão — Discurso Encomiástico do Professor Alcides Amorim Lima e a Apresentação do Cardeal Montini — Presenças de Srs. Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas, o Uruguai, a Argentina e o Brasil — Recepção no Palácio do Catete — O Encontro do Cardeal Montini com o Papa João XXIII

Estaria no Rio O Casal Fugitivo

ENFRENTOU A POLÍCIA — Um casal fugitivo de São Paulo, acusado de roubar um trem, está sendo procurado no Rio de Janeiro. O casal é formado por um homem e uma mulher. Eles foram vistos em uma estação de trem em São Paulo, mas fugiram antes que a polícia chegasse. A polícia está procurando por eles em todo o Brasil. O casal é considerado uma ameaça à segurança pública.

Sammy Davis Espectacular

O cantor Sammy Davis Jr. está se apresentando no Rio de Janeiro. Ele é um dos maiores cantores do mundo e está fazendo um show muito bom. O show está lotado e todos estão gostando. Sammy Davis Jr. é um artista muito talentoso e está fazendo muito sucesso no Brasil.

Candidatos Que Sujam a Cidade? Nunca!



Assalto a um Trem Pagador da Central!

Um assalto a um trem pagador da Central do Brasil ocorreu na noite de ontem. O trem estava viajando entre São Paulo e Rio de Janeiro quando foi atacado por um grupo de homens armados. Os atacantes roubaram dinheiro e documentos do trem. A polícia está procurando pelos responsáveis pelo crime. O trem estava cheio de passageiros, e muitos ficaram assustados com o ocorrido. A Central do Brasil está tomando medidas para evitar que isso aconteça novamente.

Restabelecida a Assistência Policial

A assistência policial foi restabelecida após um período de interrupção. A polícia está trabalhando para garantir a segurança pública e evitar mais crimes. Os cidadãos estão sendo encorajados a cooperar com a polícia e reportar qualquer atividade suspeita. A polícia está comprometida com a segurança de todos os cidadãos.

MARILYN FEZ 32 ANOS

A atriz Marilyn Monroe fez 32 anos hoje. Ela é uma das atrizes mais famosas do mundo e está fazendo muito sucesso no cinema. Seu aniversário é comemorado em todo o mundo. Marilyn Monroe é uma verdadeira estrela de Hollywood e está fazendo muito sucesso no Brasil.

Iniciadas Ontem as Provas do Concurso Nacional de Piano

As provas do Concurso Nacional de Piano começaram ontem. O concurso é um dos mais importantes do mundo e está atraindo muitos músicos talentosos. As provas serão realizadas em várias cidades do Brasil. Os músicos estão se preparando muito bem para o concurso.

Figura 2: Página 1 da Edição 10463 de O Globo

Fonte: Jornal O Globo, 14/06/60



Figura 3: Ampliação da nota, sobre o assalto, publicada em 14 de junho de 1960

Fonte: Jornal *O Globo*, 14/06/60

Publicada em 14 de junho de 1960, em *O Globo*, sobre o assalto ao trem pagador, a nota informou sobre esse fato de maneira imprecisa, porque, na época, o jornal era de circulação vespertina, e o acontecimento, segundo informações, ocorreu às 8h30min daquela terça-feira. O horário de ocorrência do assalto dificultou uma cobertura jornalística mais ampla sobre o caso, devido à falta de tempo para a apuração do fato, antes da publicação do jornal, ou seja, no momento do acontecimento, a edição daquele dia estava sendo impressa. Assim, a curta nota jornalística, serviu para inteirar o leitor sobre o assalto. Observamos, contudo, que o tempo do acontecimento do fato não coincidiu com o tempo da cobertura jornalística, e, sobre isso, Charaudeau (2006) nos afirma que

[...] o acontecimento, destinado a tornar-se notícia, deve, por contrato, produzir-se numa temporalidade a mais próxima possível daquela da instância de recepção (pela restrição de atualidade). A mídia, qualquer que seja, deve gerenciar essa restrição, sabendo que o tempo do acontecimento é diferente – e anterior ao – do tempo da enunciação da instância de produção, o qual é diferente – e anterior ao – do tempo de consumo da instância de recepção. (CHARAUDEAU, 2006, p. 107, parênteses do autor).

Na análise do discurso jornalístico dessa nota, ficou explícito que o fato ocorreu momentos antes da impressão final do jornal, o que contribuiu para direcionar as informações que constituíram esse discurso, pois, analisando o texto, observamos que foram publicados ao leitor detalhes insuficientes sobre o acontecimento. Percebe-se, portanto, que os diferentes tempos de acontecimento e de enunciação, dificultaram uma cobertura ampla do fato. Esses aspectos estavam explícitos no título da nota, “Assalto a um trem pagador da Central!”, que se trata de uma frase seguida por um ponto de exclamação. Esse tipo de pontuação pode demonstrar certo espanto por parte do autor do texto com o acontecimento, passando ao leitor a ideia de que o assunto não tinha sido previsto para ser publicado naquela edição do jornal. Tal suposição se adéqua à análise desse sinal de pontuação especificamente na nota jornalística referente ao assalto, pois logo acima temos a mesma pontuação, na mesma página, em outra matéria jornalística intitulada “Candidatos que sujam a cidade? Nunca!” e, portanto, não se trata de uma expressão de espanto.

Em relação ao título, vimos, também, que o uso do artigo indefinido “um”, reforçou esta ideia de imprecisão, pois não foram informados, ao leitor, detalhes sobre o meio de transporte nem a especificação numérica, que permitisse ao mesmo identificar qual dos trens pagadores foi assaltado, em meio a tantos outros. Isso poderia causar dúvidas ao destinatário da informação. Percebemos, ainda, que o fato de esse meio impresso ter publicação vespertina, houve influência no discurso jornalístico publicado, naquele dia, sobre o referido assalto. Quanto a esse tipo de circulação, que teve seu auge entre as décadas de 40 e 60, no mercado jornalístico brasileiro, o autor Juarez Bahia²⁵ afirma:

O vespertino representa um momento de êxtase da galáxia de Gutenberg – e em muitos países, como o Brasil, atinge um padrão notável até os anos 60 – atravessando as duas grandes guerras – após ter sido influente em fins do século XIX. A sua fórmula de sucesso no mercado é o jornal leve, conciso, direto, em linguagem telegráfica. (BAHIA, 1990, p. 77).

²⁵ BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: as técnicas do jornalismo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

E, sobre o estilo jornalístico característico do vespertino, o autor acrescenta:

Enquanto a técnica do matutino é a pormenorização, a do vespertino é o resumo... O vespertino tem o estilo do flagrante, em vez da palavra derramada prefere a fotografia, que vale mil palavras. É mais objetivo porque se detém no essencial, desprezando o secundário. (BAHIA, 1990, p. 77).

Observando o único parágrafo, constituinte da nota jornalística, percebemos que as informações essenciais sobressaíram-se em relação às secundárias, inexistentes no parágrafo, pois não foram mencionados os aspectos relevantes envolvidos no acontecimento: a descrição da hora exata do assalto, a existência ou não de vítimas, a especificação da quantia roubada, entre outras.

Informações secundárias podem ser relevantes, pois, tais informações poderiam facilitar o entendimento do leitor, ávido por maiores detalhes desse acontecimento. Essa ausência de informações também ocorreu no *lide*, cujas informações referentes às seis questões básicas — *O quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? E Como?* —, constituintes do primeiro parágrafo de um texto jornalístico, não foram respondidas completamente.

Percebe-se, no *lide*, apenas uma curta referência a “*O quê*”, a “*Onde*”, a “*Quem*” e a “*Como*”, cujas respostas concisas formaram uma notícia curta sobre o fato. Outro aspecto observado é que, em um único parágrafo, o autor do texto deixou clara a ideia de que estava reportando ao leitor informações que chegaram à Direção da Central do Brasil, e não diretamente a ele, como autor, quando diz: “A Direção da Central do Brasil foi avisada esta manhã...”²⁶ Com o uso dessa frase, é como se o autor quisesse dizer ao leitor que não podia relatar o fato com tanta certeza, pois não teve acesso às informações apuradas no local do assalto, mas a algo que lhe foi repassado por outra fonte de informação. Esse autor, como jornalista, apenas retransmitiu o fato sobre o assalto ao trem pagador, aos leitores, no cumprimento de suas funções como profissional.

A falta de apuração do fato está clara no discurso, como pode ser percebida na frase: “dizem ser 0899 a placa do veículo usado para a fuga dos assaltantes”. O redator, ao fazer uso do verbo “dizer”, na terceira pessoa do plural, deixou claro que não tinha certeza sobre a identificação correta do veículo. Está explícita a ideia de que as

²⁶ Conforme Figura 3.

afirmações publicadas se basearam em dados de outra fonte de informação, e não a uma apuração *in loco* inerente à atividade jornalística.

Para se levar o fato ao maior número de leitores possíveis, de maneira que a informação midiática atinja um grande público e garanta, assim, um aumento da fatia de consumidores das informações veiculadas por um determinado meio midiático, Charaudeau (2006) descreve alguns itens que fazem parte da exigência de legibilidade da mídia impressa:

A exigência de legibilidade obriga a imprensa a um trabalho de exposição que seja o mais claro possível, a respeito dos acontecimentos que se produzem no espaço público, através dos modos discursivos do ‘acontecimento relatado’ (feitos e ditos). [...] Entretanto, como a legibilidade tem a ver principalmente com o entendimento, ela se manifesta e toma todo o seu valor no modo de escritura dos artigos devendo, estes, por contrato, ser acessíveis ao maior número possível de leitores no âmbito de um alvo pré-construído. (CHARAUDEAU, 2006, p. 233, aspas e parênteses do autor).

Quanto à legibilidade dessa nota jornalística, percebemos, na composição do título, que o autor, além de ter resumido o acontecimento ao leitor, também antecipou o que viria ser relatado, sobre o fato, nas próximas edições de *O Globo*. Charaudeau (2006) discorre sobre a composição das notícias impressas e a disposição dos títulos:

Relatar o acontecimento tem como consequência construí-lo midiaticamente: no instante mesmo que ele é relatado, constrói-se uma notícia, no espaço temático de uma rubrica. A notícia é objeto de um tratamento discursivo desenvolvido sob diferentes formas textuais: de anúncio (os títulos), de notificação (as notas), de relatório (artigo) etc. É o que se denomina ‘acontecimento relatado’. (CHARAUDEAU, 2006, p. 152, aspas e parênteses do autor).

Assim, percebemos que o fato foi relatado com o mínimo de informações apuradas. Outro aspecto visível em relação à visibilidade, nesta e nas demais matérias sobre o assalto, é o fato de que os textos não são assinados pelo redator. Além disso, a posição da nota jornalística na primeira página de *O Globo* aparece próxima ao campo inferior direito da página, servindo como um atrativo à visão do leitor ocidental, que se desloca da esquerda para a direita.

Pela análise, acreditamos que o jornal apenas cumpriu uma de suas funções básicas, sendo esta a de informar sobre os acontecimentos atuais, não mostrando detalhes aprofundados sobre o fato, o que deixou diversas dúvidas no leitor. A publicação da nota serviu como uma estratégia para despertar o interesse do leitor para um acontecimento relevante que seria detalhado nas edições seguintes de *O Globo*. Esses aspectos são característicos das publicações vespertinas, pois segundo Bahia (1990):

Mais que o matutino, o vespertino é produzido sob a pressão do tempo e é, tanto quanto possível, o jornal de hoje, abrindo espaço para amanhã, mas distante do ontem, que é notícia antiga. Seu tom popular, apressado, dinâmico, saltitante, valoriza a emoção em relação à reflexão. Em regra, a sua prioridade é a notícia, e não propriamente a opinião. (BAHIA, 1990, p. 77).

Podemos observar que essa notícia apresentou indícios para a próxima reportagem sobre o assalto, publicada em 15 de junho de 1960, em *O Globo*. Ela é mais abrangente do que aquela publicada no dia do acontecimento, na qual a intenção jornalística se ateve a divulgar, ao leitor, apenas o flagrante sem maiores detalhes. Desse modo, ficaram claras a ideia de que, no momento do assalto ao trem pagador, o jornal já estava pronto para ser impresso; e a ideia de que a primeira página foi editorada e diagramada na hora do fechamento daquela edição, resultando, portanto, na publicação de um curto resumo sobre o inesperado fato.

Quanto à produção de sentido originada pela linguagem impressa, percebemos que duas características do meio impresso influenciaram o discurso jornalístico que chegou ao leitor por meio dessa nota. São elas, o tempo de ocorrência do fato e o tipo de veiculação do meio midiático (vespertino), que direcionaram a maneira como as informações foram retransmitidas ao leitor.

Diante do exposto, identificamos que a possibilidade de maior ou menor tempo de cobertura influencia o tipo de discurso que atinge o leitor. Isso ficou muito claro na linguagem impressa dessa nota, que foi composta de termos e expressões que denotaram a agilidade na maneira como o fato foi apurado. Também, percebemos como foi apresentada a ausência das informações básicas, componentes de uma matéria jornalística, e que instigariam a curiosidade do leitor para o que seria divulgado nas próximas edições de *O Globo*.

1.2.2. 15/06/60 – Título: “Bandidos de máscara e luvas matam um ferroviário, ferem 4 e fogem com 27 milhões”

AGRAVA-SE A TENSÃO EM TÓQUIO

Kishi Adiou a Ratificação do Pacto Com os EUA

TÓQUIO, 15 (A.P. - O GLOBO) — Nobusuke Kishi, Primeiro-Ministro, adiou hoje a ratificação do tratado de defesa com os Estados Unidos, adiando assim a oposição esperada. Kishi, 63 anos, portador da Perda da Visão, e que pertence ao Kishi, anunciou que o Parlamento entrará em sessão durante a visita de Eisenhower.

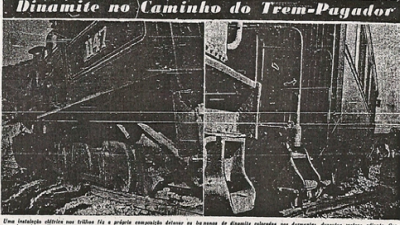
ANO XXXVI — Rio de Janeiro, quarta-feira, 15 de junho de 1960 — Nº 18 04

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Geral: ROBERTO MARINHO
Diretor-Administrativo: RICARDO MARINHO
Diretor-Executivo: ROBERTO MARINHO
Diretor-Redação: ROBERTO MARINHO

Dinamite no Caminho do Trem-Pagador



Uma explosão ocorreu no caminho do trem-pagador, destruindo o trilho e a locomotiva. Os passageiros foram evacuados e a locomotiva foi destruída. A explosão ocorreu no caminho do trem-pagador, destruindo o trilho e a locomotiva. Os passageiros foram evacuados e a locomotiva foi destruída.

BANDIDOS DE MÁSCARA E LUVAS MATAM UM FERROVIÁRIO, FEREM 4 E FOGEM COM 27 MILHÕES

Facilita Sôbre o Trem Que Saiu Das Fitas — Entre Japoi e o Povo da Bahia — Rapidez e Recurso Surpreendente Dos Assaltantes — As Autoridades em Intensa Atividade de Inquérito, Presumindo Círculo de Bandidos REPOSIÇÃO NA 6ª PÁGINA



Um trem-pagador foi atacado por bandidos mascarados e luvas. Os bandidos mataram um ferroviário, feriram quatro outros e fugiram com 27 milhões. A polícia está em busca dos bandidos.

A Cidade Precisa da Ajuda de Todos



Um grupo de pessoas está em uma fila, esperando algo. A cidade precisa da ajuda de todos.

Planos já Existem; Falta Executá-los

Em entrevista a O GLOBO, o Deputado Celso Lacerda, membro do Parlamento Brasileiro, falou sobre o Plano de Ação da Bahia, se o Estado Governador de Eduardo de Aguiar — Condições de São Paulo do Estado, Recuperação Total da Bacia do Tocantins e Rápido Desenvolvimento da Bahia (1ª PÁGINA)

CHIANG KAI-SHEK EM ENTREVISTA A "O GLOBO"

A EXTINÇÃO DO COMUNISMO NA CHINA É QUESTÃO DE TEMPO

Realizando sua Análise na Bahia, o Líder Nacionalista Chiang Kai-shek, o Necessário de Cade Via Mais da Resistência ao Comunismo Internacional — Não Nos Iludamos: Menos e Menos Penso de Hoje Manter; e Que se Dê em Contração Fidei Espalhada Pelo Povo Comunista, Como Corrente de Fúria

De O GLOBO o Único Troféu Recebido Por Sammy Davis Jr.

Encontrados Nelson e Olivera Numa Chácara em Curitiba

ABELARDO JUREMA AFIRMA QUE OS PODERES ESTÃO FUNCIONANDO EM BRASÍLIA

Fuzilados Beaton e Seus Companheiros

Ponto Final: Amambá, Nos Espetáculos Federais

Encontrados Nelson e Olivera Numa Chácara em Curitiba

Encontrados Nelson e Olivera Numa Chácara em Curitiba

Figura 4: Página 1 da Edição 10464 de O Globo

Fonte: Jornal O Globo, 15/06/60

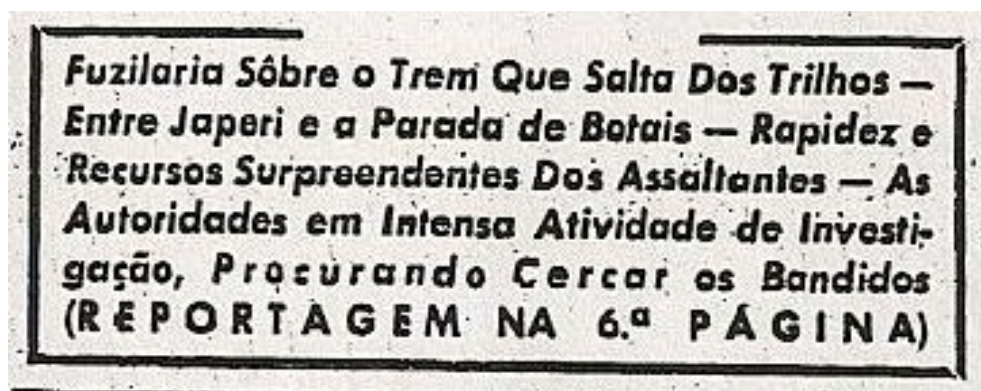


Figura 6: Ampliação da chamada de primeira página para a reportagem interna sobre o assalto

Fonte: Jornal *O Globo*, 15/06/60

Quanto a esse aspecto, e em comparação com a nota sobre o assalto, publicada no dia anterior, observamos a preocupação do diagramador do jornal em colocar as informações sobre o assalto na mesma posição, na primeira página, permitindo ao leitor se inteirar, facilmente, das informações sobre o fato.

Para Charaudeau (2006), a exigência de visibilidade

[...] obriga a imprensa a compor as páginas de seu jornal de maneira que as notícias possam ser facilmente encontradas e apreendidas pelo leitor. Assim sendo, a instância midiática deve ter um cuidado particular com a maneira de anunciar e apresentar as notícias. Isso é feito através da paginação (primeira página, rubricas, fotos, desenhos, gráficos, tabelas, tipos de colunas, molduras etc.) e da titulação (títulos, pré-títulos, subtítulos, leads.) (CHARAUDEAU, 2006, p. 233, parênteses do autor).

Relacionando o pensamento de Charaudeau com a intenção jornalística presente no discurso dessa reportagem, especificamente no título da mesma, percebemos que, quando o autor não classificou o trem como pagador, o título deixou dúvidas no destinatário da informação quanto ao tipo de trem que fora assaltado. Isso mostra que a preocupação do jornalista se ateu à hipótese de que o leitor já soubesse que nesse acontecimento tratava-se do envolvimento de um trem pagador. Nesse contexto, são as estratégias discursivas presentes no título e na abertura, que originarão o sentido do restante do texto. Nesse caso, essa função coube ao termo “ferroviário”, no título, pois é a única palavra que informa ao leitor que o roubo envolveu uma circunstância relacionada a um trem. Aquele termo adquiriu a função de impor sentido

ao contexto que viria a seguir, além da função de levar o destinatário da informação midiática a imaginar, em um primeiro momento, que o assalto ocorreu em uma estação ferroviária ou no percurso de uma linha férrea.

Porém, como o entendimento da mensagem midiática depende dos diferentes pontos de vista de cada leitor. Alguém, por exemplo, poderia supor que um ferroviário — significando aquele que trabalha na linha férrea — foi vítima fatal de um assalto, e outras quatro pessoas foram feridas durante um roubo a um banco ou a outro local de acesso público, pois o texto mencionou dinheiro roubado. Assim, podemos inferir que cada leitor interpreta o fato de uma maneira, de acordo com o seu ponto de vista, e conforme as estratégias discursivas presentes nas linguagens midiáticas, que impõem determinado sentido ao que será interpretado pelo destinatário da informação. Essa situação é definida por Charaudeau (2006) como:

[...] uma ‘mimese-3’, como re-figuração do mundo configurado, que resulta da atividade de inteligibilidade do sujeito receptor. Este navega entre compreensão e interpretação, reconstituindo uma significação, em função de sua própria finalidade de ação e de sua própria experiência intelectual e afetiva, a partir do mundo construído pelo outro. Essa refiguração é designada como hermenêutica, posto que é uma tentativa de resposta interpretativa à interrogação sobre os sentidos inscritos no mundo significado através dos textos produzidos que o configuram. (CHARAUDEAU, 2006, p. 97, aspas do autor).

Além disso, quanto à legibilidade, na primeira página, as chamadas para a reportagem da página 6, foram construídas com frases formadas de adjetivos e verbos, que criaram situações imaginárias ao leitor, procurando causar sensações de curiosidade e de emoção, exemplificadas pelo uso de expressões como: “*Fuzilaria* sobre o trem que *salta* dos trilhos”, “*Rapidez e recursos surpreendentes* dos assaltantes”. “As autoridades em *intensa* atividade de investigação procurando *cercar* os bandidos”. Esses termos, em itálico, serviram para recriar aquele momento (do assalto) para o leitor, procurando levá-lo a vivenciar aquela circunstância e se sentir inserido naquela situação. O uso das expressões “fuzilaria” e “rapidez e recursos surpreendentes”, na chamada da matéria, o remeteram a perceber a gravidade do fato, e, ainda, enfocaram a ousadia dos assaltantes, que utilizaram recursos sofisticados para a época, quando abordaram o trem pagador. (O Globo, 15/06/60, p. 1, grifo nosso).

O discurso jornalístico criou ações em objetos inanimados, como foi a utilização do verbo “saltar” se referindo ao trem, que personificou o meio de transporte. Essa antropomorfização causou impacto no leitor, levando-o a imaginar o trem sendo atingido por balas de fuzis, em pleno movimento, e despertou sua curiosidade sobre o estado das pessoas que nele se encontravam no momento do assalto.

Quanto às investigações policiais, o uso dos termos “intensa” e “cercar” demonstrou toda a preocupação e o empenho da polícia em tentar apurar os fatos, logo na chamada da primeira página, transmitindo, ao leitor, a ideia de que os policiais estavam se esforçando nas investigações do caso. Em relação à reportagem interna, a intenção jornalística foi de prender a atenção do leitor desde o início da reportagem, com a colocação de um “nariz de cera”, contendo indícios sobre o assalto, mas não o descrevendo logo. Esse procedimento consistiu numa estratégia discursiva que servira para incitar a curiosidade do leitor pelo conteúdo do texto.

O termo “nariz de cera”, que foi substituído pelo *lide*, na década de 60, no Brasil, é definido por Erbolato, no *Dicionário de Propaganda e Jornalismo*²⁷, como uma “forma antiga e romanceada de se redigir o início das notícias, para que os elementos essenciais do fato somente fossem apresentados linhas depois” (1986, p. 217). A utilização desse tipo de estrutura no início do texto jornalístico era comum em *O Globo*, em 1960, pois, somente no início da década de 60, ocorreu a publicação da primeira versão do Manual de Redação e Estilo do jornal, de circulação interna.

Até então, segundo Callado²⁸ (2002), a maioria dos jornais brasileiros seguiam a diagramação proposta

[...] no Jornal do Brasil, que nos anos 60 foi, sem dúvida, o modelo em estrutura de texto e em programação visual – para todos os jornais do país, o cuidado com a diagramação (planejada pelo escultor e desenhista Amilcar de Castro) era tão dominante que, em algumas páginas, todos os lides tinham, naquela época, seis linhas e os sublides, cinco linhas. (2002 apud CALDAS, 2002, p. 52, parênteses do autor).

²⁷ ERBOLATO, Mário. **Dicionário de Propaganda e Jornalismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

²⁸ CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet**. São Paulo: Loyola, 2002. A obra é composta de uma coletânea de textos, entre eles, o da autora Ana Maria Callado.

Percebemos o uso dessa antiga estrutura denominada “nariz de cera”, na introdução da matéria publicada em 15 de junho de 1960, conforme a Figura 7:

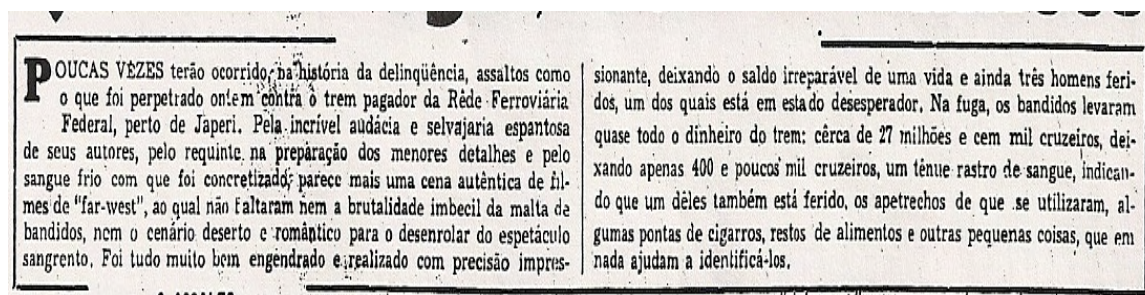


Figura 7: Introdução do texto jornalístico, da Página 6, da Edição 10464 de *O Globo*

Fonte: Jornal *O Globo*, 15/06/1960

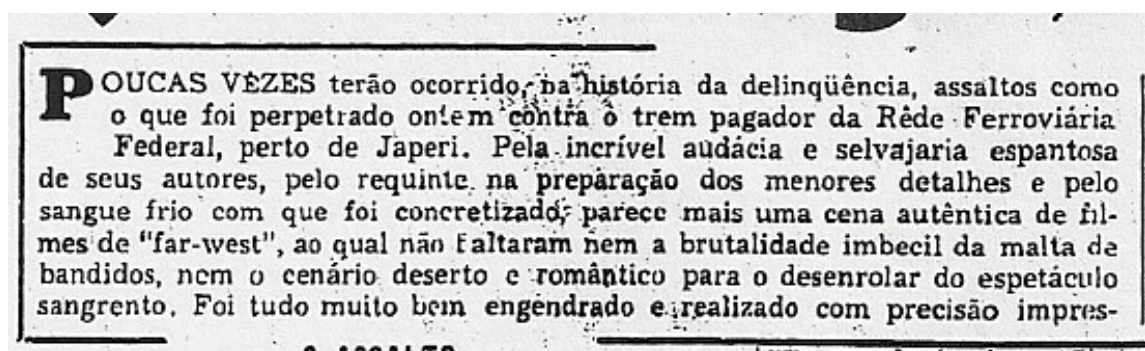


Figura 8: Ampliação do lado esquerdo da introdução do texto jornalístico, da Página 6, da Edição 10464 de *O Globo*

Fonte: Jornal *O Globo*, 15/06/1960

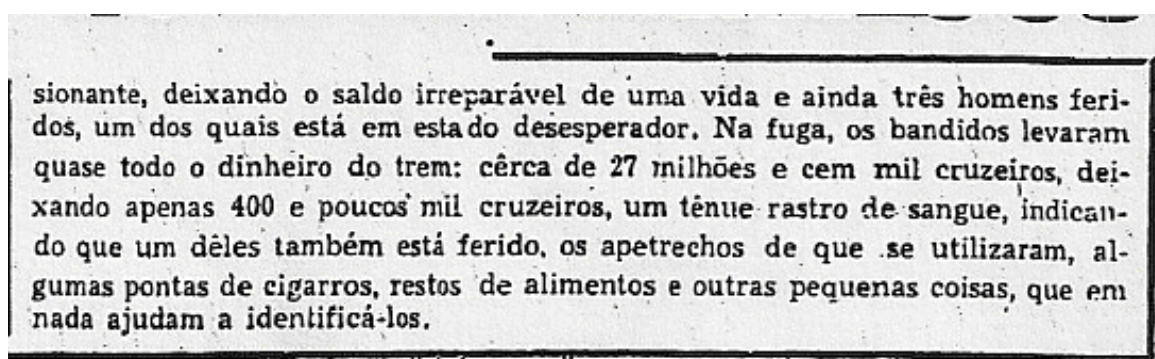


Figura 9: Ampliação do lado direito da introdução do texto jornalístico, da Página 6, da Edição 10464 de *O Globo*

Fonte: Jornal *O Globo*, 15/06/1960

Nota-se que o uso, no texto, de diversos adjetivos demonstrou a subjetividade do jornalista ao relatar o fato. Ele se mostra indignado e revoltado com o acontecimento, descrevendo-o de maneira triste, comovente, buscando, assim, despertar a atenção do

leitor e, simultaneamente, tocar seus sentimentos com o violento assalto, produzindo determinado sentido neste. Uma dessas formas textuais, que serve para produzir sentido no primeiro contato entre o leitor e a informação midiática, é o *lead*. No *Manual de Redação e Estilo do Globo*²⁹ (1995, p. 32), lemos o seguinte: “*lead* significa ‘guia’ e expressa exatamente a função das primeiras linhas do texto de jornal: guiar o leitor, atraí-lo, num processo bem próximo da sedução”. Mais: “o bom *lead* é aquele que faz o leitor continuar a ler”. No *Manual de Redação e Estilo do Jornal Folha de São Paulo*³⁰ (1986, p. 152) o *lide* é definido como “Palavra aportuguesada do inglês ‘lead’, conduzir, liderar”. Neste último, ainda podemos ler que “o jornalismo usa o termo para resumir a função do primeiro parágrafo das matérias jornalísticas cuja função é introduzir o leitor no texto e prender sua atenção.”

Com o intuito de atrair a atenção desse leitor de *O Globo*, o redator do trecho, ilustrado na Figura 7, expôs comentários sobre o acontecimento que se mostraram explícitos, devido ao uso de termos que expressaram de sua subjetividade. Ao analisarmos o discurso jornalístico da abertura da reportagem, percebemos traços da intencionalidade de quem reportou aquele acontecimento ao leitor. Entre esses traços destacam-se, com muita propriedade, as estratégias discursivas que procuraram tornar verossímil o acontecimento e demonstraram a sensibilidade de quem escreveu o texto. O autor procurou levar ao destinatário da informação um retrato mais próximo de quem presenciou o acontecimento, inclusive colocando o seu ponto de vista no discurso, o que demonstra, ao leitor, o quanto o emissor se sentiu indignado e revoltado com o fato.

Como a própria definição do *lide* nos informa, esse parágrafo inicial tem a função de conduzir o leitor ao restante do texto, ou seja, apresentar o que será exposto no decorrer da matéria jornalística. Percebemos que a subjetividade de quem elaborou aquela reportagem estava explícita nos próximos parágrafos, pois essa abertura, comparada a um *lide*, pode ser classificada como um *lead* documentário e, simultaneamente, como um *lead* dramático, pois ao mesmo tempo em que reconstituiu o acontecimento, o fez de maneira emotiva, produzindo sentido ao leitor.

Esses dois tipos de *lead* são caracterizados da seguinte maneira: o primeiro como aquele “que narra tudo o que se refere a um acontecimento, inserindo detalhes,

²⁹ GARCIA, Luiz (Org.). **Manual de redação e estilo do Globo**. 21. ed. São Paulo: Globo, 1995.

³⁰ NOVO MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 1995.

que futuramente servirão para uma reconstituição histórica”; o segundo, como aquele “que provoca emoção”, como apresentou Erbolato (1986, p.192).

Tanto na abertura quanto no decorrer do contexto, o discurso jornalístico foi constituído pelo uso abrangente de adjetivos, números, hora exata, nome completo de pessoas; e, em relação às fontes de informação, a transcrição das falas foi formada pelos discursos direto e indireto. Todos esses recursos serviram para aproximar o leitor do fato real, com mais verossimilhança, pois o assalto foi apresentado ao leitor com o máximo de detalhes e sob diferentes ângulos de leitura. Foram mostrados ao leitor os depoimentos das testemunhas, dos investigadores e do próprio jornalista, visando causar uma sensação de proximidade entre o leitor e o fato. Tais estratégias persuasivas são características da linguagem jornalística, pois, como comentou Laje (1997),

A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração de notícias: a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo vão ter, no texto, efeito de realidade, isto é, contribuir para a verossimilhança da história. Certas particularidades estilísticas do idioma adquirem importância. Por exemplo, o fato de o adjetivo anteposto ao substantivo, em português, adquirir sentido sublimado (bom homem, pobre moça)... (LAJE, 1997, p. 42, parênteses do autor).

Comparando o uso desse tipo de adjetivo, acima citado, com essa reportagem, percebemos que o redator deu autenticidade às situações descritas, com a utilização de expressões, como “alvejado”, “saraivada de balas”, “um dos projéteis transpassou-lhe a nuca”, no texto. Da mesma maneira, como a utilização das expressões “um saldo irreparável”, “um tênue rastro de sangue”, na abertura, nos mostra como o autor quis retratar, ao leitor, a situação autêntica, verdadeira, aproximando-o ao máximo da maneira como o fato ocorreu. Nessa abertura, o redator simultaneamente informou e expôs sua opinião no texto ao mostrar-se revoltado com as estratégias dos assaltantes para confundir os policiais, explícito no uso da frase “cigarros, restos de alimentos e outras pequenas coisas que não constituem nenhuma prova para identificar os assaltantes.”

Quanto à legibilidade da página 6, o intertítulo “Como foi armado o assalto” enfatizou, em seu discurso, uma crítica do autor do texto quanto à ousadia dos assaltantes do trem pagador. Como exemplo disso, podemos citar a frase usada na abertura deste intertítulo: “Para a execução do assalto os quadrilheiros *chegaram ao*

cúmulo de abrir, a enxadão, uma picada da altura do quilômetro 14 da estrada Japeri-Miguel Pereira até uma elevação de onde descortinam todo o ambiente.” (O Globo, 15/06/60, p. 6, grifo nosso).

Em outro intertítulo da reportagem, intitulado com uma declaração extraída do depoimento de uma das vítimas do trem pagador, Nilo Braga Barbosa, onde podemos ler “Não me mate pelo amor de Deus”, percebemos a ênfase dada para a situação de medo e de pavor, vivida pelo funcionário da Rede Ferroviária. Isso é percebido por meio de um discurso que demonstrou, a partir do depoimento da vítima, uma situação desesperadora, no momento em que essa vítima manteve contato com os assaltantes.

Assim, a utilização de estratégias discursivas na tessitura do texto, juntamente ao uso de termos e expressões enfáticos, apelaram para o imaginário do leitor e deram subsídios para que o emocional desse leitor fosse atingido. Tanto a utilização de estratégias quanto o uso de termos e expressões enfáticos, ambos, simultaneamente, produziram, para o leitor, um sentido do que foi o acontecimento, e tornaram por meio do texto escrito a descrição do assalto mais verossímil e autêntica. Esses aspectos enfatizaram a função emotiva da linguagem e contribuíram para produzir, no leitor, o sentido, que o jornalista quis transmitir, do conteúdo acerca do fato. A reportagem mostrou, ao público-alvo do jornal, todo o fato de maneira informativa, descritiva, emotiva e enfática, destacando a ousadia dos assaltantes. Estes aspectos serviram para caracterizar e enfatizar a exigência de inteligibilidade, característica da mídia impressa.

Charaudeau (2006) afirma que a exigência de inteligibilidade

[...] manifesta-se em determinados elementos da paginação (novamente pelas molduras, pelos gráficos etc.), mas particularmente pelas formas textuais que se apresentam como comentários (editoriais, crônicas, análises etc.). Deve-se acrescentar a isso que a situação monolocutiva de troca permite ao jornalista jogar sutilmente com o eixo do engajamento; não estando em situação física de contradição imediata (não há alternância de turno de fala, logo, não há interrupção possível), ele pode desenvolver sua análise ou sua argumentação planejando-a previamente, redigindo-a num determinado espaço de maneira contínua, escolhendo suas palavras e, se necessário, corrigindo-a. (CHARAUDEAU, 2006, p. 233, parênteses do autor).

No intertítulo “O assalto”, a ênfase foi dada nos primeiros momentos do assalto com expressões que caracterizaram a situação apavorante dos ocupantes do trem. Nele,

o leitor é informado que a composição “saltou dos trilhos e foi sacudida por uma sucessão de violentas explosões” e “Recebeu uma saraivada de balas vindas dos dois lados da estrada”. Ainda em relação à visibilidade, um dos aspectos que norteou o discurso jornalístico, mesmo que, de maneira implícita, é que a reportagem foi dividida em vinte e seis intertítulos, que descreveram sequencialmente como o fato ocorreu. Dois dos últimos intertítulos mostraram ao leitor que o jornalista apurou os últimos fatos até o fechamento daquela edição, e isso está explícito nas frases “quando encerrávamos os trabalhos desta edição” e “ao encerrarmos os trabalhos”.

Em relação à legibilidade, percebemos na diagramação da página, além da abertura da matéria, cinco intertítulos separados por fios, que destacaram o conteúdo jornalístico, circundando-os. São eles: “O saque”, “O plano do assalto”, “Como foi armado o assalto”, “Ferido um dos assaltantes”, “Sai da frente palhaço”. Notamos, então, que a utilização desse recurso gráfico buscou separar, e/ou enfatizar, os aspectos principais daquela reportagem, mostrando ao leitor que as informações relevantes estavam descritas naqueles trechos da matéria jornalística. O fio é, segundo o *Manual de Redação e Estilo do Jornal Folha de São Paulo*, um “traço contínuo de diferentes espessuras usado em diagramação para separar textos ou delimitar qualquer material gráfico” (1995, p. 43). Nota-se, então, que a utilização desse recurso gráfico buscou separar, enfatizar, os aspectos principais daquela reportagem, mostrando ao leitor que as informações relevantes estavam descritas naqueles trechos da matéria jornalística. A exigência de legibilidade também pôde ser percebida na linguagem não-verbal, pois as fotografias foram diagramadas numa sequência que informou ao leitor como o fato se sucedeu. Esse recurso, além de provar a veracidade do fato, serviu também para complementar o discurso jornalístico.

Observamos, portanto, que há uma divulgação de uma sequência de imagens. Primeiro, a fotografia da vítima morta, Francelino Paulo Correia, antecipa a imagem, mais abaixo, do seu chapéu e, posteriormente, vemos um megafone, objeto utilizado pelos assaltantes, as fotografias dos feridos e, por último, mais um objeto, a caixa de dinheiro vazia. Parece que uma sequência fotográfica, que ilustrou as informações da abertura da reportagem, serviu para reconstituir (ou ilustrar) o assalto, já descrito no conteúdo veiculado no restante da matéria.

Da mesma maneira, a fotografia de um dos *travellers checks*, colocada ao lado direito do título, na página 6, além de ter ilustrado o dito na abertura, serviu para

complementar o título da reportagem, já que esse informou que os bandidos fugiram. Seria uma estratégia do autor do texto para, implicitamente, reforçar o termo “fugiram” ou seria a utilização desta fotografia uma alusão subentendida à palavra “viajaram”? Disso, depende a interpretação de cada leitor.

Concluimos que a produção de sentido nessa reportagem foi originada principalmente com a utilização de expressões e termos enfáticos, que demonstraram a subjetividade do autor do texto, em relação ao fato e às suas consequências, mas de maneira informativa, característica da linguagem jornalística. Destacaram-se, como estratégias discursivas para exemplificar isso, o uso do discurso direto com mais ênfase que o indireto, na transcrição do depoimento das vítimas, presentes nos trechos da reportagem intitulados: “O saque”, “Os socorros”, “Não me mate pelo amor de Deus” e “Resistir era loucura”. A produção de sentido também foi determinada pelo discurso jornalístico, que foi constituído por expressões enfáticas formadas pelo uso de adjetivos antepostos aos substantivos, e por uma abertura narrativa da reportagem que inteirou o leitor do fato de maneira emotiva, procurando enfatizar uma das características da mídia impressa: a verossimilhança.

Assim, a linguagem impressa reconstituiu, para o leitor, o fato real por meio do texto jornalístico, pois o jornalista procurou retratar, no texto, a maneira mais fidedigna possível da ocorrência do fato em questão, com o intuito de tocar a afetividade do leitor.

O GLOBO • 16-6-60 • Página 6

Espera a Polícia Prender os Assaltantes do Trem da Central Dentro de 48 Horas

POLICIAIS de três Estados — Rio de Janeiro, Guanabara e Minas Gerais — estão empenhados em capturar os assaltantes do trem-pagador da Central do Brasil. Assim é que está articulada uma ação conjunta, de larga envergadura, para que não escape um dos principais delinquentes que levaram a cabo o mais audacioso roubo que há notícia em nosso País. E, há, além disso, agentes da R.F.C.B., trabalhando em contato com o delegado Amil Neri Rinaldi, designado para coordenar o inquérito policial, juntamente com o escrivão Alcebades Ramos e o delegado de Viamouras. Foi feita uma série de detenções de indivíduos suspeitos. O velho assaltante, conhecido como Barru Maná, foi trazido para o Rio de Janeiro, onde se aguarda o comparecimento do Sr. Rinaldi, que o detentor do roubo o maior assalto foram tomados os depoimentos de dois dos funcionários da Central que estavam no trem assaltado.



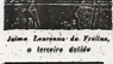
Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



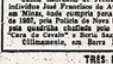
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



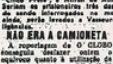
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



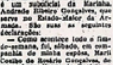
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



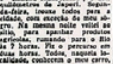
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



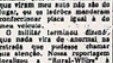
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



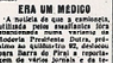
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



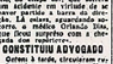
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



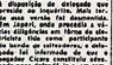
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



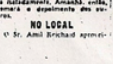
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



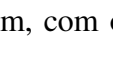
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



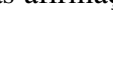
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



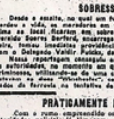
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



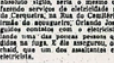
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



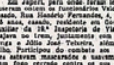
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



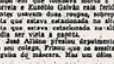
Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



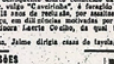
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



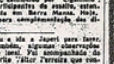
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



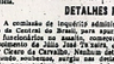
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



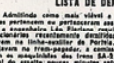
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



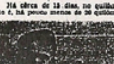
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



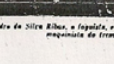
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



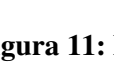
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



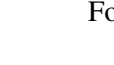
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



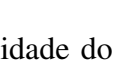
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



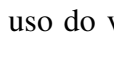
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



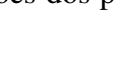
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



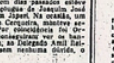
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



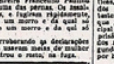
Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



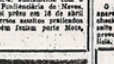
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



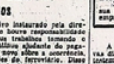
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



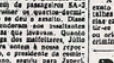
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



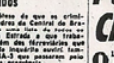
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



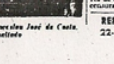
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



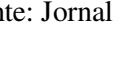
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



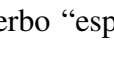
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



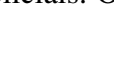
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



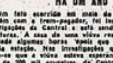
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



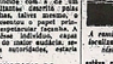
Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



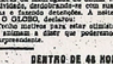
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



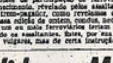
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



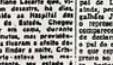
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



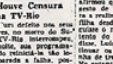
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



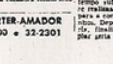
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



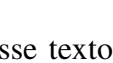
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



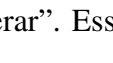
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



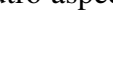
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



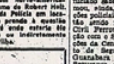
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



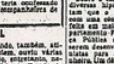
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



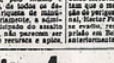
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



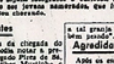
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



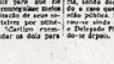
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



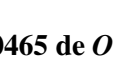
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



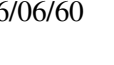
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



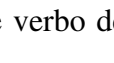
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



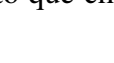
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



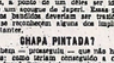
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



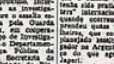
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



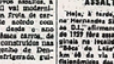
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



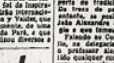
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



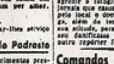
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



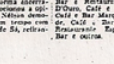
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



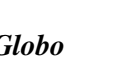
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



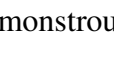
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



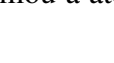
João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



Fotografia de Neri, o "Chico Pêlo"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



João Leonardo de Freitas, o "leopardo dourado"



o fato de a polícia ter fixado um prazo para que a prisão dos assaltantes fosse efetuada. Fica claro, no título, que o jornalista quis repassar ao leitor a informação de que as investigações do assalto estariam concluídas em quarenta e oito horas, de acordo com o depoimento policial, o que torna o jornalista alheio a qualquer tipo de responsabilidade por aquilo que noticiou. O verbo “esperar” ainda denuncia certo pessimismo, por parte do autor do texto, quanto à expectativa policial. O redator apenas supôs que a polícia talvez conseguisse prender os assaltantes em um prazo definido, porém, com descrença naquilo que estava informando. Tal descrença ficou explícita no próprio significado do verbo em questão, que nos remete à expectativa, crença e confiança de que algo pode ou não se concretizar. Para Maingueneau³¹, “À semelhança do discurso direto, a escolha do verbo introdutor é bastante significativa, pois condiciona a interpretação, dando certo direcionamento ao discurso citado.” (2001, p.150) Esse direcionamento, na mídia impressa, equivale à intencionalidade do jornalista, pois a escolha de determinadas estruturas narrativas, como o uso desse verbo introdutor no título acima, produziu ao leitor a ideia de que o redator não compartilhava da mesma opinião policial. A informação transmitida ao leitor foi apenas a suposição policial, que caso fosse concluída, poderia levar ao fim das investigações, com a prisão dos assaltantes e o encerramento do caso, o que na realidade não se concretizou.

Em relação à visibilidade da página, optou-se pela mesma composição visual da reportagem do dia 15 de junho de 1960. Os fios foram utilizados, enfatizando certos aspectos da reportagem em detrimento de outros, e a reportagem sobre o assalto foi publicada, também, na página 6. Quanto à primeira página, a chamada para a matéria interna ocupou a mesma posição que a reportagem do dia anterior, o que facilitou, mais uma vez, a visualização rápida por parte do leitor. Outra similaridade entre a diagramação dessa reportagem e a do dia anterior está na primeira página do jornal desse dia: ambas publicaram uma fotografia que ilustrou as chamadas para a reportagem interna. Essa fotografia, publicada em 16 de junho de 1960, assumiu as funções de atrair a atenção do leitor para o assunto e de antecipar o sentido da reportagem interna, pois a legenda já exprimiu a crítica do jornalista diante da atitude dos assaltantes.

Uma disparidade, em relação à reportagem publicada em 15 de junho de 1960, é que o lide não aparece circundado por fios. Se considerarmos a utilização dos fios como um recurso para enfatizar o conteúdo jornalístico envolto por eles, concluiremos

³¹ MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

que as informações não mereceram tanto destaque, segundo a intencionalidade do redator do texto.

Ainda em relação à visibilidade da página, o *layout* desta aparenta conter muitas informações, devido à quantidade de intertítulos: somam-se 31 intertítulos no total. Estes, porém, foram divididos de maneira desproporcional, já que, analisados detalhadamente, o conteúdo de cada um deles se resumiu a divulgar informações publicadas antes, tanto que, apenas cinco dos intertítulos foram destacados por fios, demonstrando o enfoque do jornalista apenas neles, para destacar a relevância da informação contida nessas partes. Outro aspecto que exemplifica a diagramação desproporcional dessa página é o tamanho dos intertítulos. Um deles, “A Interpol cooperará”, foi constituído por apenas um parágrafo. Já o intitulado como “Detalhe novo” é exatamente aquele que não continha nenhuma informação nova sobre o caso, inclusive, não apareceu destacado por fios.

Quanto à inteligibilidade, o texto do lide, se comparado ao discurso jornalístico da reportagem anterior, apresentou diferença, pois foi elaborado de maneira direta e clara, referindo-se ao rumo das investigações acerca do assalto, assunto abordado naquela edição. Na elaboração do discurso jornalístico, predominou o discurso indireto, mostrando que a reportagem foi constituída de informações relatadas por fontes externas e não da subjetividade do jornalista, o que extingue, de certo modo, qualquer responsabilidade deste profissional pelas informações difundidas. Em outro trecho, o jornalista optou pelo discurso direto, para dar mais veracidade àquilo que foi divulgado, como na transcrição da entrevista (Intertítulo: “Não era a camioneta”), concedida à reportagem de *O Globo*, pelo proprietário da caminhonete, Andrade Ribeiro Gonçalves, cujo veículo foi suspeito de ter sido utilizado no assalto.

A utilização de certas expressões na linguagem impressa demonstrou que os fatos foram apurados na ocasião em que se sucederam. Como exemplo, podemos citar o intertítulo “Três prisões”, onde o redator, por meio da seguinte frase, enfatizou a participação da imprensa em todas as etapas das investigações, inclusive após o fechamento de cada edição diária do vespertino: “Seriam os prisioneiros, três dos participantes do assalto, estando sendo interrogados *no momento* em Barra Mansa.” (*O Globo*, 16/06/60, p. 6, grifo nosso).

Em outro denominado “Sobressalto”, houve a valorização do trabalho da equipe de reportagem quando o redator afirmou: “Nossa reportagem conseguiu entrar

também em contato com as autoridades, *no momento* em que estavam no encalço dos criminosos, utilizando-se de uma caminhoneta da E.F.C.B.” (O Globo, 16/06/60, p. 6, grifo nosso). O uso dessas expressões demonstrou que o fato foi apurado enquanto estava ocorrendo e reafirmou a ideia de que as informações veiculadas foram obtidas pelo repórter no momento da cobertura jornalística.

Em outro intertítulo “Diligências da Central”, o trabalho da equipe de reportagem também foi elogiado e a cobertura jornalística, destacada:

A hipótese de participação de ferroviários, pelo íntimo e exato conhecimento, revelado pelos assaltantes, de todos os detalhes do trem-pagador, *como revelamos com riqueza de minúcias em nossa edição de ontem*, conduz, necessariamente, a admitir-se que um ou mais ferroviários teriam participado do assalto ou orientado os assaltantes. (O Globo, 16/06/60, p. 6, grifo nosso).

Na análise dessa reportagem, observamos que o discurso jornalístico, disposto de diferentes maneiras nos intertítulos, produziu sentido ao leitor na medida em que revelou a contribuição que a imprensa dera ao rumo das investigações. Para exemplificar isso, podemos citar o intertítulo “Não era a camioneta”, o qual descreveu, ao leitor, como o jornal tinha contribuído nas investigações, destacando a função social da mídia. Ficou claro, no texto, que a equipe de reportagem conseguiu desfazer o mistério sobre a caminhonete que fora vista no momento do assalto. Coube ao veículo ser uma pista para desvendar o equívoco dos investigadores, os quais confundiram outro veículo com o que foi utilizado no dia do assalto. Segundo a notícia, o veículo sob suspeita pertencia a Andrade Ribeiro Gonçalves, um suboficial da Marinha.

Quanto às rubricas, característica das matérias jornalísticas, apesar de as matérias não terem sido assinadas por nenhum dos redatores, ficou explícito, em determinados trechos do texto, que a equipe de reportagem era constituída por mais de um profissional. Isso pode ser comprovado ao lermos no intertítulo “Tentativa de descarrilamento”, onde é citado o pronome oblíquo “nos”: “O engenheiro Mauro Moreira, que também faz parte da comissão de inquérito, *disse-nos* que foi encontrada, atravessada na via férrea, uma tala de junção (a chapa que serve para manter junto dois trilhos).” (O Globo, 16/06/60, p. 6, parênteses do autor, grifo nosso).

Quanto à linguagem não-verbal, optou-se pela divulgação de seis fotografias na página 6. Elas abrangeram alguns suspeitos pelo assalto, além de quatro das vítimas, na

época, todos funcionários da Rede Ferroviária Federal. A última fotografia é da suposta caminhonete, que, no dia do acontecimento, foi vista nas proximidades do local do assalto. Analisando a utilização dessas fotografias, bem como a posição que elas ocuparam nessa página, observamos que essas imagens serviram apenas para quebrar a monotonia da página, tornando mais leve o seu aspecto. Ao analisarmos o conteúdo dos intertítulos próximos dessas fotografias, percebemos que não havia relação entre o texto jornalístico e a imagem. Como exemplo disso, podemos citar o intertítulo “Três Prisões”, colocado no meio da segunda coluna, cujo conteúdo se refere à fotografia publicada abaixo do *lide* da reportagem, logo no início da matéria. As informações referentes à “camioneta” constaram na primeira coluna, enquanto que a imagem foi colocada na quarta coluna da mesma página. Sobre isso, percebe-se que não havia, por parte da diagramação, a preocupação em reunir em espaços próximos, na mesma página, texto jornalístico e fotografias relacionadas ao mesmo assunto. A mesma disparidade entre conteúdo e imagem pôde ser observada na colocação das outras três fotografias (das vítimas do assalto ao trem pagador), que foram publicadas em colunas cujo conteúdo dos intertítulos próximos não tem relação com as mesmas. Assim, fica clara a estratégia de colocar fotografias apenas para ilustrar a página ou preencher espaços.

essa mesma pontuação no título da nota publicada no dia 14 daquele mês. O uso desse sinal de pontuação reforçou o espanto, a admiração e a surpresa do redator, ao informar ao leitor, que, após três dias de investigações sem a descoberta de provas relevantes sobre o caso, finalmente, a polícia encontrou um croqui do local do assalto com um dos suspeitos. Outro aspecto observado é que, a partir dessa edição, houve uma perda de importância do assunto na mídia impressa. Percebemos isso ao observarmos o fato de não ter sido publicada nenhuma chamada na primeira página de *O Globo*, para a reportagem interna, que constou das páginas 3 e 4. A primeira apresentou a maior parte do conteúdo e, a segunda, complementou as informações expostas na página anterior. A técnica jornalística de continuar um assunto publicado anteriormente em página subsequente é denominada como *Jump (ou run-over) story*, uma expressão inglesa, definida por Erbolato (1986, p. 188), que significa “Informação que continua em página posterior”. Com base nessa definição, analisamos a diagramação da página e notamos que um grande espaço foi dedicado à publicidade e que poderia ser destinado ao restante da reportagem, caso houvesse um planejamento visual equilibrado entre o espaço publicitário e o texto jornalístico.

No que diz respeito à exigência de visibilidade, outro diferencial dessa reportagem em relação às anteriores foi que, a partir dela, os intertítulos deixaram de ser destacados por fios e passaram a ser sublinhados. Apenas um deles foi separado por fios, o que expôs informações novas sobre o assalto. A partir dessa edição, percebemos também que o sublinhado passou a ser o estilo identificador dos intertítulos, independente de sua importância. Aqueles que continham informações relevantes foram circundados por fios, como nas edições anteriores.

Quanto à inteligibilidade, o discurso indireto predominou na transcrição das entrevistas, produzindo um sentido de verossimilhança ao leitor, diante das informações divulgadas pela mídia impressa. O jornal enfatizou ainda que novos detalhes, das investigações, estavam sendo apurados diariamente pelos jornalistas e deixou claro que os últimos acontecimentos chegavam ao leitor. Assim, a atuação daquela mídia impressa se destacou na cobertura das investigações sobre o assalto ao trem pagador. Uma demonstração disso é o uso, pelo jornalista, de frases como “*Ao encerrarmos os trabalhos desta edição, mais uma diligência considerada de maior interesse era empreendida*”, presente no intertítulo “A verdadeira camioneta dos assaltantes” (*O Globo*, 17/06/60, p. 3, grifo nosso). Além disso, foram retomadas informações

constantes da edição anterior, quando a polícia estipulou um prazo para prender os culpados. O jornalista deu uma explicação ao leitor sobre o que fora noticiado anteriormente, informando-o sobre as previsões da polícia que ainda não haviam sido concretizadas.

Para Mainguenu (2001, p. 150), o uso do discurso indireto na mídia impressa é justificado, pois “para um leitor instruído, o jornalista prepara um produto que fale à inteligência desse público e atrás do qual ele se apaga. Disso deriva a maior frequência do discurso indireto e das formas híbridas”.³²

Observamos, portanto, que ao fazer uso do discurso indireto, o jornalista deixa sua identidade oculta, e passa toda a responsabilidade sobre aquilo que foi relatado à fonte de informação. Ele se apresenta como um interlocutor entre o entrevistado e o leitor, deixando o último interpretar, à sua maneira, o que foi noticiado pela mídia. Nessa reportagem, a produção de sentido se fez principalmente colocando o leitor como expectador de toda a cobertura jornalística diária, pois houve o uso de expressões que se referiram ao leitor com a certeza de que ele já possuía conhecimentos das informações publicadas nas edições anteriores sobre o assunto. Essa situação ficou explícita nos intertítulos “Seria a chave do mistério”, “Mais dois nomes no Índex” e “Reconhecerá mesmo o eletricista” com a citação de trechos, como “Como sabem os leitores” e “como já dissemos”, “Ainda de ontem para hoje” e “a que nos referimos em nossa edição de ontem”. (O Globo, 17/06/60, p. 3).

A menção exata do tempo em que os fatos se sucederam é outro aspecto predominante nessa reportagem. Tal menção contribuiu na produção de sentido para o leitor. Com esse procedimento, o jornalista procurou mostrar ao leitor que a imprensa estava atuante na apuração dos fatos em todos os momentos, o que pode ser comprovado ao se ler, em várias partes da reportagem: “Por coincidência, *na manhã de ontem*, chegara a notícia...”, no intertítulo “Notícia que não se confirmou”; “Em reunião realizada, *ontem, à noite*”, no intertítulo “Q. G. em Nova Iguaçu”; “encontrou *na manhã de ontem*”, no intertítulo “Encontrado o detonador”; “*Ainda hoje*”, no intertítulo “Os cinco minutos”; “*Está agora* diligenciando”, no intertítulo “Outra camioneta”; “*Pouco depois das nove horas*, éramos informados” e “*requisitou ontem à noite.*”, ambos no intertítulo “Daniel teria sido preso em Santos”. (O Globo, 17/06/60, p. 3 e 4, grifo nosso).

³² Conforme a nota de rodapé n.º 10, mantivemos a ortografia original.

A cobertura de *O Globo* foi enfatizada no intertítulo “Graças à reportagem de O Globo” e, no encerramento da reportagem, o leitor foi informado de que a equipe de jornalistas teve atuação contínua nas investigações sobre o assalto, além de acompanharem os policiais como o disposto no trecho “*Em companhia da reportagem de O Globo*, seguiu para aquela cidade de Minas Gerais, lá chegando por volta das quatro horas da manhã, de hoje.” (O Globo, 17/06/60, p. 3 e 4, grifo nosso).

Como ocorreu na edição anterior, 18 de junho de 1960, quatro dias após o assalto, o assunto foi perdendo a atenção da mídia impressa, principalmente pelo fato de os jornalistas não terem aspectos novos sobre o assalto, para que fossem transmitidos ao leitor. Isso ocorreu porque as investigações policiais estagnaram, dificultando a coleta de informações novas pela imprensa da época. Diante disso, as notícias publicadas a partir dessa data eram um desdobramento das matérias jornalísticas anteriores, isto é, “uma suíte”³³. Essa deficiência de aspectos novos influenciou o discurso jornalístico da edição desse dia, conforme leitura do título: “Nenhum progresso nas investigações do assalto”. Esse título mostra, explicitamente, a subjetividade do autor do texto, ao dizer que: não houve nenhum progresso nas investigações do assalto. O pronome indefinido “nenhum” demonstrou que não houve fato novo e relevante acerca do assalto e que as investigações em nada progrediram até a publicação dessa edição.

A abertura da reportagem enfatizou o que foi colocado no título. O jornalista, no início do texto e com a intenção de continuar o que foi divulgado na edição anterior, usou expressões que tornam explícita a crítica ao trabalho policial ao mencionar sobre o croqui encontrado com Jaime Laureano de Freitas, um dos suspeitos pelo assalto: “*Até agora a Polícia fluminense não entendeu o interesse que alguns políticos demonstram por Jaime Laureano de Freitas, candidato a vereador...*”. De maneira irônica, no final da reportagem, a crítica se mistura à sua opinião quando diz: “O fato demonstra que Laureano é, realmente, de alta periculosidade e *com capacidade para tomar parte em delitos que exigem audácia e selvageria*, e não o *bom moço pintado pelos seus protetores*.” (O Globo, 18/06/60, p. 6, grifo nosso).

Quanto à visibilidade da reportagem interna, publicada na página 6, nenhum intertítulo foi destacado por fios, passando a ideia de que nenhuma informação mereceu destaque. Na opinião do diagramador da página, nem mesmo o intertítulo, que continha um aspecto considerado novo para os investigadores, foi destacado: O intertítulo, denominado “Dente de Ouro”, cujo conteúdo discorria sobre um dos suspeitos que possuía um dente de ouro, segundo afirmações do Sr. Mário Rebelo de Mendonça, testemunha do assalto. Percebemos, na análise do referido intertítulo, que as informações atraíram a atenção do leitor para algo diferente, obtido a partir de um depoimento. Porém, tais informações não supririam todas as expectativas desse leitor,

³³ Ibid.; ERBOLATO, 1986, p. 295. O autor define a suíte como “seqüência que se dá a um assunto, nas edições subsequentes de um jornal, quando a matéria é quente e continua a despertar interesse dos leitores.”

pois a informação que fora publicada não foi detalhada pelo jornalista a ponto de informar algo relevante aos leitores da época.

O discurso jornalístico da matéria, simultaneamente, elogiou o trabalho policial e criticou a falta de progresso nas investigações sobre o assalto. Como exemplo disso, podemos citar, das frases do intertítulo “nada de concreto”, as expressões “não obstante os discursos dignos de louvor dos policiais...”; “a polícia *nada tem ainda de concreto que a leve a uma pista*”. (O Globo, 18/06/60, p. 6, grifo nosso). Nem mesmo a imprensa da época escapou das críticas do autor do texto. Ele afirmou que um dos jornalistas deixou as impressões digitais na garrafa de uísque e atrapalhou as investigações policiais. Outro aspecto que foi alvo de crítica nessa reportagem consistiu na falta de atitude dos funcionários da Central do Brasil, que estavam no trem pagador no momento do assalto, pois, segundo o autor do texto, não reagiram diante dos assaltantes. Para enfatizar sua opinião, o jornalista cita o depoimento de uma das fontes de informação, o perito Valter Pereira, o qual afirmou que os funcionários não souberam usar as armas, quando houve a abordagem do trem pelos bandidos; inclusive reforçou isso explicando que a munição foi direcionada para o assoalho do trem pagador, e não em direção aos assaltantes, como deveria ter sido feito. Como não havia nada relevante para ser publicado, o conteúdo dessa reportagem resumiu-se em mostrar os rumos das investigações e a repetir os depoimentos de suspeitos, já citados em edições anteriores, e de alguns envolvidos no assalto, como os funcionários da Central do Brasil: Cícero de Carvalho Filho, Venceslau José de Castro, Pedro José da Silva e Mário Rebelo de Mendonça.

Essa falta de informações novas ficou explícita, inclusive nas chamadas dos intertítulos, com o uso de títulos imprecisos como “nada de concreto”, “não levaram a testemunha” e “seria a camioneta”, e, ainda como ilustração dessa imprecisão, podemos ler na legenda da única fotografia que ilustrava a matéria jornalística: “Cícero de Carvalho Filho, tesoureiro, *também ia no trem pagador. Seu depoimento de nada ajudou.*” Podemos observar outra característica do discurso dessa reportagem — a falta de clareza na divulgação de algumas informações — no intertítulo “Implorou piedade”, com as frases “Embora não trouxesse fatos novos, *foi o depoimento de Nilo Braga da Silva (Avenida Independência, 394) o mais minucioso. Chegou até a tomada de tempo durante a ação do assalto*”. (O Globo, 18/06/60, p. 6, grifo nosso, parênteses do autor).

Não fica muito claro ao leitor a que tempo o autor do texto está se referindo quando comparou a duração do depoimento de Nilo Braga da Silva ao “tempo de duração do assalto”. Houve informações contraditórias no trecho acima, pois ele passou a ideia de que o depoimento foi detalhado e, portanto, demandou mais tempo. Mas se atentarmos para o que foi noticiado sobre o tempo de duração do assalto percebemos que, de acordo com a reportagem publicada em *O Globo*, em 15 de junho de 1960, o trem foi rendido cinco minutos após a partida, e por cinco minutos aproximadamente, durou a resistência dos ocupantes. Então, resta a dúvida: Como o depoimento do funcionário foi tão minucioso, se comparado com a duração do assalto ao trem?

A utilização dessa estratégia persuasiva de comparar duas situações distintas, embora relacionadas, produz, para o leitor, um sentido de raciocínio, de pensamento e de construção de uma ideia acerca da informação veiculada por meio da comparação entre dois aspectos diferentes descritos pelo jornal. Charaudeau (2006, p. 81) entende tal situação por meio do seguinte raciocínio: “Assim sendo, a instância midiática constrói hipóteses sobre o que é mais apropriado para tocar a afetividade do sujeito alvo.” Acreditamos que, entre essas hipóteses, está a citação do tempo em que os fatos se sucedem, pois como na edição anterior tal recurso também foi utilizado, porém com menor ênfase, já que em apenas dois trechos foi citado o tempo de decurso dos acontecimentos. Tratam-se dos intertítulos “Quadrilha de Valdez” e “Seria a camioneta”, ambos com o intuito de dar maior verossimilhança à cobertura jornalística. Para ilustrar isso, podemos ler nos trechos que, respectivamente, noticiaram “*Ontem foram feitos diversos ‘comandos’ ao longo da estrada*” e “*Já era madrugada quando o comissário Brito Pereira levou informações sobre a camioneta incendiada ao Delegado Amil Rechaid*” (*O Globo*, 18/06/60, p. 6, grifo nosso). Esses recortes demonstraram o quanto a equipe de reportagem estava presente em todos os lugares e horários, acompanhando o rumo das investigações. Percebemos ainda o enfoque dado, pelo jornalista, às notícias sobre o fato. O redator concentrou-se em criticar a polícia, que não apurava detalhes novos sobre o assalto, além dos demais envolvidos no assalto, como os ocupantes do trem, que não revidaram, e até a própria imprensa, que, na ânsia de conseguir informações, acabou atrapalhando a obtenção de detalhes novos nas investigações.

Quanto à linguagem não-verbal, a fotografia publicada, se comparada com as divulgadas nas demais edições, foi diagramada em tamanho menor e serviu apenas para



A opinião do autor do texto mostrou-se explícita no título dessa reportagem, que criticou a situação confusa em que, naquele momento, se encontrava a polícia nas investigações sobre o assalto ao trem pagador. Segundo o jornalista, ao mesmo tempo em que a polícia tinha várias pistas do assalto, ela não conseguia desvendar o significado dessas pistas nem concluir nada sobre o caso. Essa ideia pareceu muito clara com a colocação, no título, da palavra “emaranhado”, que significa *mistura, confusão, embaraço*, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986, p. 628). Temos, no título, uma antecipação da crítica que seria feita, no decorrer da reportagem, ao desempenho policial nas investigações. Porém, tal crítica não constituiu o assunto principal dessa reportagem, pois a maior parte do seu conteúdo discorreu sobre as investigações da caminhonete que serviu para transportar a quantia roubada, no assalto ao trem pagador. O discurso jornalístico foi construído de modo que houve uma relação entre o conteúdo dos intertítulos. A maioria deles tratou de assuntos relacionados às investigações acerca dos dois veículos usados no assalto, como foi disposto nos cabeçalhos desses trechos. São eles: “Batida na Presidente Dutra”, “Roubo das ferramentas”, “Presos dois suspeitos”, “A História do Carro Azul”, “Surge um Buick Azul”, “Reconhecido pelo dono”, “Homero, hoje não!”, “Vasculhando o Morro”, “Emplacado em Itaguaí”, “A Camioneta Incendiada” e “Para a Oficina”.

Apesar de ter criticado a situação em que se encontrava a polícia, em relação às investigações, o título não resumiu os assuntos tratados na reportagem. Somente no *lide* da matéria foi enfatizada a crítica disposta no título, quando o jornalista explicou que “*O único ponto positivo nas investigações, ao que parece, refere-se ao esclarecimento em torno do veículo usado pelos ladrões*”. Ele complementa que “*Trata-se, como verão adiante os leitores, de carro furtado em Barbacena...*” (O Globo, 20/06/60, p. 4, grifo nosso). Por meio desses fragmentos, percebemos que o jornalista considerou que o leitor estava acompanhando o assunto diariamente pela mídia impressa, pois ao fazer referência a um tema, que seria discorrido no restante da reportagem, incitou a curiosidade do leitor, e ao mesmo tempo, procurou mantê-la atenta ao restante do texto.

Outro ponto significativo, verificado nessa reportagem, é que o jornalista teve, mais uma vez, o compromisso de explicar ao leitor a expectativa da polícia, quanto ao prazo de quarenta e oito horas para prender os assaltantes, conforme o publicado na reportagem do dia 17 daquele mês. A citação do tempo continua sendo um determinante da produção de sentido nessa matéria, porém com menos intensidade, pois os advérbios

de tempo foram citados menos vezes em comparação com as reportagens anteriores. No intertítulo “Batida na Presidente Dutra”, podemos comprovar isso: “*durante as 40 horas consecutivas, desde a madrugada de sábado e abrangendo todo o dia de ontem...*” (O Globo, 20/06/60, p. 4, grifo nosso).

O trabalho da imprensa também foi destacado. Como exemplo disso, podemos citar o intertítulo “Emplacado em Itaguaí” no qual é mostrado que a imprensa continua atuante, acompanhando os policiais nas investigações em todas as suas etapas.

A linguagem não-verbal expressa nas fotografias, que ilustraram o texto, demonstrou uma falta de equilíbrio na página em relação à proximidade entre texto e imagem. A fotografia, colocada junto ao *lide* refere-se ao intertítulo e está posicionada na terceira coluna, demonstrando que o uso desse recurso gráfico serviu como um recurso gráfico para ilustrar a página. Percebemos, ainda, numa análise comparativa entre o texto jornalístico e as fotografias mostradas nessa reportagem, que a utilização da estratégia de ancoragem³⁴, foi uma maneira adotada pelo diagramador de aproximar o leitor do desdobramento dos fatos, sucessivos ao assalto ao trem pagador, de modo que, tal recurso permitiu fixar o interesse do mesmo no relato jornalístico elaborado pelo redator e, simultaneamente, reforçou a verossimilhança das informações divulgadas pelo jornal.

³⁴ O termo ancoragem é definido como “uma estratégia utilizada pelo discurso referencial, meio utilizado pelo Jornalismo para se legitimar, para conseguir efeito de real.” Disponível em: <<http://www.jorwiki.usp.br/gdmat07/index.php/Ancoragem>. Acesso em 13 set. 2010, às 15:00.

Quanto à visibilidade, a reportagem, publicada em 21 de junho de 1960, apresentou uma disposição semelhante às demais, no que diz respeito à diagramação da página. Essa reportagem também foi publicada na página 3, e seu discurso voltou a dar ênfase ao trabalho policial e ao andamento das investigações sobre o assalto. No título, ficou explícito que a prisão de dois suspeitos estava iminente, já que, segundo o jornalista, eles tinham sido identificados, faltando apenas serem presos. Esse título, em comparação com os demais, apresentou uma particularidade: foi composto em fonte menor, apesar de a matéria ter sido publicada numa página ímpar (3), que é direcionada aos assuntos de maior importância, na mídia impressa, pelo fato de atrair mais a atenção do leitor em relação a sua localização. Demonstrando a perda de relevância do assunto no jornal, nenhum dos intertítulos foi destacado com fios, sendo que o aspecto de inteligibilidade, mais enfocado nessa matéria, foi a atuação da imprensa nas investigações, justificada no uso de expressões, como “*Coube à nossa reportagem, desde o primeiro momento, fazer o levantamento do carro de passeio*”, no *lide* da reportagem. Também no encerramento do *lide*, observamos que o trabalho da imprensa continua sendo valorizado, como se pode ver no seguinte fragmento: “*A reportagem de O Globo que levantara sobre ela as primeiras suspeitas, conseguiu localizá-la em Gericindó. O resto já é de conhecimento dos nossos leitores.*” Isso mostrou também que, novamente, o jornalista se dirigiu ao leitor como alguém assíduo no acompanhamento das notícias publicadas sobre o assalto. (O Globo, 21/06/60, p. 3, grifo nosso).

No intertítulo “A História da Camioneta 8-30-30”, o trabalho da imprensa também foi valorizado quando o autor do texto escreveu “Na sexta-feira, *noticiamos o fato* e, no sábado, *com exclusividade revelávamos as origens do veículo*”. Ele deixou claro que o jornal tinha feito uma cobertura ampla de todos os aspectos que envolveram o assunto, inclusive, com o furo jornalístico, pois afirmou que as informações foram obtidas e publicadas com exclusividade pelo *O Globo*. Em outro trecho da reportagem, o jornalista fez uma errata do que fora noticiado, porém, não expressou isso de maneira explícita, mas sutilmente, como podemos comprovar pela leitura da frase “*Não se trata ao contrário do que se divulgou de chapa fria*”, presente no intertítulo “Falam os donos da camioneta”. (O Globo, 21/06/60, p. 3, grifo nosso).

A citação do tempo de cobertura dos acontecimentos não foi tão enfatizada nessa reportagem, pois apenas dois dos intertítulos, “Mais um suspeito” e “Uma luva no

local”, fizeram referência ao decurso dos acontecimentos. Em relação à linguagem não-verbal, percebemos duas situações distintas: primeiro, a única fotografia, que ilustrou a matéria, foi colocada na segunda coluna, e, segundo, o texto, referente à imagem, foi diagramado no último intertítulo da terceira coluna que compõe a matéria. Sendo assim, ficou claro que não houve preocupação do diagramador da página em relacionar texto e imagem.

Pela análise das matérias publicadas, em *O Globo*, entre os dias 14 e 21 de junho de 1960, relacionadas ao assalto ao trem pagador, percebemos que as notícias de maior relevância foram publicadas nos dias 17 e 21 deste mesmo mês. Além disso, estas duas últimas foram colocadas nas páginas ímpares, com o intuito de chamar e prender mais a atenção do leitor. Já, nos dias em que as informações não tiveram tanta importância, segundo a intencionalidade do jornalista que as relatou, as matérias foram colocadas em páginas pares, sequencialmente nos dias 15, 16, 18 e 20 do mesmo mês. Verificamos que é comum a publicação das informações nas páginas 4 e 6, com predomínio da página 6, com o intuito de facilitar ao leitor encontrar as informações referentes ao assunto.

A partir do dia 17 de junho de 1960, quando novos detalhes foram revelados sobre as investigações, verificamos a presença de recurso gráfico para destacar os intertítulos: o estilo sublinhado. Nas edições anteriores, os intertítulos eram grafados com fontes em “caixa alta”, e, a partir daí, passam a ser utilizadas, além das fontes em “caixa alta”, também as fontes em “caixa baixa” e o estilo sublinhado. Em 18 de junho de 1960, desapareceu a utilização dos fios como uma estratégia de destacar aspectos relevantes do fato, porque tanto a reportagem desse dia quanto a do dia 20 de junho de 1960 mostraram uma crítica explícita às investigações e ao trabalho policial. Isso deixou clara a intencionalidade do autor do texto, que consistia em não destacar nenhum aspecto das críticas, considerando-as todas relevantes para o conhecimento dos leitores.

Com relação à exigência de visibilidade, a observação desses aspectos demonstra que houve a perda de importância pelo assunto na mídia impressa, pois com o decorrer do tempo, as informações, referentes ao assalto, não apresentaram novidades sobre o caso aos leitores. Por isso, as notícias tornaram-se, a cada edição, em textos reduzidos, resumindo-se apenas em uma “suíte” do fato.

Todo esse movimento é justificado pelo fato de a polícia, a principal fonte de informação, não ter conseguido novidades com as investigações. Logo, não restaram

alternativas para o jornal que não fosse a de criticar o trabalho policial, como podemos comprovar na análise crítica das edições dos dias 18 e 20 de junho de 1960, de *O Globo*.

CAPÍTULO 2. O FILME “O ASSALTO AO TREM PAGADOR”

“Ao terminar o filme ‘Assalto ao Trem Pagador’, o espectador não consegue conter uma manifestação de aplauso e admiração pelo cinema nacional, que já se revela capaz de produzir grandes obras. Baseado numa história de vida real, o filme soube extrair dela toda a sua dramaticidade, dando-lhe um tom humano e tocante. Vida e arte conjugam-se de modo impressionante e harmônico na produção de Herbert Richers e Roberto Farias. Ainda emocionado, felicito-os pelo trabalho realizado, endereçando os meus aplausos a toda a equipe de artistas que interpretam o ‘Assalto ao Trem Pagador’.”

(Comentário de Evandro Lins e Silva, após a exibição do filme, no Palácio Alvorada, em 09 de julho de 1962).

2.1. PRODUÇÃO DE SENTIDO NO MEIO AUDIOVISUAL

As linguagens visuais, musicais e sonoras são determinantes na produção de sentido causada aos espectadores dos meios audiovisuais, como o cinema, e constituem a linguagem do movimento, que caracteriza esses meios. São essas linguagens que irão construir o enredo do discurso fílmico, que, na maioria das obras cinematográficas, descreve uma história, minuciosamente, visando causar entretenimento ao espectador, de maneira que esse, ao ter contato com a narrativa ficcional, forme um retrato imaginário do conteúdo divulgado pela obra cinematográfica.

No processo comunicativo entre o espectador e o produtor da obra cinematográfica, os detalhes ficcionais, utilizados pelo produtor na elaboração do discurso fílmico e que algumas vezes reconstroem histórias reais na ficção, desempenham função primordial na construção de sentido ao público-alvo desse meio midiático. Esses detalhes se destacam nos filmes que têm sua trama baseada em histórias reais, pois esses buscam, com maior ênfase, dar ao espectador ideias acerca do factual, de maneira verossímil, por meio da reconstrução do acontecimento pela linguagem do movimento, como ocorreu no filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”.

Por meio de uma análise crítica desse filme, constatamos que houve, por parte da produção cinematográfica, um compromisso maior em ser fidedigno e verossímil com o factual, ficando explícita a intenção do produtor em reconstruir o fato real aos espectadores, dois anos depois do acontecimento. Assim, muitos leitores que tiveram contato com as informações jornalísticas acerca do assalto, em 1960, também foram

espectadores da trama policial, em 1962, e ainda se lembravam dos aspectos principais do acontecimento, pois o fato era ainda, relativamente, recente à época de lançamento do filme. Na transposição do factual para a ficção, a subjetividade do produtor da obra cinematográfica está presente na elaboração do discurso fílmico. Essa subjetividade é transposta para o contexto ficcional e é reforçada para os espectadores devido às linguagens cinematográficas, que os atingem, as quais englobam suspense, tensão e produzem um clímax que prende o espectador ao filme desde o início e até o desfecho da trama. Essas linguagens mostram, também, uma versão particular do factual, segundo seus produtores. Versão essa que é baseada na opinião de quem fez uma releitura daquele fato, conforme afirma Abdala Júnior³⁵:

As narrativas fílmicas desenrolam-se em cenários análogos ao do mundo da experiência, construindo, portanto, relações de causa e efeito, de forças sociais que se confrontam, de disputas históricas que adquirem um significado diferenciado, somente porque estão na tela por uma escolha dos realizadores: portanto representam um ponto de vista sobre a realidade. Todas as proposições dos realizadores criam uma tensão dialógica (MITRY, 1989) com outros discursos que compõem o contexto: o do próprio filme, o da época em que a trama do filme acontece; o da época de produção e o de exibição. (ABDALA JÚNIOR, [200-?], p. 3, citação do autor).

Vimos, pelo parecer acima, que diversos fatores interferem no contexto descrito pela obra cinematográfica, os quais influenciam na construção do discurso final que pode atingir o espectador, a exemplo do que ocorre na reprodução do fato jornalístico pela mídia impressa, onde o tempo de cobertura não coincide com o tempo do acontecimento, interferindo, assim, no contexto da informação jornalística, conforme descrito na página 46 desta dissertação. Assim, observamos que as diferentes categorias de tempo (de acontecimento, de produção e de exibição) influenciam a produção do discurso fílmico. No caso dos filmes baseados em fatos reais, há a necessidade de a produção cinematográfica buscar fontes de informação que tenham dados acerca do acontecimento real, os quais contribuirão na reconstrução do factual pelas linguagens ficcionais. Por isso, Sodré³⁶ (apud LOPES, 2003, p. 307) ressalta que: “A comunicação

³⁵ ABDALA JÚNIOR, Roberto. O cinema: outra forma de “ver” a história. **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1244abdala.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2010, 07:46.

³⁶ LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

desenvolve-se em torno de algo nada histórica e materialmente substancial, que é a realidade discursiva da mídia, a reboque do mercado e das mutações por ele trazidas no empuxo da globalização mercadológica do mundo”. Ele acrescenta ainda que “A mídia vive do discurso que faz sobre sua própria simulação das outras realidades. Não se trata de discurso sobre representações de substâncias históricas, mas de discurso sobre discurso.” (LOPES, p. 310). Essa proposição reafirma que o conteúdo veiculado por um meio midiático serve como fonte de inspiração para outro meio reconstruir uma nova versão do factual, adaptada às suas linguagens.

Nesta segunda parte do *corpus* de análise, que se constitui no filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, constatamos, por meio de uma leitura crítica de algumas cenas, que a composição do discurso fílmico tomou como fonte de informação o contexto descrito pela mídia impressa. O próprio diretor, Roberto Farias, afirmou, na versão comentada do filme³⁷, que muitos cenários, onde se desenvolveram determinadas cenas, foram compostos de acordo com as informações noticiadas pelos jornais, à época de ocorrência do assalto. Essa verossimilhança entre o factual e o discurso ficcional pôde ser constatada logo no início do filme, quando as imagens mostradas produziram sentido ao espectador, na medida em que o instigaram a esperar pelo desenrolar das cenas subsequentes. Para Roberto Farias, é imprescindível “ganhar a atenção do espectador logo no começo”. Por isso, ele iniciou o filme colocando imagens, como maços de cigarros, garrafas de uísque americano, uma bolsa feminina, que podem frustrar o espectador logo nas primeiras cenas da trama; além de mostrar os bandidos todos mascarados, que só descobrirão o rosto, no filme, depois de 9min06s.

A produção de sentido, para instigar a curiosidade do espectador, esteve presente inclusive na elaboração do roteiro, quando o diretor colocou informações, que eram alheias ao contexto fílmico, mas que levariam um espectador atento a se questionar acerca da colocação dos créditos no início do filme. Este procedimento não é comum, pois essas informações aparecem comumente no final da obra cinematográfica. Roberto Farias considerou, sobre a colocação dos créditos logo no começo do filme, como um dos “achados” do seu roteiro, uma particularidade, tendo em vista que, “nos créditos acaba o filme, e o que vem depois?” Segundo Farias³⁸, uma revista inglesa, numa crítica, feita em 1962, sobre o “*O Assalto ao Trem Pagador*”, afirmou ser este o

³⁷ Ibid., FARIAS, 2008.

³⁸ Ibid., FARIAS, 2008.

melhor pós-assalto já visto. Para a revista, a apresentação dos créditos no início da trama transmite ao espectador a ideia de que o filme terminou. Como nesse filme, as cenas iniciais mostram o assalto começando, essa estratégia de edição, colocando os créditos no começo da trama, encerraria o filme. Sendo assim, encerraria também o assalto, transformando as cenas iniciais em um pós-assalto.

A relação entre o factual e a produção ficcional pôde ser observada na elaboração de algumas cenas em locais onde as ocorrências reais aconteceram, como já foi citado nesta pesquisa. O uso de equipamentos utilizados no assalto real, como a locomotiva assaltada, que apareceu logo nas primeiras cenas do filme com a intenção de tornar mais autêntica a narrativa ficcional sobre o factual, também reforça essa relação. Assim, podemos observar a produção de sentido para o espectador, no caso do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”. Percebemos que tal produção foi gerada na composição das cenas e englobou todos os componentes das linguagens audiovisuais que, em conjunto e num constante diálogo com o discurso jornalístico, criaram sentido ao contexto descrito pelo filme, além de reforçarem a intencionalidade da produção cinematográfica, no que diz respeito ao enredo. Essa preocupação da produção da obra cinematográfica (com a composição dos cenários, com os objetos utilizados nas cenas, com os locais de gravação, com as falas e com os gestos dos personagens) serviram para readaptar o conteúdo jornalístico às linguagens do audiovisual, produzindo sentido, ao espectador do discurso fílmico, similar ao que foi relatado ao leitor, pela mídia impressa, na época do assalto.

Analisando o filme, percebemos, ainda, a presença do narrador-câmera, o qual desempenhou função essencial na divulgação do enredo ao espectador. Sua função se ateve a ficar subentendido nos movimentos de câmera e promover o diálogo entre as imagens e as falas dos personagens, reforçando o que o discurso fílmico descrevia sobre o assalto. Em algumas cenas, essa presença ficou muito explícita quando, aos 9min do filme, a câmera, se movimentando em *travelling*³⁹ firmou o pacto entre os assaltantes do trem, mostrando os gestos de concordância de cada um dos envolvidos no assalto, em relação ao acordo que estava sendo estabelecido naquele momento. Esse acordo determinava que nenhum dos envolvidos no assalto ao trem pagador, poderia gastar mais de 10% da quantia adquirida com o assalto, sob a penalidade de ser morto,

³⁹ Ibid.; ERBOLATO, 1986, p. 317. Conforme o autor, *travelling* é o “movimento de câmera sobre o carrinho de rodas, acompanhando paralelamente as cenas que estão sendo filmadas.”

juntamente com a família, por Tião Medonho (Eliezer Gomes) ⁴⁰, caso descumprisse o trato. Em outro trecho, entre os 45min31s e os 46min28s do filme, numa conversa entre Edgar (Miguel Rosenberg) e seu tio (Ambrósio Fregolente), um mecânico, o espectador teve a sensação de que o encontro está sendo observado por alguém. Coube à câmera, num movimento de *travelling vertical* ⁴¹, fazer a transposição do diálogo entre os personagens e a visão do terceiro, pois numa mudança de plano, direcionou a visão do espectador para o alto de uma pedreira, onde se encontrava Tião Medonho (Eliezer Gomes), que observava, de longe, toda a conversa. A observação atenta da cena faz com que o espectador incorpore a visão do personagem de Tião Medonho, já que o movimento de câmera reafirmou a situação vivenciada pelos dois primeiros personagens sendo observados por um terceiro.

Percebemos, portanto, que a produção de sentido na obra cinematográfica engloba diversos fatores referentes à preparação e à produção das cenas, pois, nesse contexto, tanto os cenários quanto os movimentos de câmera têm atuação fundamental no sentido de reafirmar a intencionalidade do produtor em relação ao discurso veiculado pelo meio midiático. Sobre a importância dos cenários na formação do contexto descrito pela obra cinematográfica, Michel de Certeau (2000) afirmou que

os cenários cinematográficos ‘materializam’ nas telas (para a percepção do público) muitas das condições que os textos históricos descrevem. Vale lembrar que as imagens apresentadas nos filmes entram na construção de seu discurso e que eles pretendem dialogar com outros discursos presentes no contexto da época de sua produção. Assim, as imagens tendem a estar mais próximas desse contexto, mesmo em filmes ‘de tema histórico’ ou que recorram a contextos históricos nas suas narrativas, sendo, por isso, muito difícil encontrar nelas uma fidelidade rigorosa. (CERTEAU, 2000, p. 17 apud ABDALA JÚNIOR, [200-?], p. 3, aspas e parênteses do autor).

Diante do exposto, observamos que os cenários desempenharam uma importante função, no sentido de adaptar as imagens formadas a partir do relato jornalístico às linguagens audiovisuais, reafirmando o mesmo conteúdo jornalístico, que fora divulgado pela mídia impressa da época. Tal observação é possível ao compararmos o factual descrito pelo discurso jornalístico com a reconstrução desse

⁴⁰ O esquema adotado para referência aos personagens e aos atores foi este: Personagem (Ator).

⁴¹ Ibid., ERBOLATO, 1986, p. 317. O autor define *travelling vertical* como a “movimentação da câmera de televisão em sentido de cima para baixo e de baixo para cima.”

factual pelo discurso fílmico. A construção desses cenários produziu, de maneira dramática, um realismo nas cenas do filme fazendo com que críticos de cinema da época de lançamento do filme o considerassem como um dos filmes mais importantes do Cinema Novo, devido à autenticidade e o realismo na elaboração da trama policial. Sobre esse tipo de Cinema, Souza⁴², uma historiadora, afirmou que

O Cinema Novo deve-se caracterizar hoje, basicamente como aquele cinema que por ser independente, tanto do ponto de vista industrial como estético ou político é o único que pode ser realmente um cinema livre. Creio que o Cinema Novo não pode ter regras pré-estabelecidas, dogmas a priori e imutáveis desde o ponto de vista estético ou ideológico. [...] Assim, será um cinema, acima de tudo, de denúncia; e, como tal, não poderá ser nunca um cinema vendido ao espetáculo comercial (no sentido convencional do termo), embora tenha que ser necessariamente um cinema de público, isto é, um cinema popular. (SOUZA, 2003, p. 138, parênteses da autora).

Essa liberdade de criação, presente nos filmes característicos do Cinema Novo, foi logo percebida pelos espectadores do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, tanto que, em 09 de julho de 1962, esse mesmo filme foi exibido no Palácio Alvorada, em Brasília, e, sobre essa exibição, o diretor Roberto Farias comentou:

Um dia o Herbert Richers marcou uma sessão do Assalto ao Trem Pagador em Brasília, no Palácio Alvorada, para o então Presidente João Goulart. Essa sessão se deu na noite de 09 de julho de 1962 e foi uma noite especialíssima, porque coincidiu com a eleição para Primeiro-Ministro do Sr. Francisco Brochado da Rocha, no curto período de Parlamentarismo que tivemos. Nessa sessão estavam as figuras mais importantes do Governo Goulart. Ali estavam San Tiago Dantas, Evandro Lins e Silva, Hermes Lima, Tancredo Neves e Brochado da Rocha. O filme foi exibido e o Mauro Salles – jovem ainda, e assessor de imprensa do presidente da República – depois de terminada a sessão, pegou um bloco e pediu para que cada um dos presentes escrevesse as suas impressões sobre o filme. Eu guardo esses manuscritos até hoje com muito carinho porque foi uma noite histórica para o governo brasileiro e histórica para mim como diretor do filme. (FARIAS, 2008).

A seguir, estão transcritas⁴³ algumas das impressões acerca do filme, a que se refere o diretor Roberto Farias e que foram apresentadas na versão comentada do filme:

⁴² SOUZA, Miliandre Garcia de. Cinema Novo: a cultura popular revisitada. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 133-159, 2003. Editora UFPR.

⁴³ Conforme Anexos B desta dissertação.

- a) Neste filme – O Assalto ao Trem Pagador – julgo que podemos identificar uma das etapas vitoriosas do desenvolvimento do cinema brasileiro. A verdade é que o filme empolga, do começo ao fim, não só pelo realismo dos personagens, das cenas e do enredo, mas também, pelo seu elevado sentido social. (Presidente da República João Goulart)
- b) Assisti com excepcional satisfação a exibição de “O Trem Pagador”. Pela segurança e sobriedade da narrativa, pela beleza da imagem e pela construção, considerei essa obra uma das mais representativas do surto que se inicia no cinema brasileiro, e que o colocará na linha do melhor cinema atual. (San Tiago Dantas)
- c) É uma afirmação de que o cinema brasileiro está conquistando sua maturidade. (Hermes Lima)
- d) O “Assalto ao Trem Pagador” marca um ponto alto na evolução do cinema brasileiro. O fundo humano que o anima, desenvolvido com apurada técnica, prende a atenção e mantém o tônus emocional e em todo o seu desempenho. Merece louvor a ação dos artistas que integram o elenco do filme, todos eles com atuação destacada, que a direção, conduzida com segurança e elevado senso artístico, permitiu se mostrassem no rigor de seu talento. Faz honra à nossa cultura e à nossa civilização os singulares padrões de técnica e arte de “Assalto ao Trem Pagador”. (Tancredo Neves)
- e) Assisti a exibição de “O Trem Pagador”. Foi uma enorme emoção. E a vivi com a alegria de brasileiro que aplaude uma das maiores realizações do cinema nacional. (Brochado da Rocha)

A trama policial trata sobre todo o desenvolvimento do assalto, desde a sua preparação até a execução e mostra, também, a partilha do dinheiro adquirido com o assalto e o pacto firmado entre os assaltantes. Em seguida, descreve todas as investigações policiais que resultaram na identificação dos assaltantes e as últimas consequências vividas pelos integrantes do bando que assaltou o trem pagador. As cenas finais retratam a morte de Tião Medonho e a comovente despedida do Morro da Mangueira, feita por uma de suas mulheres, Zulmira, e por seus filhos.

2.2. O DISCURSO JORNALÍSTICO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO FÍLMICO

Ao analisarmos, comparativamente, o discurso jornalístico das matérias veiculadas em *O Globo*, de 14 a 21 de junho de 1960, com o discurso fílmico presente em três trechos do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, sendo eles: do início do filme aos 12min15s, dos 12min33s aos 13min05s e dos 22min43s aos 23min10s, percebemos traços entre o discurso dos dois meios midiáticos que se relacionam demonstrando a reafirmação do discurso jornalístico pelas linguagens fílmicas, no que diz respeito àquilo que fora veiculado à época de ocorrência do assalto pela mídia impressa. Tendo como base as informações jornalísticas, ao serem reproduzidos pelas linguagens cinematográficas, alguns aspectos factuais apresentaram diferenças com relação ao discurso jornalístico, produzindo uma nova versão do factual. Versão essa que, ao ser reinterpretada pelos espectadores, produziu sentido diferente daquele que foi produzido nos leitores.

Percebemos que na reconstituição do assalto pela linguagem da ficção, muitas vezes foram utilizados, na produção de sentido, apenas o recurso da imagem e do som, tendo a importante participação do narrador-câmera na reafirmação daquilo que a imagem mostrava. Junto às imagens, a trilha sonora serviu para climatizar as cenas, proporcionando, aos espectadores, uma excelente reconstituição de um fato, considerado como um dos mais audaciosos da história policial brasileira: o assalto ao trem pagador, ocorrido dois anos antes do filme. Comparando os trechos fílmicos com as reportagens publicadas, observamos que as notícias, veiculadas nos dias 15, 16 e 18 de junho de 1960, pelo *O Globo*, constituíram importantes fontes de informação para a produção fílmica na (re)apresentação do factual pela obra cinematográfica.

Passaremos agora, à análise comparativa dos trechos fílmicos com o discurso jornalístico das matérias constituintes da primeira parte do *corpus* de análise dessa pesquisa. Damos ênfase aos discursos das notícias impressas, dos dias acima citados, e procederemos assim porque as informações jornalísticas dessas edições apresentaram tanto similaridades quanto disparidades na comparação com o discurso fílmico.

2.3. ANÁLISE CRÍTICA DAS CENAS INICIAIS DO FILME ATÉ OS 12min15s

As ações que antecederam o assalto, bem como as sucessivas à rendição do trem pagador, foram assuntos comuns tanto na descrição jornalística quanto no contexto fílmico, no que diz respeito ao tratamento do factual. Porém, ao serem relatadas de acordo com as linguagens específicas dos dois meios, mostraram, respectivamente, diferentes conteúdos ao público-alvo desses meios. Houve características do factual que tanto o jornal quanto o cinema voltaram a atenção à construção de seus discursos. Foram comuns, por exemplo, a descrição dos objetos utilizados no assalto, a descrição dos trajés dos assaltantes, o relato de informações acerca da fuga dos mesmos, a perda de uma caixa de dinheiro, por um dos integrantes do bando, no momento da fuga, e o encontro com um suposto vaqueiro nas proximidades do caminho. Outra analogia existente entre os discursos midiáticos foi a inserção dos diálogos entre a tripulação do trem e os assaltantes, que teve como objetivo retratar aos destinatários da informação, dos dois meios, uma maior verossimilhança entre o factual e os relatos apresentados.

Ao analisarmos o tratamento do factual pela mídia impressa, percebemos que, nas matérias jornalísticas, para possibilitar maior entendimento do leitor, a descrição do assalto foi dividida em intertítulos, os quais apresentaram diferentes informações sobre o fato. Na reconstituição do factual pelo cinema, tomando como fonte de informação a descrição jornalística, observamos a integração das diferentes linguagens do audiovisual na composição das cenas, pois apresentaram o contexto jornalístico, que fora veiculado nas edições de *O Globo*, na produção de vários trechos fílmicos, o que produziu o sentido das informações que atingiram o espectador.

A matéria jornalística sobre o assalto, veiculada em *O Globo*, no dia 15 de junho de 1960, descreveu, após a abertura da reportagem, dados precisos sobre o local de partida do trem, a identificação da locomotiva, e o local onde ocorreu o assalto. O cinema readaptou essas informações jornalísticas mostrando, na abertura do filme, dados constantes em diferentes trechos da reportagem. Como exemplo, citamos a imagem do agente da estação de Japeri, logo nas primeiras cenas, que informa o horário de partida do trem e o local de saída; e, na sequência, a imagem da alteração na rede elétrica, com os fios que conduziam o som da estação ao megafone dos assaltantes, que usaram esse equipamento como uma estratégia, encontrada pelo grupo de assaltantes, para captar as informações daquela estação ferroviária.

As similaridades entre o discurso jornalístico e essas cenas fílmicas foram observadas do início do filme até os 12min15s, trecho onde percebemos, nitidamente, o contexto jornalístico inserido no discurso fílmico. Logo nas primeiras cenas de “*O Assalto ao Trem Pagador*”, as imagens assemelham-se ao conteúdo jornalístico, que foi divulgado na abertura da reportagem daquele dia. Segundo o jornal, a abordagem do trem pelos assaltantes ocorreu num “cenário deserto e romântico para o desenrolar do espetáculo sangrento”, conforme a descrição da Figura 07, na página 56 desta pesquisa. Essas informações jornalísticas foram reconstruídas nas linguagens do audiovisual, com ênfase na linguagem visual, complementada pelos movimentos da câmera, e na linguagem sonora, representada pelo som que emanava daquele megafone.

Nesses trechos, a função do narrador-câmera foi imprescindível no sentido de situar o espectador no local do assalto e de mostrar a estratégia adotada pelos assaltantes para, mesmo de longe, ter contato com o trajeto percorrido pelo trem. Essa ideia, que chegou ao espectador, foi feita a partir do movimento da câmera, com o intuito de mostrar um plano geral da área desabitada, dando indícios àquele de que o trem passaria por um local ermo, deixando no público-alvo a sensação de algo inesperado que estava para acontecer nos próximos momentos com a locomotiva. Nas cenas seguintes, coube à câmera, juntamente com a trilha sonora, situar o espectador no contexto a ser descrito pelas linguagens do audiovisual, tendo em vista que apenas os movimentos de câmera, bem como a trilha sonora, desempenharam esse papel, pois dos 27s até os 4min20s do filme, não houve linguagens verbais.

Em relação aos objetos utilizados no assalto, o jornal impresso divulgou que os objetos deixados no local não serviram para identificar os assaltantes. Quanto à transposição dessas informações para a linguagem fílmica, foram apresentadas várias imagens, que, apesar de diferentes entre si, ao serem analisadas, na sequência com que foram mostradas, davam indícios ao espectador de que aqueles objetos tiveram relação com a preparação do assalto. Para Roberto Farias, as imagens desses objetos, mostradas no início do filme, serviram como uma estratégia de prender a atenção do espectador, logo nos momentos iniciais da trama, objetivando frustrá-lo e instigar a sua curiosidade. Consequentemente, isso o levaria a imaginar que o que viria nas próximas cenas, devido à relação que aquelas imagens, tão diferentes entre si, poderiam ter com o assalto a um trem pagador. Sendo assim, os mesmos objetos tiveram conotações diferentes dependendo do ponto de vista de quem o relatou: no factual, serviram como uma

estratégia para confundir a polícia, levando-a a acreditar que uma quadrilha internacional seria a mentora do plano do assalto ao trem pagador. Segundo o ponto de vista do jornalista que relatou o assalto ao leitor, esses objetos em nada ajudaram a identificar os assaltantes, e, na reconstrução do factual pelas linguagens fílmicas, foi um “achado no roteiro”, conforme o depoimento do diretor Roberto Farias. Isso é importante para o diretor, pois serviu para frustrar o espectador, no sentido de instigar a sua curiosidade, logo nas cenas iniciais.

A maneira sequencial com que esses objetos foram mostrados, tendo a participação do narrador-câmera de modo implícito, contou uma curta história acerca daquele assalto inserida no contexto fílmico. Primeiro, a produção de sentido iniciou-se com as imagens dos trilhos partidos e as bananas de dinamite colocadas na junção dos mesmos, causando a impressão de que uma explosão na linha férrea estava iminente. A seguir, a câmera, novamente num movimento de *travelling*, “passeou” pelos detalhes da preparação do assalto, mostrando os fios elétricos alterados, com a instalação de um fio que conduzia as falas do agente da estação de Japeri até um megafone. Este equipamento fornecia dados aos assaltantes sobre o trajeto do trem desde a partida daquela estação. Em seguida, as imagens dos *travellers checks*, dos maços de cigarros vazios, das garrafas de uísque, das várias pontas de cigarro e, por último, da bolsa feminina intacta davam a impressão de que os *travellers checks* e os maços de cigarros haviam sido retirados da bolsa. Tal cenário caracterizava um possível assalto a alguém que passava por aquela localidade e indicava que o ocorrido fora antes da rendição do trem, e, pelos objetos deixados no capim, cuja trilha remeteria à bolsa, poderia ser uma mulher, a vítima de um suposto assalto.

Ao analisarmos essa sequência imagética, percebemos que, a primeira imagem de um dos maços de cigarros, consiste de uma embalagem vazia e amassada, e, quando o segundo maço aparece, são mostradas várias pontas de cigarros de tamanhos irregulares, além de outras embalagens, também vazias, próximas a essas pontas. Porém, se comparadas as primeiras imagens com as últimas, em termos de formato, as últimas não estão amassadas, mas intactas. Assim, num primeiro momento, a sensação que é passada ao espectador é de que a embalagem poderia ter sido retirada, já vazia, da bolsa feminina e jogada ao chão. Em seguida, ao mostrar as outras embalagens vazias, a imagem provoca outra sensação ao espectador, demonstrando que uma pessoa ansiosa utilizou os cigarros, pois dá para identificar pontas de cigarros já fumados de pelo

menos dois maços completos. As embalagens jogadas sem ser amassadas poderiam significar que uma pessoa saiu bruscamente do local, em direção ao matagal. Outra ideia que emana das imagens dos maços de cigarros é de que alguém, ansioso na preparação do assalto, fumou, num determinado período de tempo anterior ao assalto, aqueles cigarros. Esse período de tempo poderia ter sido momentos antes ou na noite anterior, já que o fato ocorreu pela manhã. Se observarmos a vegetação, onde foram encontrados esses objetos, há indícios de que alguém permaneceu por um bom tempo no local, já que o capim encontrava-se pisoteado, amassado e as pontas de cigarros pareciam ter sido fumadas recentemente. A imagem das garrafas de uísque americano nos remete ao uso dessa bebida por pessoas, de gosto requintado, que se embriagaram no local, pois as garrafas estão vazias. Já os *travelling checks*, colocados próximos a uma bolsa feminina, dão indícios de que um assalto poderia ter acontecido numa área próxima dos objetos, e que os mesmos estavam dentro da bolsa e foram deixados no chão. Outro elemento determinante na produção de sentido é a maneira como a bolsa foi colocada. Parece que ela foi encostada na vegetação, como se alguém a tivesse deixado e, num momento oportuno, viria buscá-la.

Na reportagem publicada em 15 de junho de 1960, o jornal *O Globo* informou que a polícia suspeitava da participação de ferroviários no assalto.⁴⁴ Analisando as cenas fílmicas, mostradas aos 2min11s, percebemos que, logo após as imagens dos objetos utilizados no assalto e das imagens referentes aos veículos que serviram para transportar a carga roubada, há a cena da contagem do dinheiro pelos funcionários da Rede Ferroviária Federal. Dois desses funcionários, conforme Figura 17, estão fumando, sendo que um desses dois oferece cigarro a um terceiro funcionário. De modo semelhante àquelas imagens das pontas de cigarros de tamanhos diferentes, estas cenas remetem ao espectador a ideia de que aqueles funcionários poderiam estar envolvidos no assalto, quando se estabelece uma relação entre as imagens, que de fato, são mostradas em cenas subsequentes no filme.

⁴⁴ Texto localizado no Intertítulo “Lista de demitidos”.



Figura 17: Imagem da cena da contagem dos milhões de cruzeiros, momentos antes do assalto, aos 2min11s do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”.

Quanto aos trajes dos assaltantes, o jornal informou, com destaque, no título da reportagem de 15 de junho de 1960, que os bandidos estavam mascarados e usavam luvas. O filme retratou o mesmo discurso jornalístico mostrando as imagens dos assaltantes em plano médio, sem identificar os rostos nas cenas iniciais, possibilitando ao espectador apenas a visualização da metade do corpo. Ao readaptar as informações jornalísticas, o cinema encontrou na construção de seu discurso uma oportunidade de frustrar o espectador, no sentido de que os assaltantes, quando aparecem no filme, são misteriosos, ou seja, ninguém vê as caras de quem está assaltando aquele trem. Esse mistério sobre a identificação do grupo só é desvendado aos 9min6s quando as pessoas vão se relevando, no que diz respeito tanto aos traços físicos quanto à personalidade. Portanto, esse ocultamento das faces serviu como uma instigação ao espectador quanto à curiosidade em saber como eram os rostos dessas pessoas e, de certa maneira, o espectador fica preso às cenas, curioso para descobrir o rosto daqueles assaltantes.

No intertítulo “Sai da frente palhaço”, também do dia 15 de junho de 1960, o jornal relatou que os bandidos encontraram um lavrador no momento da fuga e tanto no jornal impresso quanto no contexto fílmico, os diálogos entre essa testemunha e os assaltantes são semelhantes. Porém, em relação à descrição do tipo de profissão, há divergências entre o discurso dos dois meios midiáticos: *O Globo* se referiu à testemunha como um lavrador, de nome Messias Prata da Silva, e relatou que ele quase foi atropelado pela caminhonete dos assaltantes, dando ao leitor a ideia de que o

lavrador caminhava por aquela estrada no momento da fuga do grupo. No filme, essa suposta testemunha foi apresentada ao espectador vestido como um vaqueiro conduzindo seu gado. Ao atravessar em frente à caminhonete, quase foi atropelado e, nesse momento, ele escutou alguém falar “*Sai da frente, palhaço!*”, o que despertou a sua atenção, devido à pressa com que o motorista daquele veículo o conduzia pela estrada.

Observamos outra diferença entre os discursos relacionados a essa testemunha. No jornal *O Globo*, lemos que essa testemunha viu quatro bandidos. Lemos, também, a descrição física destes, feita pelo jornal, que reforça a ideia de proximidade da testemunha com os assaltantes. O discurso do jornal se contrapõe ao discurso e à descrição fílmica, pois, no filme, os assaltantes passam, rapidamente, pelo vaqueiro. Concluímos, com isso, que não houve tempo suficiente para ele observar as características físicas daquelas pessoas, nem para saber quantos eram os integrantes que compunham aquele grupo.

Quanto ao número de funcionários que estavam no trem pagador, no momento do assalto, houve disparidades entre as informações publicadas pelo jornal e as representadas no filme, pois o jornal descreveu que os passageiros do trem totalizavam 16 pessoas, a saber: Venceslau José de Castro (maquinista), Pedro José da Silva (foguista), Antonio Veloso Filho (guarda-freios), Cícero de Carvalho Filho (tesoureiro CC-5), Júlio José Teixeira (ajudante), Sebastião Alvarenga (contínuo); e ainda os funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil, que estavam em atividades na região onde ocorreu o assalto: Leonel Esteves, José Albino (mestre de linhas), Jair Cruz, Eusébio Galvão, Círio Antonio da Silva, José Laureano Braga, Valdemar Januzzi Fraga, Nilo Braga Barbosa, Sebastião Sales e a vítima fatal Francelino Paulo Correia (caldeireiro). Além disso, o jornal informou que houve quatro feridos, fato não relatado no filme.



Figura 18: As primeiras investigações policiais no trem pagador assaltado. À esquerda, sentado, a vítima fatal Francelino Paulo Correia.

Foi mostrada, no filme, a imagem de sete funcionários, aos 5min57s, sendo que, o ponto comum no discurso de ambos os meios midiáticos foi a menção a uma vítima fatal, Francelino Paulo Correia. Em contrapartida, um detalhe importante apresentou divergências na descrição dos meios: o traje dessa vítima fatal. O jornal informou que o mesmo usava chapéu, como podemos comprovar pela ilustração da fotografia do chapéu da vítima, na primeira coluna da reportagem do dia 15 de junho de 1960, de *O Globo*. No filme, desde o momento em que apanhou carona, no trem pagador, até quando foi vítima do assalto, Francelino apareceu sem o chapéu. Os supostos movimentos do corpo dessa vítima, após ser atingido no tiroteio, também apresentam divergências entre o discurso jornalístico e o discurso fílmico, pois o jornal informou que o mesmo morreu, sentado, com a testa varada de balas. Pela posição que o filme o apresentou, momentos após a morte, ele apareceu sentado, com a cabeça caída,

demonstrando indícios de que os tiros atingiram a nuca e não a testa, como informou o jornal.

Outra disparidade entre os discursos, jornalístico e fílmico, foi verificada em relação aos diálogos entre os personagens da ficção e em relação ao depoimento das fontes de informação. No intertítulo “Não me mate pelo amor de Deus”, descrito pelo jornal, funcionário Nilo Braga Barbosa afirmou que suplicara aos assaltantes para que não o matassem; porém, no filme, o discurso é alterado, pois o personagem Grilo Peru, ao render o trem após a explosão, disse: “Sai um por um se não quiser morrer” e, na continuação da cena, um dos funcionários que participava da contagem do dinheiro afirmou: “Eu vou me entregar. Eu tenho filho e não quero morrer”. Portanto, percebemos duas divergências entre os discursos: a primeira divergência é que a fala não é do funcionário da Rede Ferroviária que apanhou carona naquele trem, e sim de um dos funcionários que estava trabalhando no momento do assalto; a segunda, é que a cena não faz alusão a nenhum tipo de suplício aos assaltantes, apresentando, portanto, uma rendição passiva, omissa e sem diálogo entre os envolvidos.

2.4. ANÁLISE CRÍTICA DAS CENAS COMPREENDIDAS ENTRE OS 12min33s E OS 13min05s DO FILME

As cenas, mostradas entre 12min33s e 13min05s, relataram a reconstituição do assalto feita pela polícia, que investigava o caso, onde podíamos observar a presença constante de um jornalista que acompanhava as investigações e a reconstituição do caso policial. Observando criticamente essas cenas, percebemos que o diálogo dos personagens faz uma alusão ao que foi publicado pelo *O Globo*. Na reportagem do dia 15 de junho de 1960, fora mencionada uma lista dos objetos encontrados nas proximidades do local do assalto (garrafas de uísque americano, cigarro, bolsa de mulher), indícios que levariam a polícia da época a desconfiar do envolvimento de uma quadrilha internacional no assalto. A presença do jornalista na apuração do fato, segundo informações de *O Globo* divulgadas no dia 18 daquele mesmo mês, acabou atrapalhando as investigações, pois o mesmo deixara suas impressões digitais no megafone e numa garrafa de uísque, que se constituem em objetos encontrados no local do assalto. Tal equívoco acabou com a expectativa policial de encontrar alguma pista de um dos envolvidos naqueles objetos. O jornal informou, no intertítulo “Trabalho

Pericial”, que “*A outra impressão, encontrada na garrafa de uísque, ficou provado pertencer a repórter carioca*⁴⁵. *O jornalista, querendo colaborar, prestou um serviço negativo, pois afastou uma das esperanças da polícia, que eram as impressões no megafone.*” (O Globo, 18/06/60, p. 6, grifo nosso).

Ao compararmos essas cenas com as informações jornalísticas de 18 de junho de 1960, percebemos que o discurso fílmico, ao fazer a transposição das informações jornalísticas para a ficção, incutiu na fala dos personagens o conteúdo jornalístico veiculado, mas com modificações. Para a mídia impressa, a intromissão e a curiosidade do jornalista, na ânsia de informar, acabou prejudicando o trabalho policial. Quanto ao discurso fílmico, percebemos que a linguagem visual mostrou um dos policiais tocando no megafone utilizado pelos assaltantes, e não o jornalista, como informou a mídia impressa. Pelos gestos do delegado, aquele jornalista estava dando palpites que não interessavam à polícia, pois o próprio delegado pede para o repórter desligar o gravador, quando o mesmo opina sobre os objetos deixados no local, reafirmando que não há dúvidas de que uma quadrilha internacional tenha participado do assalto. Desta maneira, observamos que a presença do jornalista nas investigações do caso, de acordo com o discurso fílmico, não foi bem-vinda para a polícia da época. O discurso jornalístico e o discurso fílmico dialogaram entre si em relação à presença da imprensa na apuração dos fatos, pois um meio informou diretamente aos leitores que o jornalista atrapalhou as investigações policiais; o outro, por meio da linguagem gestual, também demonstrou que a opinião da imprensa não era tão imprescindível a ponto de puder colaborar com o trabalho da perícia para o esclarecimento de algum aspecto do fato.

Outro aspecto presente nessas cenas, que reafirmaram o discurso jornalístico de *O Globo*, foi a informação de que havia sido encontrada uma caixa com 2,5 milhões de cruzeiros, caída próxima do local de fuga dos integrantes do bando; informação essa que fora dada por um dos policiais. Sobre o fato de uma caixa de madeira ter sido encontrada no caminho de fuga dos assaltantes, houve analogias entre os discursos dos dois meios midiáticos, já que os dois meios transmitiram o mesmo assunto aos seus leitores/espectadores, porém, quanto ao conteúdo da embalagem, as informações se contradizem. As duas informações, publicadas em *O Globo*, em 15 de junho de 1960, sobre o conteúdo da caixa de dinheiro encontrada foram contraditórias. Na abertura da

⁴⁵ Pela análise do texto jornalístico, observamos que o “a” utilizado refere-se à preposição “a”, como um complemento do verbo pertencer; e não à especificação de gênero feminino.

reportagem, os leitores da época foram informados de que os ladrões deixaram aproximadamente 400 mil cruzeiros. Porém, não foi citado o local onde foi encontrado o dinheiro, restando, assim, a possibilidade de essa quantia ter sido achada dentro da locomotiva, no vagão onde estavam as caixas de dinheiro momentos antes do assalto. Já o intertítulo “Estava Vazia”, da mesma reportagem, apresentou o seguinte texto:

No matagal, próximo ao local onde os salteadores deixaram a camioneta, foi encontrada uma caixa de madeira, na qual, segundo diziam os funcionários atacados, deveria haver quase dois milhões de cruzeiros. A caixa ficou sob a guarda de um investigador. À tarde com a chegada da Perícia, verificou-se que estava vazia, ou, melhor, tinha apenas dois contracheques e um papel com anotações sobre recebimento de dinheiro. (O Globo, 15/06/60, p. 6).

Analisando criticamente o texto jornalístico acima, percebemos que a intencionalidade do autor desse texto foi mostrar aos leitores as duas versões acerca do conteúdo da caixa de madeira encontrada: a dos funcionários que estavam no trem pagador, no momento do assalto; e a da polícia, que recolheu os objetos encontrados, momentos depois da ocorrência. Pela descrição acima, percebemos que não é descartada a hipótese de a caixa ter sido violada, pois é citado que a mesma esteve sob a guarda, até a tarde, de um investigador que aguardava a chegada da perícia. Portanto, como o assalto ocorreu pela manhã, um longo tempo transcorreria até o começo daquela tarde, tempo esse suficiente para que o objeto fosse aberto. Coube aos leitores da época a tirada de suas conclusões acerca da possível violação, ou não, daquela caixa.

O discurso fílmico se baseou nessas informações jornalísticas e as reproduziu em duas cenas fílmicas subsequentes, mas divergentes em relação ao relato jornalístico. No primeiro trecho, relativo à reconstituição do assalto, o delegado perguntou aos policiais onde estava “o caixa” (no sentido de cofre) do trem assaltado, sendo informado que o objeto estava preso em Japeri. Momentos depois, alguns policiais, participantes da reconstituição, encontraram uma caixa de madeira na rota de fuga dos assaltantes e disseram que “tinha 2,5 milhões” de cruzeiros. Essa linguagem verbal do personagem reafirma, parcialmente, as informações jornalísticas, já que o jornal informou sobre as possíveis quantias existentes nas caixas antes e depois do assalto, noticiando apenas que 400 mil e poucos cruzeiros foram deixados pelos assaltantes.

Quanto ao discurso fílmico, a fala de um dos personagens reafirmou que havia certa quantia na caixa encontrada, mas se contrapôs à linguagem visual ao ser mostrada a imagem de uma caixa de madeira repleta de dinheiro, sem indícios de que alguém houvesse tocado nas cédulas. Permanece a dúvida nos espectadores: Como os policiais afirmaram com tanta certeza que havia 2,5 milhões de cruzeiros? Os momentos que sucedem essas cenas mostram a presença de todos, envolvidos na reconstituição, que estavam curiosos para constatar o montante de dinheiro encontrado. Essas cenas, por não apresentarem um desfecho sobre o destino do dinheiro encontrado, deixam, a exemplo da relação jornal-leitor, o espectador tirar suas próprias conclusões acerca do próximo destino daquele dinheiro. Assim, comparando os dois discursos percebemos a presença das informações jornalísticas, porém, com divergências nas quantias noticiadas. Teriam sido encontrados na suposta caixa perdida ou os “400 mil e poucos cruzeiros”, como *O Globo* noticiou; ou os 2 milhões de cruzeiros, segundo a versão dos funcionários do trem; ou, ainda, naquela caixa havia armazenado 2,5 milhões de cruzeiros, como constou no relato ficcional?

2.5. ANÁLISE CRÍTICA DAS CENAS COMPREENDIDAS ENTRE OS 22min43s E OS 23min10s DO FILME

Foi possível perceber os traços do discurso jornalístico, enfatizados na linguagem visual, em diferentes trechos do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, que é um dos aspectos constituintes do discurso fílmico. As cenas mostradas entre os 22min43s e os 23min10s apresentaram um dos integrantes do bando que assaltou o trem pagador, o personagem Grilo Peru (Reginaldo Farias). Ele observa as notícias nos jornais de um ponto de venda, em Copacabana, região central da cidade do Rio de Janeiro. As notícias observadas por ele são sobre o possível envolvimento de ferroviários no assalto ao trem. A produção dessas cenas teve origem nas notícias veiculadas em *O Globo*, em dois aspectos:

- a) *primeiro aspecto*: os traços físicos do personagem Grilo Peru relacionam-se com a descrição de um dos suspeitos de assalto ao trem, Jaime Laureano de Freitas, com o qual fora encontrado um croqui do local do assalto, segundo notícia publicada em 17 de junho de 1960, em *O Globo*. Segue a descrição desse suspeito, conforme o jornal impresso: “um indivíduo de péssimos

anteriores, sempre envolvido em assaltos espetaculares e furtos de grande vulto. Forte, de cor branca e boa aparência, também em seu aspecto físico parece identificar-se com um dos assaltantes descritos pelas testemunhas.” (*O Globo*, 17/06/60, p. 3).

- b) *segundo aspecto*: além das cenas compreendidas nesses trechos terem relação com a edição de *O Globo* de 17 de junho de 1960, verificamos ainda que a produção das cenas fez uma alusão ao que ocorreu, na realidade, com um dos assaltantes do trem pagador, Geraldo da Silva Ribeiro, o “Manacéia”, que descobriu, pelo jornal, que estava sendo acusado e procurado como um dos executores do roubo, segundo informações do *O Jornal*, publicadas em 1973:

Um dia, Geraldo saía do Armazém 8 do Cais do Porto, quando um colega lhe mostrou um jornal, com uma reportagem, que se referia a ele e ao assalto ao trem pagador. Manacéia não perdeu a calma, pelo menos aparentemente. No íntimo, entretanto, aquilo foi como uma erupção vulcânica. (*O Jornal*, 25/11/1973).

Em relação à releitura do factual pelo discurso fílmico, percebemos que um único personagem da ficção, Grilo Peru, interpretado pelo ator Reginaldo Farias, fez alusão a dois acontecimentos reais, relacionados a dois assaltantes distintos: Jaime Laureano de Freitas e Geraldo da Silva Ribeiro, o “Manacéia”, e que ambos foram assunto de notícias pela mídia impressa, as quais serviram como fonte de informação para a composição de trechos fílmicos, que analisados, detalhadamente, apresentaram, de modo implícito, várias informações jornalísticas. Isso, explica, parcialmente, o lançamento do filme dois anos após o acontecimento real, o que possibilitou à produção fílmica reunir diversos contextos do factual, os quais mesclados às linguagens audiovisuais serviram como conteúdo para basear o discurso da trama policial.

Outras características presentes nessas cenas, nas quais o discurso fílmico se inspirou na descrição jornalística, aparece quando, ao observar uma das manchetes dos jornais, cujo título era “Suspeito de cumplicidade: o pagador da Central”, esse mesmo personagem faz um gesto irônico, similar a alguém que está zombando do que foi publicado. Esse gesto facial do personagem transmite ao espectador a ideia de que os rumos seguidos pela polícia, quanto ao envolvimento de ferroviários no assalto, constituem suspeitas totalmente errôneas, pois os ferroviários foram vítimas do assalto e não cúmplices ou mentores do crime, como desconfiava a polícia da época. A suspeita

da polícia foi tão grande em relação à cumplicidade dos ferroviários, que até o próprio pagador do trem assaltado, Cícero de Carvalho Filho, esteve na mira das investigações policiais. Além dessa informação, publicada em 16 de junho de 1960, *O Globo* noticiou também que o funcionário prestou depoimento mediante a presença de um advogado, conforme pode ser constatado no trecho seguinte, intitulado “Constituiu advogado”:

[...] Em Japeri, onde procedia a várias diligências em torno do eletricista tido como participante do bando de salteadores, o delegado foi informado de que o pagador Cícero constituiu advogado para defendê-lo e, em companhia dele, vai apresentar-se amanhã para prestar depoimento. O Sr. Amil Reichaid, na ocasião manifestou a sua estranheza, pois – disse – absolutamente em condições normais, não haveria razão para essa preocupação do pagador. Era pensamento do delegado ouvir hoje mais alguns dos funcionários que viajavam na composição, mas em face do propósito do pagador, de apresentar-se com advogado, resolveu ouvi-lo isoladamente. Amanhã, então, tomará o depoimento dos outros. (*O Globo*, 16/06/60, p. 6).

Segundo o depoimento⁴⁶ do filho de Cícero, José Eduardo dos Santos, o pai chegou a ser acusado, na época, como cúmplice no assalto ao trem, mas conseguiu, anos depois, provar sua inocência em relação àquele crime. O pagador, de acordo com seu filho, faleceu, em 1997, com 82 anos, tendo sido vítima de câncer na próstata.

Na análise das cenas fílmicas que compõem os trechos constituintes da segunda parte do *corpus* de análise desta pesquisa, percebemos que o discurso jornalístico esteve presente nas diferentes linguagens fílmicas; inclusive na linguagem gestual dos personagens da ficção, as quais, em diferentes partes do filme, reafirmaram o que o jornal havia noticiado sobre o fato, de modo que houve um diálogo entre os discursos dos dois meios midiáticos. Esse diálogo dá ao espectador a impressão de que o discurso jornalístico encontra-se subentendido em diferentes trechos da obra cinematográfica, que unidos podem formar uma versão única do fato tendo como base as informações impressas.

⁴⁶ Comentário sobre o DVD intitulado “*O Assalto ao Trem Pagador*”. Disponível em: <http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_resenha_dvd.asp?produto=6203>. Acesso em: 06 jul. 2010, 12:50.

3. AS LINGUAGENS MUSICAIS DO FILME “O ASSALTO AO TREM PAGADOR”

A produção de sentido, no que diz respeito às linguagens musicais do filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, foi elaborada a partir da trilha sonora⁴⁷ da obra cinematográfica, a qual se constituiu de faixas musicais, de efeitos sonoros e dos diálogos entre os personagens. Os trechos fílmicos que constituem o segundo *corpus* de análise dessa pesquisa constituem-se das seguintes cenas: do início do filme aos 12min15s, dos 12min33s aos 13min05s e dos 22min43s aos 23min10s, sendo o primeiro trecho acompanhado de duas faixas musicais. Produzidas por Remo Usai, as cinco faixas, que compõem a trilha sonora, são intituladas como: “O Trem Pagador”, “Morre uma criança na favela”, “Assaltantes em fuga”, “Tentação” e “O Fim”. Uma análise crítica desses títulos, relacionando-os com as situações fílmicas em que foram apresentadas as faixas musicais, permitiu-nos perceber que o uso de cada uma das músicas foi específico para climatizar determinado contexto fílmico. A linguagem visual dialogou com a linguagem musical, originando um consenso discursivo, de modo que, o sentido de uma das linguagens reforçou o sentido da outra.

Essa estratégia de integrar as diferentes linguagens fílmicas para enfatizar a produção de sentido ao destinatário da informação consiste em uma das funções da trilha sonora, conforme nos descreve Righini⁴⁸:

A criação da trilha sonora da telenovela é relativa, pois observamos uma colagem, uma coletânea de canções preexistentes; eventualmente há canções inéditas que se encaixam no perfil dos personagens e a utilização da trilha incidental – aí, sim, uma criação original – para dar clima às cenas apresentadas. (RIGHINI, 2004, p. 97).

Relacionando a definição do autor com o filme em questão, podemos afirmar que a trilha sonora do filme foi incidental, pelo fato de as faixas terem sido uma criação original do maestro e pianista Antonio Remo Usai e terem sido feitas especificamente para climatizar os trechos fílmicos. A utilização dessas faixas musicais teve a função de produzir um clima verossímil com o acontecimento real, de modo que o espectador

⁴⁷ “A trilha-sonora ou banda sonora, conhecida em inglês como *soundtrack* é, tecnicamente falando, ‘todo o conjunto sonoro de um filme, incluindo além da música, os efeitos sonoros e os diálogos’.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_sonora>. Acesso em: 14 jul. 2010, às 13h.

⁴⁸ RIGHINI, Rafael Rosso. **A trilha sonora na telenovela brasileira**. São Paulo: Paulinas, 2004.

pudesse se sentir inserido na situação, situação essa vivenciada pelos passageiros daquele trem pagador. Isso fica muito claro se fizermos uma leitura crítica dos trechos fílmicos analisados. No primeiro trecho fílmico analisado (entre o início do filme e até os 12min15s), as faixas musicais utilizadas foram “*O Trem Pagador*” e “*Assaltantes em Fuga*”. O uso dessas faixas pode ser justificado como um recurso sonoro para prender o espectador nas cenas iniciais, despertando sua curiosidade para as próximas cenas. É possível perceber, ainda, a faixa musical como um reforço para as imagens fílmicas. Logo, o espectador pode ficar preso às imagens de pessoas mascaradas, que portavam metralhadoras; imagens que foram climatizadas numa faixa musical que traduz sinais de perigo imediato e suspense. Compreendida nos trechos entre os 27s até os 4min20s, a trilha sonora teve tanta importância, que a linguagem verbal desapareceu, ficando apenas as linguagens visuais e sonoras, responsáveis por caracterizarem aqueles momentos e por trazer o enredo do filme ao espectador.

Ao presenciar aquelas cenas das alterações feitas na linha férrea e do trem se aproximando, o espectador tem a sensação de que algo está para acontecer com aquela locomotiva. Outro aspecto importante da linguagem musical na produção de sentido ao espectador é que o ritmo da música acompanha a velocidade com que o êmbolo do trem, responsável pela movimentação das rodas, se desloca. Na medida em que o perigo se aproxima e em que a explosão com a locomotiva torna-se iminente, a linguagem musical cria uma sensação de rapidez na movimentação da locomotiva, já que esta última acompanha as cenas num ritmo mais acelerado e num tom que vai aumentando. Todo esse movimento torna as cenas mais intensas, devido à proximidade das sucessivas explosões. Esse aumento do ritmo musical, juntamente com as imagens apresentadas, cria a sensação de rapidez com que o trem se deslocava nos trilhos e, ao mesmo tempo, demonstra uma situação de perigo imediato para a locomotiva. O espectador tem a sensação de que, nas próximas cenas, verá algo inesperado que atingirá aquela locomotiva de alguma maneira. Essa sequência parece prender o espectador ao conteúdo das próximas cenas.

A integração entre a faixa musical e as imagens mostradas foi tanta que o diretor Roberto Farias afirmou que o espectador tem a sensação de que a locomotiva está se movimentando no percurso da curva, mas trata-se somente de um efeito de movimento, pois, de acordo com Roberto Farias, as cenas foram gravadas com o trem parado. Na produção das mesmas foi passado, ao espectador, o efeito de que a

locomotiva estivesse se movimentando na curva. Trata-se apenas de uma montagem na composição da cena para reforçar o discurso jornalístico da época do acontecimento, pois foi noticiado que a explosão com a locomotiva ocorreu no local conhecido como “Garganta do Diabo”, situado entre os municípios de Miguel Pereira e Japeri, subúrbios do Rio de Janeiro.

Observamos que essa estratégia serviu para reforçar aquilo que os jornais da época noticiaram. A explosão, com a sucessiva rendição do trem, ocorreu numa curva da linha férrea. Sendo assim, a produção cinematográfica produziu o mesmo sentido do jornal aos leitores, dando, ao espectador, portanto, a impressão de que o trem estava se movimentando numa curva, no momento da rendição, como ocorrera no assalto real.

José Eduardo dos Santos



Figura 19: Mapa da linha férrea por onde o trem passaria.⁴⁹

⁴⁹ As fotografias que ilustram esta dissertação (Figuras: 01, 18 e 19) foram cedidas por José Eduardo dos Santos, filho do pagador Cícero de Carvalho Filho (*in memoriam*).

Ainda em relação à produção de sentido na obra cinematográfica, se os diálogos entre os personagens demonstraram uma situação de perigo, a faixa musical reforçou aquele contexto fílmico ao espectador, enfatizando a importância daquela situação no filme, o que chamou sua atenção para determinado aspecto. Essa situação é vivenciada, por exemplo, nas cenas onde ocorre uma possível ameaça do personagem Tião Medonho a seu cúmplice Tonho, dos 9min23s aos 10min28s do filme, ocasião em que este último questiona a pouca quantia de dinheiro recebida no assalto, e também nas cenas da partilha do roubo, quando é firmado o pacto entre os integrantes do grupo que assaltou o trem. No momento em que o personagem Grilo Peru ameaça aqueles que, porventura, estão pensando em descumprir o pacto, a faixa musical que acompanha essas cenas e as falas do personagem demonstrava uma sensação de ameaça, de perigo. Mas uma vez fica explícito que nas ocasiões de diálogo entre os personagens, pelas quais foi intenção do produtor da obra cinematográfica enfatizar aqueles momentos, a colocação das faixas musicais complementaram e reforçaram esses diálogos.

Quanto à análise do segundo trecho fílmico, apenas o diálogo entre os personagens e o som do ambiente, como o ruído dos pássaros climatizaram as cenas dos 12min33s aos 13min05s, que retrataram a reconstituição do assalto, com a presença da polícia, da imprensa e dos peritos responsáveis pela investigação. O ruído dos pássaros, ao final da cena, demonstrou bem a área rural, desabitada, onde ocorrera o assalto, aproximando o espectador do cenário onde o fato real aconteceu. Além disso, pelo diálogo do repórter com o delegado, foi confirmado o que o discurso jornalístico noticiou sobre o possível envolvimento de uma quadrilha internacional no planejamento do assalto.

A trilha sonora do terceiro trecho fílmico analisado (cenas dos 22min43s aos 23min10s do filme) constituiu-se de ruídos que retratavam o som do ambiente onde se encontrava o personagem Grilo Peru (ator Reginaldo Farias): no centro do Rio de Janeiro. Portanto, o som do ambiente era similar ao de uma metrópole, com seu tráfego intenso e barulho de automóveis. A faixa musical utilizada reforçou o que foi retratado nas cenas, que mostrava o personagem Grilo Peru no centro do Rio de Janeiro, observando, no ponto de venda, um jornal que trazia informações sobre o assalto. A música climatizava a sensação vivenciada, naquele momento, pelo personagem, demonstrando sua impressão de curiosidade, de apreensão com o rumo tomado pelas investigações, e, ao mesmo tempo, de descrédito das informações jornalísticas, visto

que a expressão facial do mesmo demonstrava certa descrença em relação às descobertas policiais.

4. ANTROPOFAGIA E SINCRETISMOS NO DISCURSO FÍLMICO

Percebemos, no filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, que o relato ficcional acerca do factual foi constituído principalmente pela (re)apresentação dos detalhes mais relevantes do fato. Esses detalhes foram transpostos nas diferentes linguagens cinematográficas e serviram como um atrativo ao espectador na divulgação do discurso fílmico da trama policial, tendo como fonte de inspiração o discurso jornalístico. Ao buscar o interesse do espectador por meio da produção de determinado sentido, relacionado ao conteúdo fílmico veiculado, o discurso fílmico faz com que esse espectador forme ideias críticas desse conteúdo a que teve acesso. Sobre essa característica, comum aos receptores das informações midiáticas, quanto à formação de conceitos imaginários sobre o conteúdo dos meios, Charaudeau nos afirma que:

As representações, ao construírem uma organização real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real. (CHARAUDEAU, 2006, p. 47).

Assim, o discurso fílmico procurou atingir o espectador com um retrato verossímil do contexto factual, de modo que, ao se apropriar do discurso jornalístico, esse discurso constituiu uma versão fílmica do factual, embasada nas informações jornalísticas, que ora se aproximou daquela descrição ora se afastou ora readaptou trechos jornalísticos sobre o fato com modificações. Nesse processo, o espectador teve acesso à (re)apresentação da versão fílmica do fato, readaptada ao “recorte” do produtor fílmico, tendo a oportunidade de formar suas próprias ideias, não mais acerca do relato jornalístico, mas da releitura do factual pela ótica cinematográfica. Essa releitura fílmica é enfatizada principalmente pela presença da imagem, que, segundo Baitello Júnior (2002)⁵⁰, tem a característica de atrair o imaginário do público-alvo dos meios midiáticos:

⁵⁰ BAITELLO JÚNIOR, Norval. As quatro devorações. Iconografia e Antropofagia na Comunicação e na Cultura. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_735.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2007, 11:34.

Na construção de um conjunto de imagens, sejam elas pertencentes ao universo icônico visual ou sonoro, sejam elas pertencentes a outros universos (verbais, performativos, olfativos, gustativos) é notável a utilização de imagens precedentes como referência e como suporte de memória. Assim a representação de um objeto não é apenas a representação de algo existente no mundo (concreto das coisas, ou não concreto, das não coisas) mas também uma re-apresentação das maneiras pelas quais este algo foi já representado. (BAITELLO JÚNIOR, 2002, p. 6, parênteses do autor).

Baitello Júnior (2002, p. 6) reforça ainda que “[...] em toda imagem existe uma referência às imagens que a precederam. Ou seja, toda imagem se apropria das imagens precedentes e bebe nelas ao menos parte de sua força”. Comparando essa proposição do autor com a formação do discurso fílmico, tendo como base o relato do fato pelo discurso jornalístico, podemos afirmar que o cinema reapresentou o discurso jornalístico, porém, de maneira sensacionalista, persuasiva e adaptada às suas linguagens, constituindo, assim, um processo antropofágico. Isso é perceptível, pois uma mídia “bebeu” alguns aspectos do discurso da outra e, simultaneamente, readaptou o discurso inicial às suas características midiáticas, constituindo, portanto, uma nova versão do factual.

Esse processo antropofágico também é um processo sincrético que pode ser justificado a partir do próprio significado do termo. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), o vocábulo *sincretismo* apresenta como definições: “Fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns traços originários”; e, também, o sincretismo é definido pelo autor como “Reunião artificial de ideias ou de teses de origens disparatadas”⁵¹. Pela definição do termo e em comparação com a elaboração do discurso fílmico sobre o assalto ao trem pagador, a partir do discurso jornalístico, podemos afirmar que se trata de um processo sincrético, que resulta em algumas alterações, porém, mantendo determinadas características do factual análogas ao relato jornalístico.

Tal processo foi verificado numa análise crítica da transposição do factual para o jornalístico e após a elaboração do fílmico, tendo em vista que essa modificação na (re)apresentação do factual foi parcial, pois alguns dos traços do relato jornalístico

⁵¹ Ibid., FERREIRA, 1986, p. 1589.

foram preservados na descrição fílmica. A própria definição do termo sincrético se adéqua a isso, pois segundo Canevacci⁵² (1996),

O sincretismo refere-se – quer como processo, quer como resultado – a todos os níveis dos sistemas socioculturais de tipo voluntário e coercitivo, explícito e implícito, inovador e renovador. Ele diz respeito àqueles trânsitos entre elementos culturais nativos e alheios que levam a modificações, justaposições e reinterpretações, que a cada vez podem incluir contradições, anomalias, ambigüidades, paradoxos e erros. (CANEVACCI, 1996, p. 22).

Percebemos, portanto, que o discurso fílmico, ao fazer uma reinterpretação do discurso jornalístico, caracterizou-se como um processo sincrético, já que alguns trechos do filme foram modificados, o que pode gerar outros sentidos ao espectador. Essas modificações podem ser observadas em alguns dos trechos fílmicos que, analisados comparativamente com o contexto descrito pelo jornal, se basearam nas informações jornalísticas. Porém, ao ser feita a transposição do fato, tal transposição resultou em divergências em relação ao discurso jornalístico, que poderão induzir a outras interpretações por parte do receptor das mensagens midiáticas. Por isso, Charaudeau (2006, p. 131) nos afirma que “O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível”. Desta maneira, um mesmo fato será interpretado ora de acordo com a intencionalidade de quem o relata, ora de quem lê. No caso do *corpus* de análise desta pesquisa, após a ocorrência do factual, o jornal impresso apresentou o seu relato jornalístico aos leitores, a produção cinematográfica fez uma releitura do discurso jornalístico, adaptada às suas linguagens, e reapresentou aos espectadores uma nova versão acerca do acontecimento. Apesar de conter em seu cerne traços do contexto jornalístico, tal releitura foi influenciada pela produção da obra cinematográfica, visando, assim, persuadir o público-alvo do meio.

Assim, essa readaptação de aspectos peculiares ao factual, elaborada por diferentes meios midiáticos produzem versões de um mesmo fato, adaptadas conforme as linguagens dos meios midiáticos, as quais se somam à intencionalidade dos profissionais de comunicação desses meios, que estão incumbidos de trazer a

⁵² CANEVACCI, Massimo. **Sincretismos:** uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

informação ao público-alvo de cada um deles. Todo esse processo de transposição midiática torna impossível distinguir a fronteira entre o que é real e o que é a construção ficcional. Nesse processo, surge o conceito de hiper-realidade, que é uma “realidade por representação”, “construída”, segundo o sociólogo Jean Baudrillard (Revista Época, 2003). Ele acredita “que a realidade já não existe e que vivemos um permanente e conspiratório espetáculo de mídia.”⁵³ Além disso, o sociólogo⁵⁴ afirma que: “O que toda uma sociedade procura, ao continuar a produzir e a reproduzir, é ressuscitar o real que lhe escapa. É por isso que *esta produção material é hoje, ela própria, hiper-real*” (1991, p. 34, grifo do autor). Isso é comum nos meios midiáticos, pois a mídia, na construção de seu discurso, faz uma (re)apresentação factual no conteúdo, construindo reapresentações do acontecimento, consumível ao público-alvo, o que, conseqüentemente, produz maior audiência do veículo de comunicação junto aos diferentes receptores dos meios midiáticos.

Em relação ao cinema, Baudrillard assegura que:

O cinema nas suas tentativas actuais (sic) aproxima-se cada vez mais, e com cada vez mais perfeição, do real absoluto, na sua banalidade, na sua veracidade, na sua evidência nua, no seu aborrecimento e, ao mesmo tempo, na sua presunção, na sua pretensão de ser o real, o imediato, o insignificado... (BAUDRILLARD, 1991, p. 64).

O cinema plagia-se, recopia-se, refaz os seus clássicos, retroactiva (sic) os mitos originais, refaz o mudo mas perfeito que o mudo de origem, etc.: tudo isto é lógico, *o cinema está fascinado consigo próprio como objecto* (sic) *perdido tal como está (e nós) estamos fascinados pelo real em dissipação*. O cinema e o imaginário (romanesco, mítico, irrealidade incluindo o uso delirante da sua própria técnica) tinham outrora uma relação viva, dialéctica (sic), plena, dramática. A relação que se estabelece hoje em dia entre cinema e o real é uma relação inversa, negativa: resulta da perda de especificidade de um e de outro. (BAUDRILLARD, 1991, p. 64-65, parênteses e grifos do autor).

Com base nas ideias de Baudrillard sobre as características do cinema, podemos afirmar que esse meio midiático busca, constantemente, retratar o real em seu contexto como uma maneira de produzir o sentido fílmico, o qual é construído a partir

⁵³ Jean Baudrillard: o pensador francês que inspirou a trilogia de Matrix critica o filme e a cultura americana. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 09 de jun. 2003. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com/Época/0,6993,ESP363-1654,00.html>>. Acesso em: 21 jul. 2010, 10:17.

⁵⁴ BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d' Água, 1991.

da integração entre a linguagem do movimento e as técnicas cinematográficas. Essa obsessão cinematográfica de procurar demonstrar o real a qualquer custo, acaba gerando a deturpação da realidade tal qual ela é, devido à perda das características do real, tendo em vista que, a própria especificidade da produção cinematográfica, na qual uma sequência de imagem complementa a outra, os movimentos de câmera e a trilha sonora reforçam determinado diálogo fílmico, objetivando a integridade da narrativa fílmica, acabam gerando novas versões dessa realidade, conforme a intencionalidade do produtor da trama ficcional. Sendo assim, a utilização das técnicas cinematográficas na composição das cenas, aliada à ação dos profissionais, interferem na reprodução fílmica da realidade, de modo que tal reprodução pode não ser análoga à realidade primeira, mas sim, uma junção entre o real e o ficcional gerando o hiper-real.

Sobre essa manipulação da realidade pela técnica, característica da obra cinematográfica, Walter Benjamin⁵⁵ compara esse processo como uma relação idêntica à existente entre o mágico e o cirurgião, e entre o pintor e o cinegrafista, conforme esse autor:

O mágico e o cirurgião estão entre si como o pintor e o cinegrafista. O pintor observa em seu trabalho uma distância natural entre a realidade dada e ele próprio, ao passo que o cinegrafista penetra profundamente as vísceras dessa realidade. As imagens que cada um produz são, por isso, essencialmente diferentes. A imagem do pintor é total, a do operador é composta de inúmeros fragmentos, que se recompõem segundo novas leis. Assim, a descrição cinematográfica da realidade é para o homem moderno infinitamente mais significativa que a pictórica, porque ela lhe oferece o que temos o direito de exigir da arte: um aspecto de realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com os aparelhos, no âmago da realidade. (BENJAMIN, 1994, p. 187).

Analisando a asserção de Benjamin, podemos afirmar que o pintor tenta reproduzir em sua tela o objeto observado tal qual ele se apresenta. Esse profissional busca ser fidedigno às características daquilo que está reproduzindo, sem ter o intuito de manipular o objeto original, ao passo que, o cinegrafista objetiva transpor no discurso ficcional a essência do objeto, os detalhes de sua composição, reconstruindo-o na linguagem fílmica, com o auxílio das técnicas e dos aparelhos cinematográficos. Devido a essa manipulação no cinema, a realidade descrita no contexto fílmico é imbuída de

⁵⁵ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

diversos significados, já que foi reconstruída, e, portanto, apresenta traços distintos da realidade primeira, pois passou por um processo de modificações, segundo a intencionalidade de quem a reproduziu. Dessa maneira, há o enfoque nos aspectos mais interessantes dessa realidade, de acordo com o ponto de vista do cinegrafista. Ele, ao se debruçar na produção da obra cinematográfica, encontra um campo oportuno para a manipulação dessa suposta realidade, devido à existência das várias linguagens, específicas do cinema, as quais permitem uma integração das mesmas, construindo novas versões do factual.

Neste *corpus* de análise, o fato é o objeto dinâmico do mundo exterior. O jornal, ao relatar o factual, faz um simulacro deste por meio das notícias, dando ao leitor a ideia de que o fato estivesse narrando a si mesmo, enquanto que o cinema produz imagens sobre o factual, baseando-se no discurso jornalístico, ou seja, (re)presenta outra vez o acontecimento. Essa reconstrução midiática, conforme Charaudeau, ocorre da seguinte maneira:

Paralelamente, os procedimentos midiáticos permitem cada vez mais criar a ilusão do factual, do autêntico, da prova da realidade dos fatos, pela investigação do privado, do íntimo, do testemunho, persuadindo-nos de que ‘isso realmente aconteceu assim’. É o que pode ser chamado de verossímil, ou de ‘verdadeiro verossímil’, o que faz com que se fundam os dados da ficção com a ilusão do autêntico, que dá suporte de realidade tangível às figuras de identificação da ficção. (CHARAUDEAU, 2006, p. 273, aspas do autor).

Esse processo pode ser verificado no documentário audiovisual — como é o caso de “*O Assalto ao Trem Pagador*” —, tendo em vista que esse produto midiático, conforme Godoy ([200-?], p.1), é caracterizado “como produtor e divulgador de conhecimento sobre a Realidade”. Para esse autor⁵⁶, “o que se observa é que o conceito a respeito da Realidade é sempre reconstruído a partir de muitos pontos de vista, mesmo com todo o aparato tecnológico à disposição da Ciência. Não poderia ser diferente com as próteses audiovisuais.” (GODOY, [200-?], p. 12).

Ao fazer referência ao conceito de “próteses audiovisuais”, esse estudioso deixa claro que a realidade construída sobre determinado acontecimento pelos meios audiovisuais não é a realidade em sua essência, porém, é aquela que está no lugar dessa

⁵⁶ GODOY, Hélio. Paradigma para Fundamentação de uma Teoria Realista do Documentário. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/godoy-helio-realismo-documentario.pdf>>. Acesso em 21 jul. 2010, 15:09.

realidade com o intuito de suprir as suas funções. Trata-se de um reflexo da realidade, um recorte dos aspectos mais relevantes, conforme a opinião de quem relata o factual.

Comparando as ideias de Godoy com o universo da informação midiática, percorrido por Charaudeau, verificamos analogias entre o pensamento desses autores, pois o último nos afirma que:

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 151).

Percebemos, também, que o fato de um mesmo acontecimento ser relatado por meios distintos, gerando versões diferentes do factual, cujo objetivo é aumentar os índices de audiência desses meios, tornando a informação principal acrescida da contribuição de cada profissional de comunicação, constitui um fenômeno transmídia, pois, neste caso de estudo, o factual percorreu diferentes suportes de propagação da informação, adquirindo discursos midiáticos distintos, segundo o enfoque de cada um dos meios. Na era digital da comunicação, determinadas mídias podem contar com a colaboração dos receptores da informação, os quais intervêm contribuindo com a formação de outras versões acerca do fato divulgado, nos meios em que há um canal de interação entre público-alvo e produtores.

Portanto, observamos que as diferentes versões do factual, que atingem os destinatários da informação, são construídas de acordo com o ponto de vista dos profissionais de comunicação que lidam com a informação midiática. Esses profissionais são, na mídia impressa, os *repórteres*, responsáveis pela cobertura do fato e os *redatores*, responsáveis pelo relato do acontecimento ao público-alvo desse meio midiático; e, no meio audiovisual, são os *diretores e produtores da obra cinematográfica*, que produzem o contexto fílmico, adaptado às linguagens cinematográficas. Todos esses profissionais irão transpor, por meio de “estratégias discursivas”, apenas um dos reflexos do fato para seus produtos midiáticos, segundo a sua intencionalidade. Isso deixa, para o leitor/espectador, rastros que poderão originar

novas opiniões, conforme o ponto de vista e o conhecimento de cada um, formando essa teia de relações que engloba os três elementos fundamentais do processo comunicacional: emissor, mensagem e receptor.

Dessa maneira, podemos inferir que todo e qualquer acontecimento relatado pela mídia é construído, já que, ao ser reportado pelos diferentes meios midiáticos, deixa de lado a sua “essência” factual, tornando-se um dos reflexos do factual, selecionado de acordo com o emissor da informação midiática. Isso acontece de maneira que o receptor, atingido diretamente, contribui, também, nesse processo por meio da vinculação de suas próprias ideias às versões do factual (re)apresentadas. Assim, com essa interação constante de reflexos factuais, sobrevive o universo da comunicação midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos essa pesquisa buscávamos mostrar que o meio audiovisual se baseou na fonte de informação do relato de um fato real para reproduzir esse mesmo fato através do discurso fílmico: o assalto ao trem pagador, ocorrido em 1960, no Rio de Janeiro, e publicado pelo jornal *O Globo*. Assim, em 1962, o diretor Roberto Farias fez uma (re)apresentação da descrição jornalística, adaptada às linguagens cinematográficas, originando o filme “*O Assalto ao Trem Pagador*”, que mostrou uma releitura do factual, buscando atingir o espectador do meio audiovisual.

Buscávamos respostas para as seguintes questões, conforme dispostas na introdução deste trabalho: Houve similaridades e/ou disparidades entre os discursos midiáticos? Como foi produzido o sentido no público-alvo destes meios? Como os discursos midiáticos recriaram um contexto verossímil com o fato real?

Desta maneira, dividimos nossa pesquisa em dois capítulos: o primeiro versou sobre o factual e a sua descrição pela mídia impressa; já no segundo, consideramos o discurso presente em trechos fílmicos da obra cinematográfica, cujo enredo tratava do fato real, e a relação entre o discurso fílmico desses trechos e o discurso jornalístico de *O Globo*.

Ao analisarmos, criticamente, as matérias jornalísticas veiculadas em *O Globo*, no período de 14 a 21 de junho de 1960, sobre o assalto ao trem pagador⁵⁷, concluímos que a produção de sentido, que atinge o leitor na mídia impressa, leva em consideração diferentes aspectos da construção da informação jornalística, desde a cobertura pelo repórter até a publicação das matérias jornalísticas pelo jornal, no que diz respeito a um determinado fato. Alguns desses aspectos verificados foram:

- a) O “recorte” acerca dos aspectos do factual que compôs o texto jornalístico, segundo a intencionalidade dos profissionais de comunicação, que foram responsáveis pela cobertura do fato e, posteriormente, pelo relato acerca desse fato, que atingiriam os leitores por meio das matérias jornalísticas.
- b) O tempo de cobertura jornalística desse fato, logo após a sua ocorrência, que direcionou um maior ou menor grau de informação midiática, conforme a disponibilidade que esse profissional teve para cobrir o acontecimento.

⁵⁷ Ver primeiro capítulo desse trabalho.

Consideramos também o tempo de redação do texto, que atendia sempre às exigências do veículo em que trabalhava, quanto ao cumprimento do *deadline*⁵⁸ desses veículos.

c) As estratégias discursivas utilizadas pelo autor do texto, que deviam estar presentes na linguagem jornalística, e que iriam direcionar a atenção do leitor para determinados aspectos do texto jornalístico, cujo interesse seria considerado na descrição factual como um todo.

d) A maneira de “saber dizer” e de “saber mostrar o que foi visto” do profissional de comunicação, de modo que atendesse, simultaneamente, às principais exigências da informação jornalística, como a objetividade e a atratividade para o público-alvo do meio midiático. Consideramos, aqui, o uso da fotografia como um atrativo e um complemento para o texto jornalístico.

e) A tática de destacar a participação da imprensa na cobertura do acontecimento, objetivando gerar credibilidade do veículo junto aos leitores; bem como a estratégia de dar ênfase, por meio da transcrição direta dos depoimentos das fontes de informação como uma maneira de tornar mais verossímil o dito.

f) A visibilidade das matérias jornalísticas sobre um mesmo assunto, em posições similares, em diferentes edições de um mesmo jornal, de modo que facilitasse para que o leitor pudesse encontrar o assunto de seu interesse.

Percebemos, portanto, que os aspectos descritos acima foram importantes na produção de sentido aos leitores, os quais contribuíram para enfatizar o discurso jornalístico que *O Globo* objetivou trazer, aos destinatários da informação, sobre o assalto. Assim, foi permitido aos leitores ter um retrato verossímil do acontecimento, por meio das diversas informações sobre diferentes aspectos do factual, que foram descritos pelo jornal.

Sobre o meio audiovisual, observamos que o discurso fílmico se serviu do discurso jornalístico para construir a (re)apresentação do factual, readaptada à linguagem do movimento. Isso pode produzir sentido persuasivo e sensacionalista aos espectadores do meio audiovisual, quanto ao contexto fílmico mostrado.

⁵⁸ Erbolato conceitua *deadline* com duas definições: 1) Última linha. 2) Hora do fechamento (na Redação) da edição de um jornal (ERBOLATO, op. cit., p. 109).

Quanto às similaridades e disparidades entre os discursos, presentes no discurso fílmico e em relação ao relato jornalístico, notamos a presença tanto das primeiras quanto das últimas. As similaridades ficaram mais evidentes no contexto fílmico. Portanto, a descrição fílmica acerca do factual constitui-se de um processo, simultaneamente, antropofágico e sincrético, pois ao mesmo tempo em que o cinema se apropriou do relato jornalístico o readaptou às suas linguagens, com algumas modificações, produzindo outra versão do relato jornalístico.

Nessa readaptação, notamos que alguns trechos fílmicos mantiveram determinados traços jornalísticos, os quais foram transpostos, inclusive, para as falas das personagens, tornando-se, assim, adequado às linguagens do audiovisual. Como exemplo, podemos citar a fala de Tião Medonho, quando diz “não atira nesse não, que ele está com a gente”, aos 5min17s do filme. Trata-se de um retrato, ao espectador, logo no começo da trama policial, das informações veiculadas em *O Globo*, em 15 de junho de 1960, quando o jornal informou que havia suspeita do envolvimento de ferroviários no assalto. Entre outras similaridades podemos citar a descrição dos trajes utilizados pelos assaltantes, construídos pela linguagem fílmica; a explosão ocorrida com a locomotiva, muito bem climatizada pela função da trilha sonora do filme; a (re)apresentação dos veículos utilizados pelos assaltantes; e a perda de uma das caixas de dinheiro, no momento da fuga dos assaltantes.

Já em outras partes do filme, o discurso jornalístico foi readaptado, mas de maneira sincrética, com algumas modificações, causando determinadas disparidades, se comparado com o relato jornalístico. Um exemplo de disparidade, que se valeu da informação noticiada em *O Globo*, é o caso da caixa de dinheiro que fora perdida pelos assaltantes, no momento da fuga, e que continha aproximadamente Cr\$ 400.000,00. A produção fílmica reapresentou o mesmo assunto, como fora noticiado pelo jornal, mas fez modificações quanto ao conteúdo da caixa, deixando dúvidas nos espectadores, pois a quantia de dinheiro encontrada, no filme, foi muito superior ao que o jornal informou: Cr\$ 2.500.000,00. Supondo que um leitor de *O Globo* tenha sido também um espectador da produção de Roberto Farias, ele se questionaria sobre qual fora a quantia de dinheiro encontrada na caixa. Porém, aos espectadores que estavam tendo o primeiro contato com o factual, por meio da descrição fílmica, entenderiam que a quantia encontrada, durante a investigação do factual, foi aquela que o filme descreve.

Essas diferenças de sentido podem ser originadas, no público-alvo dos meios, a partir dos relatos distintos que cada meio midiático faz de um mesmo fato. Tais relatos consideram o ponto de vista de cada um dos (re)produtores da informação, que são transpostos nas linguagens midiáticas, originando o discurso desses meios. Sendo assim, os fatos sociais não chegam até os destinatários da informação da maneira em que ocorreram no âmbito social, ou seja, em sua essência; esses fatos chegam como acontecimentos relatados, que já passaram por uma análise prévia dos profissionais de comunicação. Desse modo, constituem-se em informações que são extraídas da observação inicial dos aspectos mais relevantes, segundo o olhar do produtor midiático. É observada, também, a melhor estratégia para divulgar aquele fato, para que o interesse de um grande contingente de leitores/espectadores seja atingido.

Para reforçar nossa análise, concordamos com Charaudeau, que afirma

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 131).

Concluimos que cada meio utiliza a melhor estratégia discursiva na produção do conteúdo de seus produtos midiáticos, visando conquistar o interesse do seu público-alvo; e que os destinatários da informação tanto do jornal quanto do cinema foram diferentes. Esses meios adéquam melhor as suas linguagens à descrição do factual, de modo que consiga maior audiência junto a esses destinatários da informação. Sendo assim, são encontradas diferentes maneiras de tocar o interesse do leitor/espectador, conforme as peculiaridades, de cada meio midiático. Diante desse contexto, as linguagens audiovisuais são capazes de trazer aos espectadores sensações que o texto jornalístico não pode oferecer. Porém, este pode causar diferentes sentidos reflexivos nos leitores, pela linguagem jornalística e através das fotografias; percepções que a linguagem do movimento não é capaz de causar no espectador.

Assim, enquanto o jornal tende mais para a reflexão do texto jornalístico, exigindo mais atenção e interesse do leitor, o cinema já incute na integração de suas linguagens possíveis sensações que vão atingir o espectador. O sentido no cinema pode ser denominado como um efeito de pré-sentido que a obra cinematográfica demonstra de maneira subentendida aos espectadores. Tal aspecto vai depender mais do produtor,

na elaboração das possíveis sensações que ele poderá produzir no espectador, ao ter contato com o contexto fílmico. Na mídia impressa, o sentido tende mais a se caracterizar como um efeito de pós-sentido, que vai depender mais do receptor e da vontade deste em reconstruir o relato jornalístico em seu próprio imaginário.

Essa constante integração de diferentes sentidos, acerca de um mesmo fato social, originários dos atores desse palco comunicacional do qual fazem parte — profissionais de comunicação, destinatários da informação e a própria informação midiática — constituem o universo de sobrevivência dos meios midiáticos, que está sempre sofrendo efêmeras e incessantes transformações. Tal integração acontece tanto na forma quanto no conteúdo de seus produtos midiáticos, a fim de conquistar seus destinatários da informação. Para complementar essa suposição, finalizo este trabalho, comungando com as ideias de Charaudeau (2006, p. 131). Ele acredita que “O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível.”

Espero, portanto, que essa viagem crítica pelo “Trem Pagador” possa ser “inteligível” a todos que se interessarem pelos caminhos trilhados do factual ao jornalístico, e, após, ao fílmico.

REFERÊNCIAS

- Assaltante do trem pagador é posto em liberdade condicional. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1973. 2º Clichê, p. 12.
- Assalto a um trem pagador da Central! **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10463, p. 1, 14 Jun. 1960.
- BAHIA, Juarez. As funções do jornal. In: _____. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 66-81.
- Bandidos de máscara e luvas matam um ferroviário, ferem 4 e fogem com 27 milhões. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10464, p. 1 e 6, 15 Jun. 1960.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.
- CALLADO, Ana Arruda. O texto em veículos impressos. In: CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 41-58.
- CANEVACCI, Massimo. Aculturação e sincretismo. In: _____. **Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p. 13-25.
- CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- Croqui do local encontrado com um suspeito! **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10466, p. 3 e 4, 17 Jun. 1960.
- Doze anos depois, a volta ao lar. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 9, 25 nov. 1973.
- ERBOLATO, Mário. **Dicionário de Propaganda e Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1986.
- ERBOLATO, Mário. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.
- Espera a polícia prender os assaltantes em 48 horas. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10465, p. 1 e 6, 16 Jun. 1960.
- GARCIA, Luiz (Org.). **Manual de redação e estilo do Globo**. 21. ed. São Paulo: Globo, 1995.
- GOMES, Pedro Gilberto. Artigo. In: MELO, José Marques de (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FTD, 1992. p. 15-18.
- Identificados e na mira da polícia dois dos assaltantes do trem. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10469, p. 3, 21 Jun. 1960.
- LAGE, Nilson. Linguagens não-digitais. In: _____. **A linguagem jornalística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 5-7.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discurso indireto, forma híbrida. In: _____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 149-155.
- Manacéia, do assalto ao trem pagador, já está livre. É o último. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1973.

Memórias do assalto ao trem pagador. Por um assaltante. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 28 nov. 1973.

Nenhum progresso nas investigações do assalto. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10467, p. 6, 18 Jun. 1960.

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 1995.

O ASSALTO ao Trem Pagador. Produção de Roberto Farias. Coordenação do Centro Técnico do Audiovisual. Rio de Janeiro: HERBERT RICHERS, 2008. 1 DVD.

O ASSALTO ao Trem Pagador. Produção de Roberto Farias. Rio de Janeiro: HERBERT RICHERS, 1962. 1 videocassete. 102 min.

Perde-se a polícia em um emaranhado de pistas no assalto ao trem. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 10468, p. 4, 20 Jun. 1960.

RIGHINI, Rafael Rosso. **A trilha sonora na telenovela brasileira**. São Paulo: Paulinas, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. Ciência e método em Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 305-311.

SOUZA, Miliandre Garcia de. Cinema Novo: a cultura popular revisitada. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 133-159, 2003. Editora UFPR.

Último assaltante do trem pagador ainda preso pede liberdade. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 9, 16 nov. 1973.

Último capítulo do “trem pagador” é a luta dos irmãos de Tião pela liberdade. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 45, 02 jul. 1972.

FONTES ELETRÔNICAS:

ABDALA JÚNIOR, Roberto. O cinema: outra forma de “ver” a história. **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em:

<<http://www.rieoei.org/deloslectores/1244abdala.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2010, 07:46.

Ancoragem: from jornalismo e linguagem. Disponível em:

<<http://www.jorwiki.usp.br/gdmat07/index.php/Ancoragem>>. Acesso em 13 set. 2010, às 15:00.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. As quatro devorações. Iconografia e Antropofagia na Comunicação e na Cultura. Disponível em:

<http://www.compos.org.br/data/biblioteca_735.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2010, 11:34.

Banda sonora. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_sonora>. Acesso em: 14 jul. 2010, às 13:00.

CARVALHO, Layo Fernando Barros de. Estética publicitária e linguagem cinematográfica: uma análise imagética e pós-moderna de Cidade de Deus. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/layos1.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2010, 13:37.

Comentário sobre o DVD intitulado “O Assalto ao Trem Pagador”. Disponível em: <http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_resenha_dvd.asp?produto=6203>. Acesso em: 06 jul. 2010, 12:50.

COSTA, Lailton Alves da. Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/imagens/1/10/GT4-_17>. Acesso em: 27 jul. 2010, 09:07.

GODOY, Hélio. Paradigma para Fundamentação de uma Teoria Realista do Documentário. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/godoy-helio-realismo-documentario.pdf>>. Acesso em 21 jul. 2010, 15:09.

Jean Baudrillard: o pensador francês que inspirou a trilogia de Matrix critica o filme e a cultura americana. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 09 de jun. 2003. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com/Época/0,6993,ESP363-1654,00.html>>. Acesso em: 21 jul. 2010, 10:17.

THIBAUD, Paul. A noção de interpretante de Peirce. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao15.html>>. Acesso em 08 set. 2010, às 14:00.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARMES, Roy. **On vídeo**: o significado do vídeo nos meios de comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

AUMONT, Jacques. **As teorias dos cineastas**. São Paulo: Papirus, 2004.

BALOGH, Ana Maria. O pantagruel eletrônico ou a máquina antropofágica. In: _____. **O discurso ficcional na TV**. São Paulo: Edusp, 2002. p. 23-29.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHAMAN, Terezinha de Jesus Bellote. **Relação de interface**: jornalismo especializado em literatura no jornalismo periódico. 2005. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **L’interview médiatique**: qui raconte sa vie? Cahiers de sémiotique textuelle n° 8-9, Université de Paris X, 1986.

CHARAUDEAU, Patrick. Princípios de organização do discurso. In: _____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009. p. 67-75.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto na reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

COSTA, Cristina. Ficção e cultura de massa. In: _____. **Ficção, Comunicação e Mídias**. São Paulo: SENAC, 2002. p. 19-51.

DINES, Alberto. **100 páginas**: grandes momentos do jornalismo brasileiro nos últimos 80 anos. São Paulo: LF & N, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. A comunicação na Guanabara de 1960 a 1967. In: _____. **História da Comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1967. p. 332.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1999.

PORTO, Maria Stela Grossi. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 152-171, 2002.

ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. et. al. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória: Kaygangue, 2005.

ROSSINI, Mirian de Souza. Favelas e favelados: a representação da marginalidade urbana no cinema brasileiro. **Sessões do Imaginário**. Porto Alegre, n.10, p. 29-34, 2003.

SALOMON, Décio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SALZEDAS, Nelyse Aparecida Melro. A câmara televisiva leitora da ambigüidade literária de Eça: o silêncio que fala. In: CONGRESO INTERNACIONAL LUSOCOM, 2006, Santiago de Compostela. **Actas...** Santiago de Compostela: 2006. p. 840-858.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Muito além do Jardim Botânico**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Modelos. In: _____. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986. p. 45-60.

VANOYE, Francis. et. al. As funções da linguagem na expressão e na comunicação. In: _____. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 52-57.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papirus, 1994.

WOLF, Mauro. Contextos e paradigmas na pesquisa sobre os mass media. In: _____. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1995. p. 109-112.

ANEXOS A

(CORPUS DE PESQUISA – JORNAL *O GLOBO*)

ANEXO 01

Página 1 da Edição 10463 de *O Globo*
Fonte: Jornal *O Globo*, 14/06/1960.

Clima Menos Tenso em Tóquio Para a Visita do Presidente Eisenhower

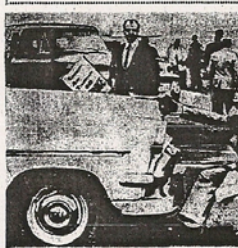
(TELEGRAMAS EM "O GLOBO EM FOCO", NA COTIDIANA PÁGINA)

P.S.D. E P.T.B. NOVAMENTE A PROCURA DE UM CANDIDATO COMUM

Aceitada Nova Critéria Para a Indicação do Nome Das Fregues Situaçãoistas — Preferência Do Marechal Teixeira Lott Pelo Marechal Eurico Dutra — Augusto do Amaral Peixoto Desconhece Adversidade de Soteros Militares Sobre a Candidatura do Sr. Carlos Lacerda — Conversa Com o Ministro da Justiça — P.S.P. Expulsa os Deputados Esmerino Arruda e Mala Lelo — O Marechal Dutra Não Vai ao Camêio do Marechal Lott (6.ª PÁG.)



PORTO PARA ALISTAMENTO ELEITORAL DE REGISTROS — O Tribunal Regional Eleitoral instalou ontem um posto eleitoral na sede do Consórcio Religioso Brasileiro, na Avenida Rio Branco, 131, 8.º andar. Os membros do Conselho de Administração do Consórcio Religioso Brasileiro, presidido por T. B. R., um funcionário da Justiça Eleitoral, supervisionou o alistamento, acompanhado de 60 funcionários. Em declarações à imprensa, o Padre Teófilo C. de Figueiredo, superior do Consórcio, afirmou que as autoridades eclesásticas não devem interferir em assuntos políticos, mas que, no entanto, agiram para manter um ambiente de ordem e disciplina. *** Na foto, religiosos quando se alistaram no posto.



CHURCH DO APRESENTAMENTO — Um funcionário não-identificado do Consórcio Religioso Brasileiro, quando participou de um registro, no Consórcio Brasileiro de Registros, em 14 de junho de 1960. (Edição, 14.6.60, O GLOBO)

Estaria no Rio O Casal Fugitivo

Em nota divulgada, a Justiça do Rio de Janeiro informou que o casal fugitivo, o casal de amantes, não foi encontrado na residência em São Paulo. O casal, que se apresentava como "Sr. e Sra. Eurico Dutra", não foi encontrado na residência em São Paulo. O casal, que se apresentava como "Sr. e Sra. Eurico Dutra", não foi encontrado na residência em São Paulo.

Sammy Davis Espetacular



Sammy Davis Jr. em uma das suas apresentações. (Edição, 14.6.60, O GLOBO)



VIAGEM CORAJOSA

Numa viagem determinada, que se fez hoje e na noite de ontem, o Sr. Eurico Dutra, presidente do P.S.D., viajou para o Rio de Janeiro, onde se encontra o Sr. Carlos Lacerda, presidente do P.T.B. A viagem foi determinada pelo Sr. Eurico Dutra, presidente do P.S.D., para discutir a possibilidade de uma aliança entre os dois partidos. A viagem foi determinada pelo Sr. Eurico Dutra, presidente do P.S.D., para discutir a possibilidade de uma aliança entre os dois partidos.

Frondizi Não se Opõe a um Encontro Com Ben-Gurion

Declarações do Passar Por Recife — Reito Por via Argentina — Após a Operação Pan-Americana (TEXTO NA DECIMA-QUINTA PÁGINA)

ANO XXXVI — Rio de Janeiro, terça-feira, 14 de junho de 1960 — N.º 10 468

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO
Diretor-Editor: ROBERTO MARINHO
Diretor-Administrativo: RICARDO MARINHO

O Cardeal Montini, na PUC:
IDEOLOGIAS DIVIDEM O MUNDO; NÃO AS QUESTÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS

Homenageado Com o Título de Doutor "Honoris Causa", no Universidade Católica, o Patriarca de Milão — Discurso Emocionado do Professor Alceu de Amoroso Lima e a Agradecimento do Cardeal Montini, Presente, ao Sr. Juscelino Kubitschek e Sete Câmara, o Nuncio Apostólico e Outros Altas Personalidades — Visita do Cerebrário e a Recepção Que o Reitor Padre Calmon Não Esperava — Recepção no Nunciato — O Embaixador do Cardeal Montini Para Roma Hoje (6.ª PÁG.)



Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Vão Buscar os Atores Para o "Minas Gerais"



Restabelecida a Assistência Policial

O CHEFE de Polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma. O chefe de polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma.

Restabelecida a Assistência Policial

O CHEFE de Polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma. O chefe de polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma.

Restabelecida a Assistência Policial

O CHEFE de Polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma. O chefe de polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma.

Restabelecida a Assistência Policial

O CHEFE de Polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma. O chefe de polícia restabeleceu a assistência policial em São Paulo, após a suspensão da mesma.



Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

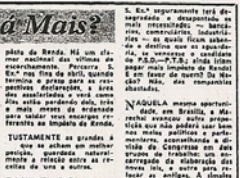
Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.



Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.



Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

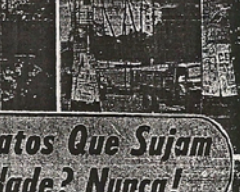
Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Iniciadas Ontem as Provas do Concurso Nacional de Piano

As Eliminatórias Prosseguem Amanhã, às 20h 30m, no Auditório do Ministério da Educação (15.ª PÁG.)

Candidatos Que Sujam a Cidade? Nunca!



Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Quem dá Mais?

Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma. Se alguém se oferece com generosidade na mesma da última madrugada, a situação de quem dá mais é a mesma.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

Assalto a um Trem Pagador da Central!

A Direção do Trem de São Paulo informou que o trem pagador que estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, foi assaltado por um grupo de pessoas. O trem estava em trânsito no Estado de São Paulo, no dia 14 de junho, quando foi assaltado por um grupo de pessoas.

ANEXO 02

Página 1 da Edição 10464 de O Globo

Fonte: Jornal O Globo, 15/06/1960

AGRAVA-SE A TENSÃO EM TÓQUIO

Kishi Adiou a Ratificação do Pacto Com os EUA

TÓQUIO, 15 (A.P. — O GLOBO) — Nobusuke Kishi, Primeiro-Ministro, adiou hoje a ratificação do tratado de defesa com os Estados Unidos, cedendo assim a oposição esquerdista. Kasaky Shinoda, porta-voz do Partido Liberal, o que pertence Kishi, anunciou que o Parlamento entrará em recesso durante a visita de Eisenhower.

ANO XXXVI — Rio de Janeiro, quarta-feira, 15 de Junho de 1960 — N.º 10 464

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Tesoureiro: HERBERT NOGES

Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO

Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO



PARTIU O CARDEAL MONTINI

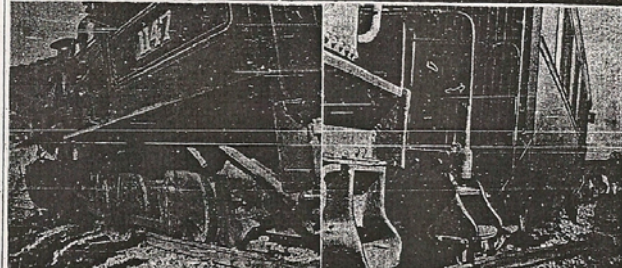
O CARDEAL Montini, que ontem à tarde deixou o Rio de Janeiro à Itália, estava pela manhã visitando um São João. Quando se aproximava do Rio de Janeiro, o artilheiro de São João, Paulo de Paula, o Cardeal Montini abriga uma criança. (Reportagem na 11.ª página)



Em Face da Lei, "Ali" Pode Ficar

NÃO há lei, regularmente no poder municipal que impõe os moradores de apartamentos de manterem em sua companhia as idas de sua propriedade. Sua observação, a princípio, no sentido da lei da 1.ª Vara Civil, permite ao cidadão "Ali" (leia-se: todos os cidadãos) entrar no apartamento, usar da liberdade de andar, que levou o caso à Justiça. O único impedimento seria, então, a comprovação expressa em contrato. Além disso, porém, que o documento foi assinado pelo senhor do imóvel e não de "Ali". Assim sendo, eis a que deveria ser processada. O animal e de restituição a sua dona. Uma pessoa que não recebeu porque é resultante da criança. (Teve na 11.ª página)

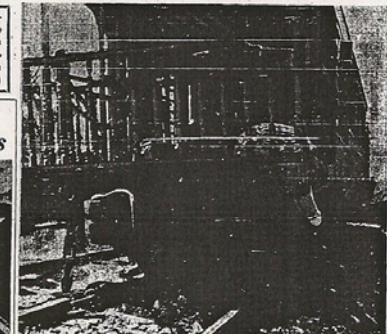
Dinamite no Caminho do Trem-Pagador



Uma instalação elétrica nos trilhos fez a própria campanha de dinamite e de bombas de dinamite colocadas nos trilhos, durante o mês de maio. Quando o desarmamento, os assaltantes passaram a agir, tal como nas linhas de "far-west". Vinte e sete milhões de cruzeiros foram roubados.

BANDIDOS DE MÁSCARA E LUVAS MATAM UM FERROVIÁRIO, FEREM 4 E FOGEM COM 27 MILHÕES

Fuzilaria Sobre o Trem Que Salta Dos Trilhos — Entre Jageri e a Parada do Batais — Rapidez e Recursos Surpreendentes Dos Assaltantes — As Autoridades em Intensa Atividade de Investigação, Procurando Cercar os Bandidos (REPORTAGEM NA 6.ª PÁGINA)



O repórter Francisco Pereira Correia não pôde ter o que ocorreu. Vinte e sete milhões de cruzeiros foram roubados. O corpo de fuzilaria apareceu sobre os trilhos da capital.

A Cidade Precisa da Ajuda de Todos



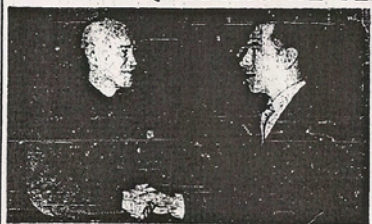
As autoridades da administração municipal, para melhorar a situação da cidade, estão em busca de soluções. A "Operação Dinamite" é a primeira tentativa de melhorar a situação da cidade. (Teve na 11.ª página)

Planos já Existem; Falta Executá-los

Em Entrevista a O GLOBO, o Deputado Carlos Lacerda Enuncia as Principais Providências Com Que Pretende Resolver o Problema da Água, ao Elito Governador do Estado da Guanabara — Complementação Dos Obras da Guanabara, Revisão Total da Rede de Encanamento e Revisão Dos Tarifos (NA 5.ª PÁGINA)

CHIANG KAI-SHEK EM ENTREVISTA A "O GLOBO"

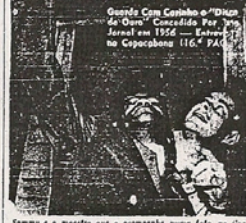
A EXTINÇÃO DO COMUNISMO NA CHINA É QUESTÃO DE TEMPO



O Generalissimo Chiang Kai-shek, um dos mais importantes líderes da revolução, foi entrevistado por O GLOBO. Professor de História da Universidade de São Paulo, ele é um dos mais importantes líderes da revolução. (Teve na 11.ª página)

Reafirmando Sua Amizade ao Brasil, o Líder Nacionalista Chinês Declara a Necessidade de Cada Vez Maior de Resistência ao Comunismo Internacional — Não Nos Iludamos: Moscou e Pequim Pensam do Mesmo Manto — O Que se Diz em Contrário Tem Sido Esclarecido Pelas Próprias Comunistas, Como Cortina de Fumaça (Do Professor Carlos F. Viçosa — Exclusiva Para O GLOBO, na 11.ª Página)

De O GLOBO o Único Troféu Recebido Por Sammy Davis Jr.



Quando Com Carreira e "Dinamite" Concedido Por O GLOBO em 1956 — Recebido na Copacabana (11.ª PÁGINA)

Fuzilados Beaton e Seus Companheiros

EM CIRCULAR enviada a todos os Ministros e órgãos subordinados diretamente à Presidência da República, o Sr. General Pacheco, chefe da Segurança Nacional, que amanhã será considerado fuzilado e morto em todos os jornais públicos federais.

ABELARDO JUREMA AFIRMA QUE OS PODERES ESTÃO FUNCIONANDO EM BRASÍLIA

Declarações do Líder da Maioria Contestando o Desaparecimento do Deputado Adalberto Lima Cardoso — Em Funcionamento o Supremo Tribunal Federal, o Tribunal Superior Eleitoral e o Conselho Nacional — Censura da Vitória do Marechal Lott — Impossibilidade do Lançamento do Sr. Siqueira Campos Para o Governo da Guanabara — O P.T.B. Pede Licença Para Lançar o Nome do Sr. Lúcio Vargato (1.ª PÁGINA)

Encontrados Nelson e Olivera Numa Chácara em Curitiba

Os Jovens Haviem Saído do Rio em Aviãos Diferentes, Viajavam em Voos de Segunda Classe e Caleçam as Mãos Nos Trabalho da Companhia — "Não Podemos Contrariar um Amor Sincero", Diz o Pai de Jovem (TEXTO NA DECIMA-SEGUNDA PÁGINA)

[illegible]

partir dessa data, o registro
tudo estará sujeito as mul-
ta mais de 10%.

ANEXO 07

Página 4 da Edição 10466 de *O Globo*
Fonte: Jornal *O Globo*, 17/06/1960

O GLOBO * 17-6-60 * Página 4

Reportagem SOCIAL

CHEGA DE CERTAMENS...

ENQUANTO o Governador do Estado discute a possibilidade de uma reforma no ensino superior, o Conselho de Administração da U.D.N. discute a possibilidade de uma reforma no ensino médio. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

Para isso, o Conselho de Administração está trabalhando para que a reforma do ensino médio seja realizada o mais cedo possível. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

MAY 1957, na sua primeira reunião, o Conselho de Administração da U.D.N. discutiu a possibilidade de uma reforma no ensino médio. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

E falando em ensino, os alunos da U.D.N. estão muito interessados em saber o que vai acontecer com o ensino médio. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

O Conselho de Administração da U.D.N. está trabalhando para que a reforma do ensino médio seja realizada o mais cedo possível. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

O Conselho de Administração da U.D.N. está trabalhando para que a reforma do ensino médio seja realizada o mais cedo possível. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

QUANTO ao ensino, os alunos da U.D.N. estão muito interessados em saber o que vai acontecer com o ensino médio. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

MARINE DISTRICH, professora de Inglês na U.D.N., está muito interessada em saber o que vai acontecer com o ensino médio. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível. A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

CROQUI DO LOCAL ENCONTRADO
COM UM SUSPEITO!

COM UM SUSPEITO!
A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

COM UM SUSPEITO!
A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

COM UM SUSPEITO!
A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

COM UM SUSPEITO!
A reforma do ensino médio é uma das prioridades da U.D.N. e o Conselho de Administração está trabalhando para que ela seja realizada o mais cedo possível.

Hemolegada Pela UDN Carioca a Candidatura de Carlos Lacerda ao Governo do Estado

A U.D.N. carioca, reunida na noite de ontem em sua XVI Conferência Regional, decidiu pela hemolegada de Carlos Lacerda ao Governo do Estado de Guanabara. O nome de Lacerda foi escolhido para concorrer ao cargo de governador do Estado em 1961.

A decisão foi tomada por uma maioria de 15 votos contra 10. Carlos Lacerda é considerado o candidato mais forte para o cargo de governador do Estado em 1961.

A Chapa Udelista
A chapa Udelista, formada por membros da U.D.N. carioca, decidiu não concorrer ao cargo de governador do Estado em 1961.

Jair Martins Dela e U.D.N.
Jair Martins Dela, candidato da U.D.N. carioca ao cargo de governador do Estado em 1961, decidiu não concorrer ao cargo.

SAO JOAO - SAO PEDRO
A U.D.N. de São João e São Pedro decidiu não concorrer ao cargo de governador do Estado em 1961.

Infantil
A U.D.N. Infantil decidiu não concorrer ao cargo de governador do Estado em 1961.

CLUBE DOS MEDICOS
O Clube dos Médicos decidiu não concorrer ao cargo de governador do Estado em 1961.

JÁ LEU O LIVRO DE MAXIMAS
O livro de Maximas foi lido e discutido na reunião da U.D.N. carioca.

"CONVOCADAS AS TRÊS MIL PROFESSORAS"
As três mil professoras foram convocadas para a reunião da U.D.N. carioca.

Peritamento Normal a Saúde de Presidente
O peritamento normal a saúde do Presidente da U.D.N. carioca.

DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA
A distribuição de energia elétrica foi discutida na reunião da U.D.N. carioca.

ESCOLA FLUMINENSE DE ENGENHARIA
A Escola Fluminense de Engenharia decidiu não concorrer ao cargo de governador do Estado em 1961.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

OCULOS
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

EXCURSÕES SATURIN

PROGRAMA TURISTICO
A excursão turística da U.D.N. carioca será realizada em 1961.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

FRATURAS - ORTOPEDIA
O projeto de lei sobre o ensino médio foi discutido na reunião da U.D.N. carioca.

ANEXO 09

Página 4 da Edição 10468 de O Globo
Fonte: Jornal O Globo, 20/06/1960

O GLOBO 20-6-60 * Página 4

PERE-SE A POLÍCIA EM UM ENFARINHADO DE PISTAS NO ASSALTO AO TREM

FOTOGRAFIA — Os 40 homens que a Delegacia Antiterrorista empregou em uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições, foram surpreendidos por uma resistência armada e numerosa, que os obrigou a abandonar a operação e fugir para o interior da cidade.

Batida na Presidente Dutra

Dutro

Durante 40 horas consecutivas, a Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizou uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições, que estavam sendo transportadas para o interior da cidade.

Roubo Das Ferramentas

Proseguição às diligências

Proseguição às diligências para a recuperação das ferramentas roubadas durante o assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Presos Dos Suspeitos

Em Barro Preto

Em Barro Preto, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

A História do Carro

Autos

Autos, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

A Mulher Assaltante

Cravou a Faca no Peito do Engenheiro Alemão

A

A, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Sequestrou, Roubo

Fugiu

Fugiu, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

VENDIAM CARNE DO EXÉRCITO

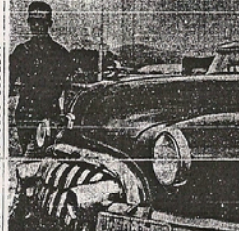
Do Exército

Do Exército, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

SOLDADOS BRASILEIROS COMBATEM BANDOQUEIROS NA SELVA AMAZÔNICA

Brasil

Brasil, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.



O Sr. José Egil de Oliveira, proprietário de "Bala", no lado do assalto.

Emprego em Itaguaí

Em Itaguaí

Em Itaguaí, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Na propriedade de Deodoro

Em Deodoro

Em Deodoro, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Para o Ofício

Incendiado

Incendiado, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Reconhecido Pelo Dano

Reconhecido

Reconhecido, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Presos Dois Membros da Quadrilha de Falsários

Presos

Presos, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Vassulho do Marro

Vassulho

Vassulho, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Homero, Hoje Não!

Homero

Homero, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Morto o Enfermo no Desastre Com a Ambulância

Morto

Morto, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Assaltante Jogou Sua Vassoura no Capharibe

Assaltante

Assaltante, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

MATOU A TIROS O DESAFETO E FERIU AINDA O MENINO

MATOU

MATOU, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Estaria na Favela

Estaria

Estaria, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Pela Ainda há Quem Cala no Conto do "Paco"

Pela

Pela, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Agradido Pelo Colega

Agradido

Agradido, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Tinha Mito de Ser Mito

Tinha

Tinha, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Transferência de Comédias

Transferência

Transferência, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

O GIBRI FUGIU FOGO — O GIBRI FUGIU FOGO

O GIBRI

O GIBRI, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Capitão-Ledão, dirigiu por Valdeir Digo, herdado

Capitão

Capitão, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Para o Ofício

Para

Para, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Reconhecido Pelo Dano

Reconhecido

Reconhecido, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Presos Dois Membros da Quadrilha de Falsários

Presos

Presos, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Vassulho do Marro

Vassulho

Vassulho, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Homero, Hoje Não!

Homero

Homero, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Morto o Enfermo no Desastre Com a Ambulância

Morto

Morto, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Assaltante Jogou Sua Vassoura no Capharibe

Assaltante

Assaltante, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

DRAMAS E COMÉDIAS DA CIDADE

DRAMAS

DRAMAS, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

FRUTUOSO DO DEU FORTE

FRUTUOSO

FRUTUOSO, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Duelo na Tenda

Duelo

Duelo, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

O que se Desesperam

O que

O que, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Pela Ainda há Quem Cala no Conto do "Paco"

Pela

Pela, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Agradido Pelo Colega

Agradido

Agradido, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Tinha Mito de Ser Mito

Tinha

Tinha, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Transferência de Comédias

Transferência

Transferência, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

O GIBRI FUGIU FOGO — O GIBRI FUGIU FOGO

O GIBRI

O GIBRI, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Capitão-Ledão, dirigiu por Valdeir Digo, herdado

Capitão

Capitão, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Para o Ofício

Para

Para, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Reconhecido Pelo Dano

Reconhecido

Reconhecido, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Presos Dois Membros da Quadrilha de Falsários

Presos

Presos, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Vassulho do Marro

Vassulho

Vassulho, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Homero, Hoje Não!

Homero

Homero, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Morto o Enfermo no Desastre Com a Ambulância

Morto

Morto, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

Assaltante Jogou Sua Vassoura no Capharibe

Assaltante

Assaltante, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

General Bernardino C. de Mattos Netto

General

General, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

A Diretoria do Cia. Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras, contatada com o falecimento de seu amigo e membro do Conselho Consultivo GENERAL BERNARDINO C. DE MATTOS NETTO, convidou os parentes e amigos de falecido para o missa em intenção de seu alma, que será realizada na Igreja do Condado, hoje, segunda-feira, dia 20, às 11 horas.

A Diretoria

A Diretoria, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

General Bernardino C. de Mattos Netto

General

General, os investigadores da Delegacia Antiterrorista, sob o comando do delegado Carlos de Faria, realizaram uma operação de assalto ao trem, para apreender um grande estoque de armas e munições.

ANEXO 10

Página 3 da Edição 10469 de O Globo
Fonte: Jornal O Globo, 21/06/1960

Henrique Pongetti apresenta
O SHOW da CIDADE

UN ROBOT
VOCÊS já viram o robot apresentado num show de televisão como chamaram de "robot" e agora vão vê-lo ao vivo, em primeira mão, no show da cidade. O robot é um homem de metal, com um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

QUATRO ANOS
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

Perfeito comando elétrico
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

QUADROS de distribuição de luz e força ELETROMAR
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

TELEVISORES modelos 1960 de 17 e 21 polegadas
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

À VISTA pelo menor preço do prazo
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

Será iniciado Dia 27 o pagamento do Funcionalismo
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

Gelandusa
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

ASMA
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

PO INDIANO
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

UNICA GARANTIA E LLITIMA
Foi tal modo que impressionou o robot de metal, com uma cabeça humana, e um corpo humanoide, mas com uma cabeça diferente. Ele tem um rosto humano, mas com uma boca que se abre e fecha, e olhos que se movem. Ele é capaz de fazer movimentos humanos, como andar, falar e fazer gestos. Ele é um robot muito avançado, e é muito interessante de ver.

IDENTIFICADOS E NA MIRA DA POLÍCIA DOIS DOS ASSALTANTES DO TREM

A MAO há doze dias que os assaltantes do trem da linha de Botafogo e São Cristóvão, em direção ao Rio de Janeiro, estão sendo procurados pela polícia. Um dos assaltantes, identificado como João da Silva, foi encontrado em uma casa no bairro de Botafogo. O outro assaltante, identificado como João da Silva, foi encontrado em uma casa no bairro de São Cristóvão.

A História do Crime
Dois a três horas da tarde, em 13 de junho, um trem da linha de Botafogo e São Cristóvão, em direção ao Rio de Janeiro, foi assaltado por dois homens. Os assaltantes roubaram dinheiro e joias. O trem parou em uma estação e os assaltantes saíram. A polícia foi avisada e começou a procurar os assaltantes.

Identificados
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

Dois Assaltantes
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

Detetor e Outros Nomes
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

Hoje, o Brigadeiro Eduardo Gomes
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

A Míngua da Guarda
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

GOVERNADOR BIAS FORTES: EXPORTAÇÃO DE MINÉRIOS APENAS É ESTÁGIO COLONIAL
O governador Bias Fortes declarou ao JORNAL DO BRASIL que o aumento puro e simples da exportação de minérios das jazidas de seu Estado não interessa nem à sua administração nem à economia mineira, acrescentando que seu Governo está empenhado em promover a industrialização das matérias-primas locais e, por isso, estimula e participa de iniciativas como a USIMINAS e a siderurgia de Vitor.

Epoca dos Vice-Reis
Após lembrar que já passou o tempo em que os vice-reis governavam o Brasil, o governador Bias Fortes afirmou que o Brasil hoje é um país independente e soberano. Ele afirmou que o Brasil não precisa mais de um vice-rei e que o Brasil deve governar a si mesmo.

REPORTER-AMADOR 22-2000 e 32-2301
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

A Tijuca Já Tem Pronto-Socorro

DIPOIS de muito esforço, a RATI viu finalmente realizada sua ideia de criar um pronto-socorro na Tijuca. O pronto-socorro foi inaugurado em 13 de junho. Ele é um pronto-socorro muito bom, com muitos equipamentos e com muitos médicos. Ele é muito útil para a população da Tijuca.

Uma Mensagem
Muito obrigado a todos os que ajudaram a criar o pronto-socorro da Tijuca. Sem a ajuda de todos vocês, não seria possível. Muito obrigado a todos os médicos e enfermeiros que trabalham no pronto-socorro. Muito obrigado a todos os voluntários que ajudam a trabalhar no pronto-socorro.

Uma Lupa no Local
Salvo erro, não se deve esquecer que a lupa é um instrumento muito útil. Ela é usada para ampliar objetos pequenos. Ela é muito útil para a ciência e para a indústria. Ela é muito útil para a vida cotidiana.

João Presto
Parabéns ao João Presto por sua atuação no JORNAL DO BRASIL. Ele é um jornalista muito bom, com muitos conhecimentos e com muita experiência. Ele é muito útil para a população e para a imprensa.

Um Suspeito
Dois dos assaltantes do trem foram identificados. Um deles é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m. O outro é João da Silva, 35 anos, brasileiro, de cor preta, com altura de 1,70 m.

COMUNICADO
A Veng S.A. - Veículos e Máquinas Agrícolas, de São Paulo, desde 1951, produz e distribui com competência e eficiência os veículos "Scania-Volvo". Posteriormente, com o crescimento progressivo desta indústria, os produtos da Veng S.A. passaram a ser produzidos e distribuídos pela Scania-Volvo do Brasil S.A.

COMUNICADO
A Veng S.A. - Veículos e Máquinas Agrícolas, de São Paulo, desde 1951, produz e distribui com competência e eficiência os veículos "Scania-Volvo". Posteriormente, com o crescimento progressivo desta indústria, os produtos da Veng S.A. passaram a ser produzidos e distribuídos pela Scania-Volvo do Brasil S.A.

COMUNICADO
A Veng S.A. - Veículos e Máquinas Agrícolas, de São Paulo, desde 1951, produz e distribui com competência e eficiência os veículos "Scania-Volvo". Posteriormente, com o crescimento progressivo desta indústria, os produtos da Veng S.A. passaram a ser produzidos e distribuídos pela Scania-Volvo do Brasil S.A.

COMUNICADO
A Veng S.A. - Veículos e Máquinas Agrícolas, de São Paulo, desde 1951, produz e distribui com competência e eficiência os veículos "Scania-Volvo". Posteriormente, com o crescimento progressivo desta indústria, os produtos da Veng S.A. passaram a ser produzidos e distribuídos pela Scania-Volvo do Brasil S.A.

COMUNICADO
A Veng S.A. - Veículos e Máquinas Agrícolas, de São Paulo, desde 1951, produz e distribui com competência e eficiência os veículos "Scania-Volvo". Posteriormente, com o crescimento progressivo desta indústria, os produtos da Veng S.A. passaram a ser produzidos e distribuídos pela Scania-Volvo do Brasil S.A.

COMUNICADO
A Veng S.A. - Veículos e Máquinas Agrícolas, de São Paulo, desde 1951, produz e distribui com competência e eficiência os veículos "Scania-Volvo". Posteriormente, com o crescimento progressivo desta indústria, os produtos da Veng S.A. passaram a ser produzidos e distribuídos pela Scania-Volvo do Brasil S.A.

ANEXOS B

**(COMENTÁRIOS SOBRE O FILME
“*O ASSALTO AO TREM PAGADOR*”)**

ANEXO 11

Transcrição do Comentário do diretor Roberto Farias

Fonte: Filme “O Assalto ao Trem Pagador”, 2008, versão comentada.

INTRODUÇÃO

“Um dia o Herbert Richers marcou uma sessão do Assalto ao Trem Pagador em Brasília, no Palácio da Alvorada, para o então presidente João Goulart. Essa sessão se deu na noite de 9 de julho de 1962 e foi uma noite especialíssima, porque coincidiu com a eleição para Primeiro-Ministro do Sr. Francisco Brochado da Rocha, no curto período de Parlamentarismo que tivemos.

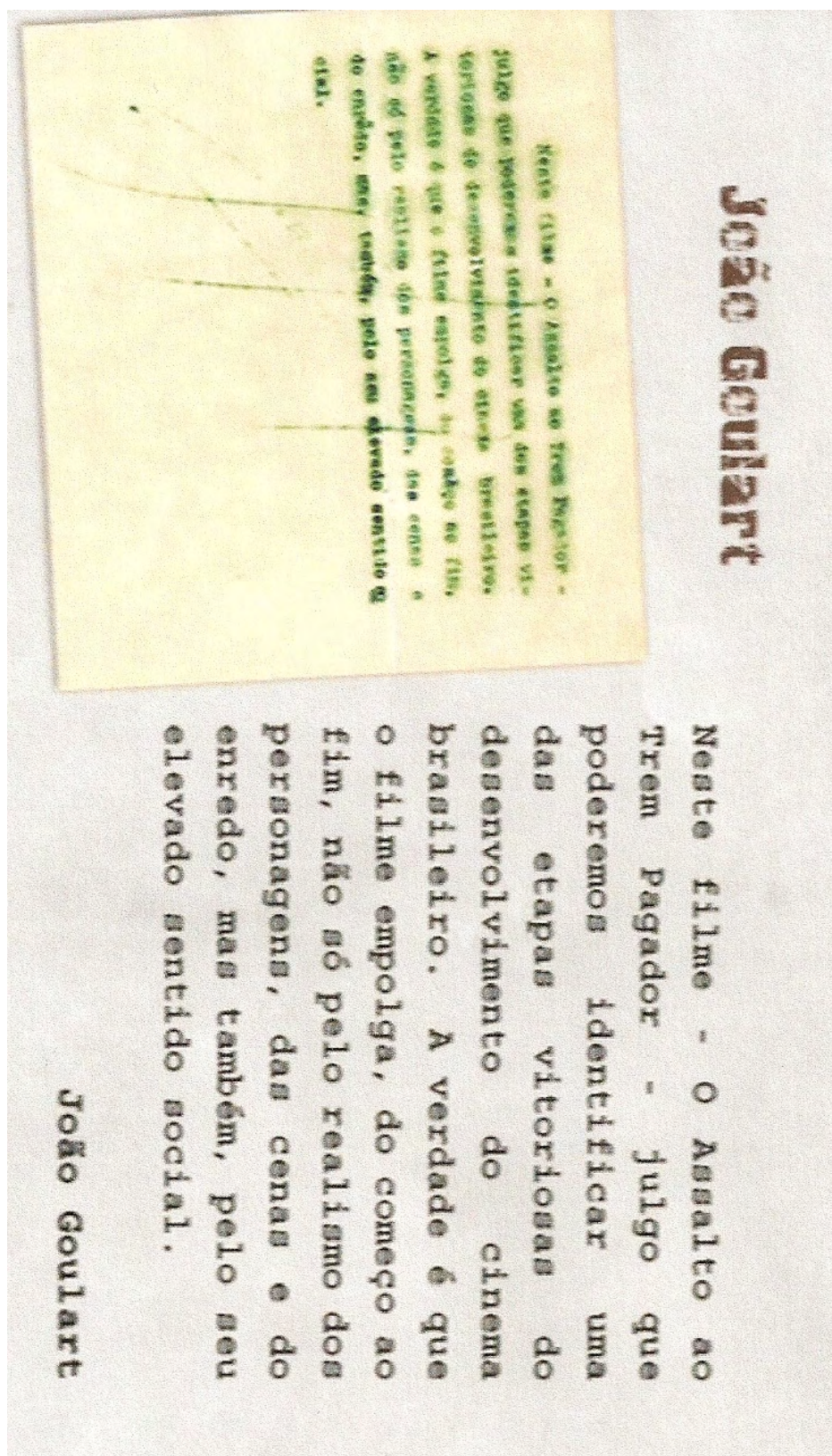
Nessa sessão estavam as figuras mais importantes do governo Goulart. Ali estavam San Tiago Dantas, Evandro Lins e Silva, Hermes Lima, Tancredo Neves e Brochado da Rocha.

O filme foi exibido e o Mauro Salles – jovem ainda e assessor de imprensa do Presidente da República – depois de terminada a sessão, pegou um bloco e pediu para que cada um dos presentes escrevesse as suas impressões sobre o filme. Eu guardo esses manuscritos até hoje com muito carinho, porque foi uma noite histórica para o governo brasileiro e histórica para mim como diretor do filme.”

Roberto Farias

ANEXO 12

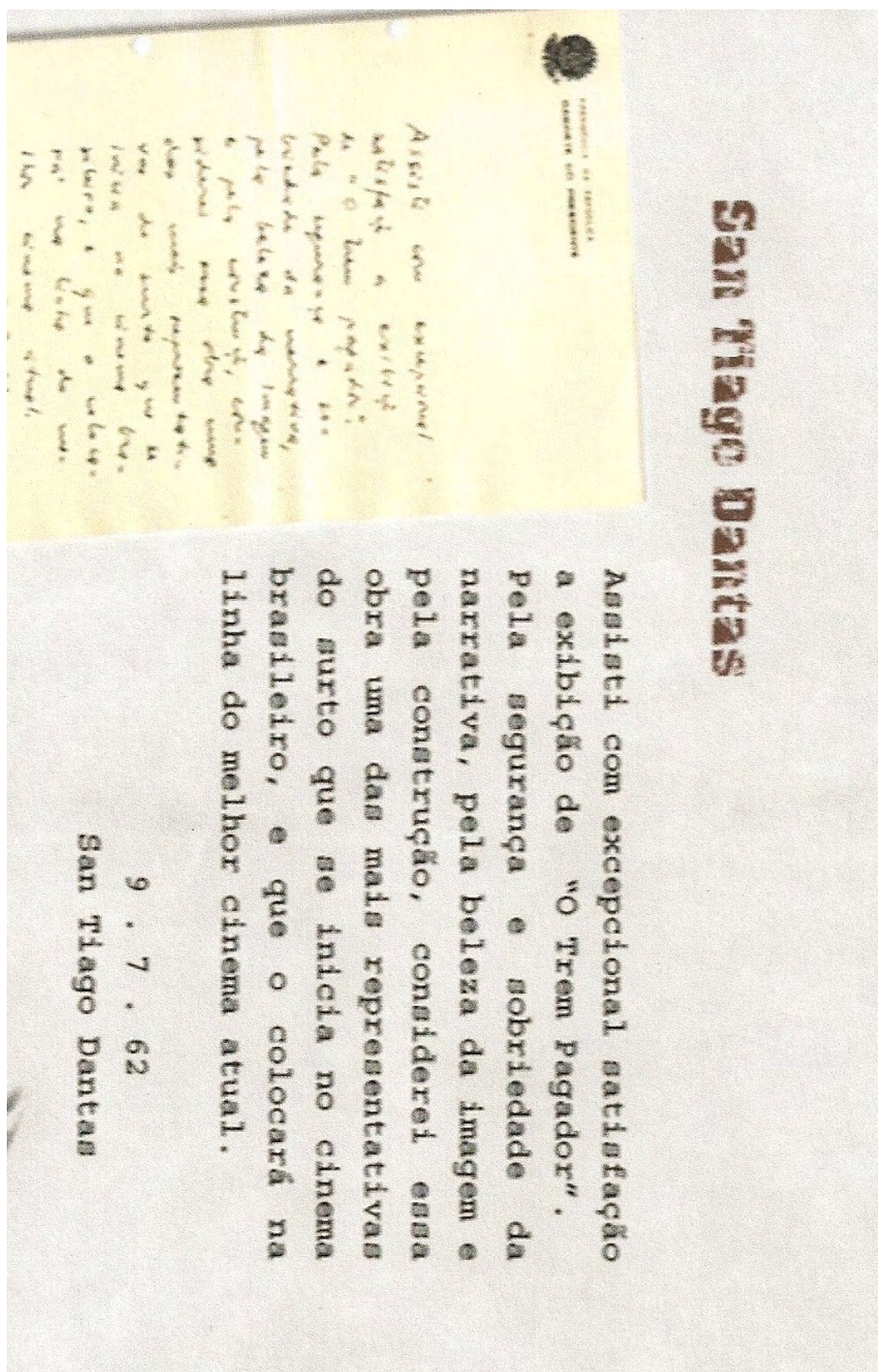
Transcrição do Comentário do Presidente da República, em 1962, João Goulart
 Fonte: Filme “O Assalto ao Trem Pagador”, 2008, versão comentada.



ANEXO 13

Transcrição do Comentário de San Tiago Dantas

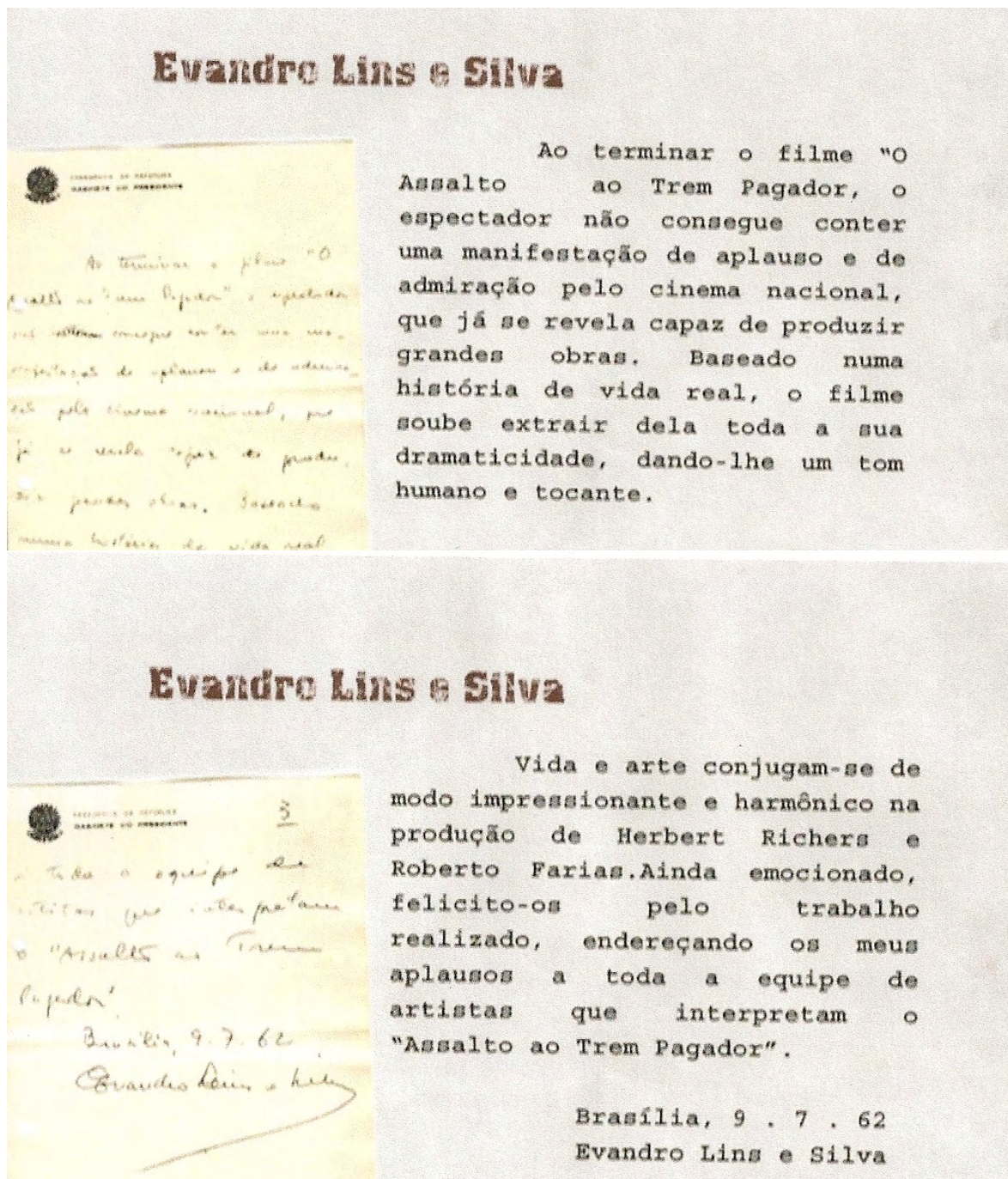
Fonte: Filme “O Assalto ao Trem Pagador”, 2008, versão comentada.



ANEXO 14

Transcrição do Comentário de Evandro Lins e Silva

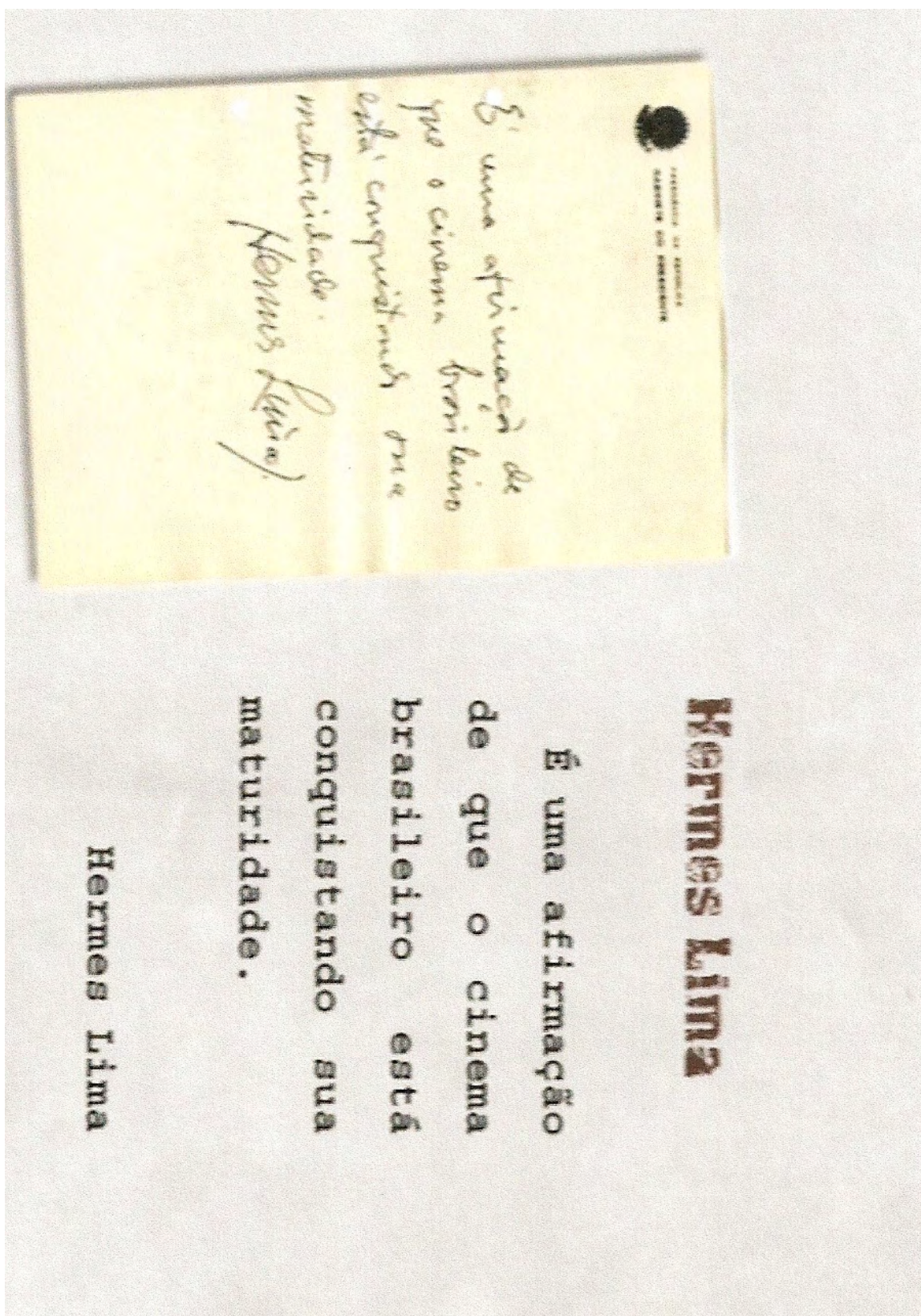
Fonte: Filme “O Assalto ao Trem Pagador”, 2008, versão comentada.



ANEXO 15

Transcrição do Comentário de Hermes Lima

Fonte: Filme “O Assalto ao Trem Pagador”, 2008, versão comentada.



ANEXO 16

Transcrição do Comentário de Tancredo Neves

Fonte: Filme "O Assalto ao Trem Pagador", 2008, versão comentada.

Tancredo Neves



ACADEMIA DE CINEMA
BRASIL

"O Assalto ao Trem Pagador"

marca um ponto alto na evolução do cinema brasileiro. O fundo humano que o anima, desenvolvido com apurada técnica, prende a atenção e mantém o tônus emocional em todo o seu desempenho. Merece louvor a ação dos artistas que integram o elenco do filme, todos eles com atuação destacada, que a direção, conduzida com segurança e elevado senso artístico, permitiu se mostrassem no rigor de seu talento.

O "Assalto ao Trem Pagador" marca um ponto alto na evolução do cinema brasileiro. O fundo humano que o anima, desenvolvido com apurada técnica, prende a atenção e mantém o tônus emocional em todo o seu desempenho. Merece louvor a ação dos artistas que integram o elenco do filme, todos eles com atuação destacada, que a direção, conduzida com segurança e elevado senso artístico, permitiu se mostrassem no rigor de seu talento.

Tancredo Neves



ACADEMIA DE CINEMA
BRASIL

a obra que, conduzida com segurança e elevada técnica, permite se mostrassem no rigor de seu talento.

Faz honra à nossa cultura e à nossa civilização os singulares padrões de técnica e arte de "Assalto ao Trem Pagador"

Tancredo Neves
Brasília, 9/7/62

Faz honra à nossa cultura e à nossa civilização os singulares padrões de técnica e arte de "Assalto ao Trem Pagador"

Brasília, 9 / 7 / 62

Tancredo Neves

ANEXO 17

Transcrição do Comentário do Primeiro-ministro brasileiro, em 1962, Francisco Brochado da Rocha

Fonte: Filme “O Assalto ao Trem Pagador”, 2008, versão comentada.

